

Ser Anglicana/o

Parte 1
*Aprendendo com
Nossa História*

*Um guia introdutório
para grupos de estudo*

*A Educação Teológica na
Comunhão Anglicana (TEAC)
Escritório da Comunhão
Anglicana
2021*



Ser Anglicana/o

Parte 1

Aprendendo com Nossa História

Primeira edição. Publicado novembro de 2021

Educação Teológica na Comunhão Anglicana

(Theological Education in the Anglican Communion – TEAC)

Esta publicação pode ser baixada, copiada, usada e distribuída em sua totalidade sem custos; é vedada exploração comercial, incluindo venda ou contratação por uma taxa.

O uso de extratos para fins educacionais é permitido gratuitamente, desde que a citação www.anglicancommunion.org/theology/theological-education/theological-education-resources/recursos-para-educacao-teologica.aspx seja utilizada na íntegra:

“Ser Anglicana/o: Parte 1: Aprendendo com Nossa História é propriedade © de The Anglican Consultative Council 2021 e é usado com permissão. www.anglicancommunion.org/teac”.

Copyright© The Anglican Consultative Council 2021

The Anglican Consultative Council
Saint Andrew’s House
16 Tavistock Crescent
Londres, W11 1AP
Reino Unido

ISBN: 978-1-911007-37-1

Sessões do Curso

1. Começando8

Espiritualidade Anglicana

2. Salvos pela graça, não pelas obras 12

Martinho Lutero e Arcebispo Cranmer

Os Artigos da Religião

3. Formadas/os pela Escritura..... 17

William Tyndale

A Escritura no *Livro de Oração Comum*

4. Centradas/os nos Sacramentos 22

Sacramentos no *Livro de Oração Comum*

Visões do Alto Clero

5. Guiadas/os pela Razão 27

Richard Hooker

A Era da Razão

6. Vivenciado no Coração..... 32

John Wesley e o Avivamento Evangélico

O Movimento Carismático

7. Inspiradas/dos pela Imaginação 38

Poetas e Canções

Canto de Hino de Avivamento da África Oriental

Vida na Igreja Anglicana

8. De Tradição Católica	45
Ordens do Ministério, Tempos Litúrgicos e Santoral	
Confissão e Ornamentos	
9. Autogestão	51
Episcopais dos Estados Unidos	
Anglicanas/os na Australásia	
10. Do Lugar	56
Na Inglaterra e África Ocidental	
Anglicanismo Nigeriano	
11. Incluindo as Excluídas/os	62
Os Tractarianos nas Favelas	
Castas Inferiores na Índia	
12. Dentro de um Movimento Mundial	68
O Quadrilátero	
As Redes e Links	
13. Em uma Estrutura Mundial	74
Arcebispos de Cantuária e a Conferência de Lambeth	
O Conselho Consultivo Anglicano e o Encontro dos Primazes	

Missão Anglicana

14. As Cinco Marcas da Missão	83
Desenvolvimento de uma Definição	
de Uso Abrangente	
15. Evangelismo nas Margens.....	88
John Wesley e Bernard Mizeki	
Kon Ajith do Sudão do Sul	

16. Nutrindo o Discipulado.....	94
Reuniões de Classe e Rodas de Conversa	
Aprendizagem em casa na Tanzânia	
17. Empoderando as Mulheres.....	99
Origens da União das Mães	
Projetos de MU no Quênia e no Mundo	
18. Educação Transformadora.....	104
Como Começaram as Escolas Dominicais	
Educação para todos em todo o mundo	
19. Protegendo a Criação.....	110
Igrejas Ecológicas	
Discipulado pela Justiça Ambiental no Sul da Índia	
20. Em Direção do Futuro	118
Da Parte 1 a Parte 2	
Igrejas Membros da Comunhão Anglicana	120
Recursos Online	123

Como participar

Este guia de estudo é destinado a estudantes adultos que pertencem a um grupo de estudo local, como os grupos TEE (Educação Teológica por Extensão). É um guia para a Espiritualidade Anglicana, da vida e missão da igreja em nível introdutório ou de certificação.

Depois de ler cada uma das sessões deste guia de estudo, você deve se encontrar com outras/os que fizeram o mesmo e fazer um seminário local e discutir seu aprendizado, contando um ao outro o que você aprendeu e decidindo sobre aplicações práticas do aprendizado. Cada grupo precisa de um facilitador ou tutor que irá

- reunir o grupo, manter um registro de presença e, se possível, organizar o grupo em acordo com a liderança da sua diocese
- organizar o tempo e não deixar a sessão se estender
- organizar as orações de abertura e encerramento
- encorajar cada membro a contar ao grupo o que aprendeu com sua leitura e a compartilhar as dúvidas
- ajudar a todos a pensar e decidir sobre uma aplicação prática de seu aprendizado para a semana seguinte
- certificar-se de que todas/os mantenham um registro dos principais pontos que aprenderam e como vão colocar um deles em prática a cada semana
- no início da próxima reunião, peça a todas/os para relatar o sucesso da aplicação prática e como continuarão com ela.

Quando seu grupo iniciar o curso e depois quando o completar, seu tutor informará o Diretor do Programa de Extensão para que sua conquista possa ser reconhecida e você possa passar para o próximo curso.

Este curso é todo sobre o que significa ser uma/um anglicana/o com base na história desta porção da Igreja Cristã. O conteúdo é extraído principalmente das raízes do Anglicanismo, desde o século XVI até o século XX. Ele foi criado em resposta a pedidos de diferentes partes da Comunhão Anglicana por este curso e foi projetado especialmente para lugares onde outros livros e recursos não estão disponíveis.

Para explorar o que significa ser anglicana/o hoje em dia em diferentes províncias da Comunhão Anglicana, vá para a Parte 2 destes materiais de estudo, 'Ser Anglicana/o': Aprendendo de Perspectivas Globais", que é uma coleção de depoimentos e comentários em vídeo de toda a Comunhão Anglicana a serem publicados no website da Comunhão Anglicana.

Muito do conteúdo destas sessões é semelhante a guia de estudo SCM sobre o Anglicanismo de Stephen Spencer (segunda edição, Londres: SCM Press, 2021), mas é organizado, formatado e escrito de maneiras diferentes para os leitores cuja língua mãe não é o inglês. Para mais detalhes sobre a abordagem geral e o conteúdo, e para referências e listas de leitura adicionais, consulte esse volume (também disponível como um e-book da SCM Press).

Sessão 1

Começando

Comece a sessão com uma oração de agradecimento a Deus por esta oportunidade de estarmos juntas/os numa jornada de aprendizado e pedindo a Ele que guie os pensamentos e contribuições de cada membro do grupo.

Cada membro do grupo é convidado a se apresentar e contar a história de como eles se tornaram cristãos/os e parte de uma igreja Anglicana e o que isso significa para elas/es.

Decidir sobre quem deve ser a pessoa que vai facilitar o grupo (se ainda não estiver decidido).

Pedir a todos/as que leiam as notas abaixo e depois respondam as perguntas no final. (Nas próximas sessões, todas/os terão que ler as notas com antecedência).

Hoje as igrejas Anglicanas estão presentes em mais de 165 países do mundo, com um número estimado de membros em torno de 86 milhões de pessoas. A Comunhão Anglicana une 41 dessas igrejas provinciais e nacionais, incluindo quatro igrejas unidas do subcontinente indiano, com algumas igrejas e dioceses independentes em todo o mundo (ver Apêndice). Há também uma série de outras igrejas que se descrevem como Anglicanas que não são membros da Comunhão Anglicana, tais como a Igreja Anglicana da América do Norte.

As/os anglicanas/os falam uma ampla gama de idiomas, bem como inglês, incluindo os idiomas francês (como na África Ocidental e Central), espanhol (como na América Latina e no Caribe), português (como no Brasil e na África Austral), chinês (como no Leste e Sudeste Asiático), árabe (como no Norte da África, Sudão e Oriente Médio) e kiswahili (na África Oriental). Ela tem presença pública na maioria das principais cidades do mundo e está representada nas Nações Unidas em Nova York e Genebra.

Embora estas igrejas sejam autônomas e diferentes umas das outras, elas têm muito em comum, proveniente de uma história compartilhada, de relacionamentos contínuos uns com os outros e de uma missão compartilhada. Este curso analisa três grandes elementos da vida da igreja que elas têm em comum:

- A espiritualidade anglicana, ou seja, a compreensão espiritual e as práticas do passado que ajudaram a dar vida ao seu relacionamento com Deus
- as estruturas e relações corporativas que herdaram do passado e compartilham no presente

- os cinco aspectos da missão de proclamar o Reino de Deus que está cada vez mais moldando o futuro

Há outros elementos e dimensões do Anglicanismo que poderiam ser explorados, mas estes três fornecem uma visão ampla e profunda do que significa ser uma anglicana/o.

Estas sessões apresentam uma coleção de exemplos de pessoas e ideias-chave que moldaram este braço da igreja Cristã. As histórias não descrevem e não poderiam descrever toda a experiência anglicana, mas cobrem grande parte dela. Você está convidada/o a ler e refletir sobre essas histórias e ver como elas enriquecem, desafiam e mudam a maneira como você entende o modo Anglicano de ser Cristão.

Compartilhem entre si o que esperam ganhar com este curso e tomem nota disso

Encerre com uma oração:

Como em qualquer estudo teológico, é importante e útil fazer este trabalho num ambiente de oração. A 'oração coleta' é uma oração Anglicana típica, com muitas que estão no *Livro de Oração Comum*. É uma oração curta que reúne os temas-chave e as intercessões do momento, dia ou semana. A seguinte coleta é baseada em uma das coletas oficiais da Conferência de Lambeth de 2008, embora com o acréscimo de palavras de João 8:32 sobre a verdade de Cristo "que nos liberta". Este verso também está impresso na Rosa dos Ventos, o símbolo oficial da Comunhão Anglicana, impresso em grego.

Esta coleta pode ser usada no final de cada sessão:

**Deus da terra e do céu
em Quem vivemos, movemos e temos nosso ser,
guie e capacite as igrejas da Comunhão Anglicana
enquanto proclamam a Boa Nova de seu reinado
na fé e na vida,
e assim revele a verdade de sua presença amorosa,
uma verdade que nos liberta;
por meio de seu Filho e em seu Espírito
hoje, amanhã e nos anos que estão por vir.
Amém.**

I

Espiritualidade
Anglicana

As/os anglicanas/os compartilham a fé cristã com a Igreja de Deus como um todo, a fé como ela tem sido transmitida pelos cristãos/cristãs desde a época de Cristo. Mas as formas como elas/eles expressaram esta fé cresceram e se desenvolveram através de sua própria história, influenciados pelos lugares e comunidades dos quais fazem parte. Estas sessões exploram estes caminhos, os caminhos da espiritualidade anglicana.

A palavra 'espiritualidade' é ambígua, e tem significados diferentes para pessoas diferentes. Neste curso, refere-se às formas pelas quais as/os anglicanas/os se conectaram diretamente com Deus. Refere-se à compreensão espiritual e às práticas que eles testemunham que fizeram seu relacionamento com Deus ganhar vida (como em um estúdio de rádio quando a luz "ao vivo" acende e a emissora sabe que eles estão conectados com seus ouvintes).

No final do século XX, o anglicanismo havia se espalhado por todo o mundo e se tornado incrivelmente diversificado. Isto é notável para uma tradição que começou de forma não planejada em um pequeno país à beira da Europa, no século XVI. O crescimento global do anglicanismo nunca poderia ter sido previsto e ilustra o ditado de que "a verdade pode ser mais estranha do que a ficção". Tudo isso mostra que para entender esta tradição e sua espiritualidade, devemos nos voltar para as reviravoltas de sua história e como ela se desenvolveu ao longo dos últimos cinco séculos.

Esta parte do curso, portanto, se volta para seis principais características para a compreensão e prática espiritual que moldaram a vida das/dos anglicanas/os desde o século XVI até o século XX. Cada prática pode ser encontrada ao longo dos séculos, então olhamos para ela quando foi claramente expressa pela primeira vez e depois incluímos alguns exemplos posteriores, usando poemas, hinos e outros textos.

E de hoje e amanhã? Isto é para a Parte 2 do material de estudo 'Ser anglicana/o', que se baseia em depoimentos e comentários em vídeo de todo o mundo.

Sessão 2

Salvas/os pela graça, não pelas obras

Pergunta de abertura: Como você descreveria a graça de Deus? Como você a vivenciou?

O anglicanismo tem suas raízes na redescoberta da graça de Deus na Inglaterra do século XVI. Esta sessão trata de como isso aconteceu e como tem sido expresso desde então.

2.1 Martinho Lutero e Arcebispo Cranmer

O anglicanismo começa a surgir como uma comunhão distinta (ou comunhão de igrejas) dentro da Igreja Ocidental durante a Reforma Protestante do século XVI (os anos 1500). Isto se vê claramente na vida e na obra do Arcebispo Thomas Cranmer (1495-1556). Ele promoveu a Bíblia vernácula (ou seja, a Bíblia na língua do povo), compilou e publicou “Os Artigos da Religião (declarações oficiais sobre o que as/os anglicanas/os acreditam) e *O Livro de Oração Comum (BCP)*. Por meio de tudo isso ele colocou em prática os principais temas da espiritualidade anglicana.

Thomas Cranmer era de Ashlockton, em Nottinghamshire, nas Terras Médias da Inglaterra. Ele começou sua carreira como acadêmico na Universidade de Cambridge. Trabalhou como diplomata para o rei Henrique VIII e viajou pela Alemanha encontrando-se com reformadores protestantes e sendo influenciado por eles. Ele defendeu a posição de que o casamento de Henrique com sua primeira esposa Katharine de Aragão (da Espanha) não era um casamento real. O rei o promoveu para Arcebispo de Cantuária, um cargo que ele estava relutante em assumir, mas ele teve que aceitar. Sob Henrique ele tentou promover o pensamento protestante e ajudou a persuadir o rei a permitir a impressão da Bíblia em inglês para as igrejas paroquiais. Sob o rei seguinte, Eduardo VI, Cranmer publicou os Artigos de Religião e duas edições do Livro de Oração Comum, ou BCP, na sua sigla em inglês, (1549, 1552). Ele era um tradutor talentoso e ajudou a criar uma forma de inglês para uso na adoração que era “uma linguagem que não tinha só peso e autoridade em si mesma, mas também evocava a piedade antiga e medieval” (Arcebispo Rowan Williams e outros). Mas, quando Maria Tudor, uma opositora da reforma, tornou-se rainha, ela reverteu todas as reformas, retirou Cranmer do cargo, prendeu-o e finalmente o queimou na fogueira em Oxford em 21 de março de 1556.

O que foi que transformou Cranmer de um acadêmico tranquilo da Igreja medieval em um líder da reforma inglesa? A resposta é a influência da doutrina da justificação pela graça através da fé. Quando ele viajava pela Alemanha, deparou-se com os escritos de Martinho Lutero e outros reformadores que haviam rejeitado o “sistema penitencial” medieval, ou seja, a prática de confessar seguida de fazer boas obras, “de penitência”, como assistir à missa, dar dinheiro aos pobres ou peregrinar, para mostrar que tinha se arrependido. As pessoas que faziam isso esperavam ganhar crédito para que Deus pudesse salvá-las no dia do julgamento. Lutero, no início de sua vida como monge, estava comprometido com este sistema. Mais tarde ele escreveu que

apesar de ter vivido como um monge irrepreensível, sentia-me um pecador diante de Deus com uma consciência extremamente perturbada. Eu não podia acreditar que ele estava aplacado por minha satisfação. Eu não amava, sim eu odiava o Deus justo que castiga os pecadores, e secretamente, se não blasfemando, certamente murmurando muito, eu estava com raiva de Deus ...

Esta foi uma crise pessoal para o jovem Lutero e ele descreveu como ele “se enfureceu com uma consciência feroz e perturbada”. Felizmente, por volta da mesma época, ele também lecionava sobre os Salmos e Romanos para estudantes da Universidade de Wittenberg. Sua atenção foi chamada a Romanos 1:17: “Nele se revela a justiça de Deus, como está escrito: “Aquele que pela fé é justo viverá”. Enquanto antes Lutero tinha compreendido “a justiça de Deus” para se referir à justa punição de Deus pelos pecados que cometemos, ele agora começou a ver que poderia ser sobre outra coisa, o perdão de Deus e a aceitação do pecador em seu pecado. Deus, segundo Paulo, através da morte expiatória de Cristo na cruz (como ele deixa claro em 3:25), pode de fato estar oferecendo a salvação como um presente gratuito. A salvação não era para ser conquistada através de infinitas obras de penitência, mas simplesmente por meio da aceitação fiel do perdão de Deus. Lutero viu que “partes cruciais do Novo Testamento poderiam significar que Deus espontaneamente, por simples misericórdia, e por amor de Cristo, perdoa às pessoas suas faltas enquanto elas permanecem impuras” (Euan Cameron).

O efeito desta visão sobre Lutero foi imediato: “Aqui eu sentia que tinha renascido e tinha entrado no paraíso por portas abertas”. Ele tinha agora a certeza de que estava justificado e podia viver sua vida sem o medo do julgamento e da morte. Para Lutero, e depois para outros reformadores e para Thomas Cranmer, de repente, não era mais uma luta para se tornar uma pessoa mais pura e mais santa. “Foi a libertação feliz de aceitar que Deus é generoso e convida todos a acreditarem e confiarem no perdão que lhes é oferecido”. Uma vez assim

perdoado, o crente se esforçaria fervorosamente para viver uma vida piedosa de estudo, oração e caridade ao redor: mas por serena gratidão” (Cameron).

Esta, então, é a redescoberta que inicia a história do anglicanismo (como fez para o protestantismo em geral): um senso de libertação, confiança, gratidão e desejo de viver uma vida digna da graça que recebemos. A Reforma derrubou tudo o que veio antes porque tinha esta abordagem essencialmente libertadora do discipulado em seu coração. Não era mais o crente a ser governado pelo medo de não ser salvo no dia do julgamento: em vez disso, Ihes foi dada uma sensação de segurança de que a justificação já havia ocorrido.

Tarefa: Você está familiarizada/o com esta doutrina da justificação pela graça através da fé? Isso é ensinado em sua igreja? Como poderia ser expresso de uma forma que captasse melhor a atenção e o interesse daqueles que não vêm à igreja?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

2.2 Os Artigos da Religião

O Arcebispo Cranmer afirmou claramente a doutrina da justificação pela graça através da fé no que são chamados de “formulários históricos da Igreja da Inglaterra”. Os primeiros foram os Artigos de Religião, frequentemente chamados de “os 39 Artigos”. Foram um conjunto de declarações que Cranmer compilou e que se tornaram lei pelo Parlamento Inglês, primeiro como 15 artigos (ou declarações), depois como 42 artigos e, finalmente, no reinado da Rainha Isabel I, como 39 artigos.

Bem no começo dos Artigos, a condição desesperadora da humanidade é descrita da seguinte forma:

A condição do Homem após a queda de Adão é tal, que ele não pode se voltar e se preparar, por sua própria força natural e boas obras, para a fé e o chamado a Deus: Portanto, não temos poder para fazer obras boas que sejam agradáveis e aceitáveis a Deus, sem a graça de Deus por Cristo nos impedir [isto é, nos ajudar] ... (Artigo X)

Mas então há boas novidades relacionadas à graça de Deus no próximo artigo:

Somos considerados justos diante de Deus, somente pelo mérito de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo pela Fé, e não por nossas próprias obras ou merecimentos. Portanto, que somos justificados apenas pela Fé, é uma Doutrina muito saudável e muito cheia de conforto... (Artigo XI)

A pessoa que descobrir que está justificada desta forma sentirá alívio e gratidão e desejará fazer boas obras como uma resposta ao que Deus deu. O próximo Artigo esclarece isso:

Embora as Boas Obras, que são os frutos da Fé e se seguem à Justificação, não podem afastar nossos pecados e suportar a severidade do julgamento de Deus; no entanto, são agradáveis e aceitáveis a Deus em Cristo, e brotam necessariamente de uma Fé verdadeira e viva, de modo que por elas uma Fé viva pode ser tão evidentemente conhecida como uma árvore que é discernida pelo fruto. (Artigo XII)

Quais são estas boas obras? O Catecismo, um documento didático do Livro de Oração Comum, com respostas que devem ser aprendidas por aqueles que se preparam para a Confirmação, descreve-as:

Pergunta: Qual é o teu dever para com Deus?

Resposta: eu dever para com Deus, é acreditar nele, temê-lo e amá-lo com todo o meu coração, com toda a minha mente, com toda a minha alma e com todas as minhas forças; adorá-lo, agradecer-lhe, depositar nele toda a minha confiança, invocá-lo, honrar seu santo Nome e sua Palavra e servi-lo verdadeiramente todos os dias da minha vida.

Pergunta: Qual é o seu dever para com o seu Próximo?

Resposta: Meu dever para com meu Próximo é amá-lo como a mim mesmo, e fazer a todos os homens, o que eu gostaria que fizessem comigo: Amar, honrar e suceder a meu pai e minha mãe: Honrar e obedecer ao Rei, e a todos os que têm autoridade sob ele”...

A doutrina da justificação pela graça através da fé liga o anglicanismo não apenas aos reformadores europeus, mas ao ensino da igreja dos tempos primitivos de volta às escrituras. Desde então, tem permanecido no centro do anglicanismo. Veja, por exemplo, o famoso hino de John Newton de 1779:

Graça surpreendente! Que doce o som
Que salvou um desgraçado como eu!
Eu já estive perdido, mas agora me encontrei;
Estava cego, mas agora eu vejo.

Foi a graça que ensinou meu coração a temer,
E a graça meus medos aliviou;
Quão preciosa foi essa graça
A hora em que eu acreditei pela primeira vez!...

Tarefa: Como o conhecimento da graça de Deus afeta e muda a vida das pessoas cristãs? Dê alguns exemplos da vida cotidiana em sua própria comunidade.

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 3

Formadas/os pela Escritura

Pergunta de abertura: Que papel a Bíblia tem em sua vida como cristão e membro da igreja? Qual a diferença que isso faz?

Esta sessão é sobre a forma como a Bíblia passou a ter autoridade primária dentro do anglicanismo.

3.1 William Tyndale

Lutero estabeleceu que a Escritura era mais importante para a vida cristã do que a tradição católica. Seu estudo da Escritura e especialmente da carta de Paulo aos Romanos o fez tomar consciência da doutrina da justificação pela graça e de sua mensagem libertadora e transformadora (como vimos acima). Isto significou que para muitos dos reformadores as escrituras se tornaram a única autoridade decisiva na vida cristã, resumida em seu slogan latino frequentemente repetido “*sola scriptura*” (“somente pelas escrituras”). A pessoa cristã não precisava de um ministro ordenado para ser justificado: ele ou ela já tinha recebido uma justificação diretamente de Deus, para ser conhecido secretamente em seu coração.

O desafio que os reformadores enfrentavam era que a Bíblia só estava disponível em latim. Assim, as pessoas comuns só a encontrariam na igreja quando fosse lida em uma língua que não entendessem. Como elas poderiam ouvir a mensagem evangélica quando não tinham acesso a ela? Uma vez lançado o movimento de reforma da igreja, Lutero dedicou seu tempo a traduzir a Bíblia para a língua nativa de seu povo, uma forma saxônica de alemão. Isto aconteceu enquanto ele estava em prisão domiciliar no castelo de Wartburg perto de Eisenach, na Saxônia, a partir de junho de 1521. Ele publicou o Novo Testamento em setembro de 1522, uma tradução que veio a ter um enorme impacto nas áreas de língua alemã da Europa e que ajudou a lançar as bases da língua alemã moderna.

A tradução da Bíblia para o inglês não ficou muito atrás. O pioneiro foi William Tyndale (1494(?)-1536), um nativo da Floresta de Dean, no oeste da Inglaterra, onde ouvia falar galês e inglês nos mercados locais e onde seu fascínio pelo idioma provavelmente começou. Ele se tornou um brilhante linguista de Magdalen Hall, na Universidade de Oxford, e começou a traduzir o Novo Testamento em 1523. Ele baseou sua tradução na tradução alemã de Lutero (ele provavelmente conheceu Lutero em Wittenberg em 1524) e na edição acadêmica de Erasmo em 1516 do

texto original grego (típica de círculos acadêmicos da Renascença que queriam voltar à versão original dos textos antigos). É difícil imaginar a Reforma ocorrendo sem Erasmo, que em 1509, no famoso impresso, atacou a corrupção generalizada na igreja.

Tyndale pediu o patrocínio de Cuthbert Tunstall, o bispo de Londres, mas foi recusado, e temendo que pudesse ser preso teve que fugir para a Alemanha em 1524. Foi na Alemanha, em Worms em 1526, que ele conseguiu publicar sua primeira edição do Novo Testamento completo. Este foi um momento chave na Reforma Inglesa, quando o acesso à palavra de Deus na língua comum do povo inglês se tornou possível. Edições posteriores do NT foram impressas na Holanda e cópias foram contrabandeadas para a Inglaterra por comerciantes que muitas vezes simpatizavam com sua mensagem. Aqueles que leram e tomaram no coração a mensagem da escritura ficaram conhecidos como “Evangelistas”.

Tyndale tinha agora se estabelecido em Antuérpia onde aprendeu hebraico e trabalhou na tradução do Pentateuco (os primeiros cinco livros do Antigo Testamento), usando a versão em Latim da Vulgata, bem como a tradução de Lutero para o alemão, e esta foi publicada em 1530. Ele então traduziu o livro de Jonas, e em 1534 uma versão revisada do Novo Testamento. Ele incluiu muitas notas marginais em sua tradução que expressavam seus pontos de vista teológicos fortemente protestantes. Henrique VIII não ficou impressionado com isso e chamou-os de “glosas pestilentas” (ou seja, comentários repugnantes)! Isto mostrou que Tyndale estava ganhando muitos inimigos que entendiam a natureza revolucionária de seu trabalho. As autoridades católicas na Holanda o prenderam em 1535 e depois o condenaram à morte. Ele foi estrangulado e queimado na fogueira por ordem de Carlos V, o Santo Imperador Romano (Alemão), que era um dedicado opositor ao Protestantismo.

Tyndale, entretanto, havia deixado para trás um rascunho da tradução dos livros de Josué até 2o Crônicas, e estes, assim como seus livros publicados, constituíram a maior parte da primeira edição completa da Bíblia impressa em inglês, aquela preparada por Miles Coverdale e impressa em 1536. Coverdale, de maneira inteligente, dedicou-a a Henrique VIII para ganhar seus favores. (Esta versão também continha a bela tradução de Coverdale dos Salmos, que ainda está impressa na versão de 1662 de *O Livro de Oração Comum, em inglês*).

Menos de um ano após a morte de Tyndale, sob pressão de seus aliados políticos luteranos na Alemanha, Henrique então deu aprovação a esta Bíblia. O arcebispo Cranmer e o ministro-chefe Thomas Cromwell conseguiram então a aprovação para que uma cópia da Bíblia inglesa fosse colocada em todas as igrejas paroquiais

do país. Não se pode superestimar o impacto da tradução de Tyndale, porque o povo da Inglaterra, e em breve em todas as Ilhas Britânicas e mais além, estava tendo acesso à Palavra de Deus. Esta Bíblia seria posteriormente revisada e publicada como o Rei James ou a Versão Autorizada em 1611.

O arcebispo Rowan Williams comentou que Tyndale “gastou suas maiores energias em enquadrar uma língua vernácula para falar de Deus - ou melhor, para que Deus falasse”. Ele está em busca de palavras que possam ser propriedade dos pobres e carentes como palavras de promessa e de transfiguração. De comum acordo, ele consegue um vigor e uma música em seu trabalho como tradutor que ninguém realmente esteve à sua altura em nosso idioma.

Tarefa: Qual versão da Bíblia você usa? Descubra quando foi publicada pela primeira vez e quem a produziu. Descubra se é baseada na versão do Rei James (King James – KJV) e, portanto, no trabalho de Tyndale?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

3.2 A Escritura no *Livro de Oração Comum*

O arcebispo Cranmer estava convencido de que todas as pessoas deveriam ouvir a Bíblia lida na igreja para que pudessem saber o que é necessário para serem salvas:

A Sagrada Escritura contém todas as coisas necessárias para a salvação: para que tudo o que não for lido nela, nem possa ser provado por ela, não seja exigido de nenhum homem, que se acredite que ela seja um artigo da Fé, ou que seja considerada requisito ou necessária para a salvação. (Artigo VI)

Em seu novo Livro de Oração Comum (BCP), ele publicou, portanto, serviços religiosos que permitiriam ler e ouvir as escrituras de várias maneiras diferentes. Em primeiro lugar, o livro orientava que as pessoas deveriam ser capazes de ouvir o que é lido:

... que seja anotado, que tudo seja lido e cantado na Igreja em língua inglesa, a fim de que a congregação possa ser assim edificada...

E o ministro ordenado da paróquia ...fará com que um sino seja tocado ali antes que ele comece, para que o povo venha ouvir a Palavra de Deus, e rezar com ele. (do Prefácio "A respeito do culto na Igreja")

As ordens para Oração da Manhã e Oração da Noite diárias dão então instruções claras de que as pessoas devem ser capazes de ouvir tudo o que é lido:

No início da Oração da Manhã, o Ministro deverá ler com voz alta uma ou mais destas Frases das Escrituras a seguir. E então ele dirá o que está escrito após as referidas Frases.

O conteúdo dos serviços é em grande parte extraído da Bíblia, mostrando como a escritura foi para formar a fé das/os anglicanas/os todos os dias de sua vida:

Mas, se um ímpio se desviar de sua maldade e fizer o que é justo e direito, ele salvará sua alma. *Ezequiel 18:27.*

Pois eu reconheço minhas transgressões, e meu pecado está sempre diante de mim. *Salmo 51:3*

Esconde teu rosto de meus pecados e apaga todas as minhas iniquidades. *Salmo 51:9*

Ó Senhor, abre nossos lábios...

Resposta. E a nossa boca manifestará os teus louvores. (Salmo 51:15)

Reverendo. Ó Deus, apresse-se para nos salvar.

Resposta. Ó Senhor, apressa-te para nos ajudar. (Salmo 70:1)

Aqui todos de pé, dirá o Reverendo,

Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo

Resposta. Como era no início, é agora, e sempre será, um mundo sem fim. Amém.
(Mateus 28:19; Romanos 16:27; Filipenses 4:20)

Reverendo. Louvado seja o Senhor.

Resposta. Seja louvado o nome do Senhor. (Salmo 113:1,3)

Além disso, cada versículo da Bíblia deveria ser lido na igreja:

...toda a Bíblia (ou a maior parte dela) deve ser lida uma vez por ano; com a intenção de que o Clero, e especialmente os ministros da congregação, devem (lendo e meditando frequentemente na palavra de Deus) ser estimulados à piedade em si mesmos, e ser mais capazes de exortar os outros por uma doutrina saudável ... e ainda, que o povo (pelo ouvir diário da Sagrada Escritura lida na Igreja) possa continuamente lucrar mais e mais com o conhecimento

de Deus, e estar mais inflamado com o amor de sua verdadeira Religião. (BCP 1.662, p. viii)

Os salmos deveriam ser lidos todos os meses. O Antigo Testamento seria lido a cada ano, e o Novo Testamento duas vezes por ano.

Tarefa: Quais outros versículos da Bíblia você encontra nos serviços impressos de sua igreja? Por que é útil usar versículos bíblicos na adoração?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 4

Focadas/os nos Sacramentos

Pergunta de abertura: Qual o papel que os sacramentos do Batismo e da Eucaristia têm em sua vida como cristã/ão e membro da igreja? Que diferença eles fazem?

Esta sessão aborda a forma como eles foram valorizados dentro do anglicanismo.

4.1 Sacramentos no *Livro de Oração Comum*

O prefácio original do Arcebispo Cranmer para o LOC (alterado para ser o segundo prefácio na edição de 1662 e agora intitulado “A respeito do Serviço da Igreja”), já citado acima, afirma que ele acreditava que a antiga tradição da igreja era “ordenada [para] um bom propósito, e para um grande avanço da piedade”. Esse respeito pela tradição antiga é encontrado em muitos pontos pelo livro e na prática da Igreja da Inglaterra. Por exemplo, a antiga ordem ministerial tríplice de diácono, presbítero e bispo é mantida sobre a ordenação diferente dos reformadores suíços. Isto é visto no Ordinário, os três serviços de ordenação que foram publicados por Cranmer em 1550 e incluídos na edição 1552 e edições subsequentes do LOC (ver Sessão 8). Da mesma forma, a antiga divisão geográfica da Igreja em paróquias e dioceses é refletida e apoiada no livro, como nas rubricas introdutórias à Oração da Manhã e da Noite.

O respeito à tradição é construído na forma como o LOC foi compilado. Cranmer não foi, de modo geral, o autor das palavras, mas um compilador, tradutor e editor de uma série de textos diferentes, alguns dos reformadores continentais, mas muitos da igreja primitiva e medieval. Ele os reuniu, como Rowan Williams e outros escreveram, “de maneira notável, expressando a doutrina protestante da dependência da graça em todos os pontos em uma linguagem que não apenas tinha peso e autoridade em si mesma, mas também era evocativa da piedade antiga e medieval”.

No centro e no coração do livro estão dois sacramentos que exemplificam essa antiga liturgia católica e reformada. O primeiro é “A Ordem para a Administração da Ceia do Senhor ou Santa Comunhão”, a sucessora da missa católica e que ainda tem muitas de suas características. O segunda é o Batismo, apresentado em três formas, uma para crianças “a ser usado na igreja”, uma para crianças a ser usada

“nas casas” e uma para adultos “tais como são de idade mais madura e capazes de responder por si mesmos”.

Os Artigos de Religião descrevem porque esses sacramentos são importantes para as/os anglicanas/os:

Os sacramentos instituídos por Cristo não são apenas designações ou indício da profissão da pessoa cristã, mas antes testemunhos certos e firmes e sinais eficazes da graça e da boa vontade de Deus para conosco, pelos quais Ele opera invisivelmente em nós, e não só vivifica, mas também fortalece e confirma nossa Fé Nele. (Artigo XXV)

Estas palavras vêm da Confissão de Augsburg de 1530 da Igreja Luterana e descrevem como o pão e o vinho estão recebendo um papel importante na efetivação do corpo e do sangue de Cristo dentro do coração e da vida da/o crente. Eles não são apenas sinais, mas *sinais eficazes*. Isso sugere a presença real de Cristo nestes elementos, sem realmente o afirmar dessa forma. No entanto, isso ainda era diferente de uma definição católica medieval: os sacramentos são para “vivificar, fortalecer e confirmar” a fé em uma salvação já concedida, ao invés de vivificar, fortalecer e confirmar a própria salvação.

Essa sugestão foi encorajada no LOC de 1559, publicado quando Elizabeth era rainha. Sua edição foi, em muitos aspectos, uma reedição do livro de 1552, mas com algumas alterações, sendo mais significativa no serviço da Eucaristia: as palavras de administração para comunhão do livro de 1549, “O corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, que foi dado por ti, preserve teu corpo e tua alma para a vida eterna”, que implica a presença real de Cristo dentro do pão, foram anexadas às palavras de 1552, “Toma e come isto em memória de que Cristo morreu por ti, e alimenta-te dele em teu coração pela fé com ações de graças”, que tinham sido cuidadosamente escritas para negar uma teologia da presença real. Combinando essas duas afirmações foi novamente possível (embora não necessário) ver o próprio pão como o corpo de Cristo. A mesma coisa aconteceu com a palavra de distribuição do vinho.

Tarefa: Como você vê o pão e o vinho na Eucaristia? Você os entende como formas de lembrar a morte de Cristo, ou como portadores da presença real do próprio Cristo? Responda com suas próprias palavras.

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

4.2 Visões da “Igreja Alta”

A importância dos sacramentos para a vida cristã tem sido enfatizada em diferentes pontos da história anglicana. O Rei James VI da Escócia chegou ao trono inglês como James I em 1603. Foi ele quem lançou a ascensão de um grupo dentro da Igreja da Inglaterra que tinha uma alta visão da importância dos sacramentos e do papel do clero e da igreja em comparação com seus antecessores. Esse grupo é chamado de o partido da “ Igreja Alta “. Seu líder foi Lancelot Andrewes (1555-1626), que se tornou um bispo influente durante o reinado de James. Ele era um linguista e pregador talentoso que foi nomeado Bispo de Chichester e depois Bispo de Winchester, tornando-se um dos pequenos grupos de tradutores e editores da versão autorizada ou versão do Rei James da Bíblia de 1611. Ele também foi uma pessoa de profunda piedade, cujo livro de orações pessoais (*The Preces Privatae*, As Preces Particulares, na tradução livre em português) forneceu inspiração para muitos ao longo dos séculos. Ele pregava frequentemente diante de James I em Whitehall. Como mostra o sermão seguinte de 1623, ele elevou a Sagrada Comunhão acima da pregação da palavra dentro da vida cristã. Falando de como nos reunimos para o sacramento, ele escreveu como

há uma recapitulação de tudo em Cristo no santo sacramento . . . E mesmo assim, ser lembrado nessa festa pela Sagrada Comunhão naquela bendita união, é a mais alta perfeição a que podemos aspirar nesta vida. Estamos então no ponto mais alto, no melhor que jamais alcançaremos na Terra, no momento em que viemos dela; reunidos a Cristo, e por Cristo a Deus.

Descrever a Sagrada Comunhão como a mais alta perfeição a que podemos aspirar é uma afirmação muito forte e sugere que o rito deixa de ser um mero sinal, mas de alguma forma encarna o que ele representa. Andrewes está, portanto, recuperando uma visão católica de que o altar é mais importante do que o púlpito e, com isso, uma visão “alta” da importância da vida sacramental e do ministério da igreja. O sermão como um todo revela uma grande devoção ao sacramento, e isso também se refletiu na maneira como Andrewes conduzia o culto em sua capela particular em Winchester, usando velas de altar e incenso e misturando água com vinho no cálice, uma prática da antiga igreja que havia sido abandonada no LOC de 1552. De maneira forte, mas silenciosa, Andrewes demonstrou, então, o renascimento de uma piedade sacramental católica.

Em meados do século XVII (1600), esse partido perdeu seu lugar na igreja durante e após a Guerra Civil inglesa, quando os puritanos conquistaram o controle do governo sob o comando do comandante do exército Oliver Cromwell. Os bispos foram destituídos, aboliram o episcopado e proibiram o LOC. Mas quando a monarquia foi restaurada, com Charles II em 1660, o LOC e os bispos foram

reintegrados e o partido da Igreja Alta voltou a crescer em influência. A palavra “anglicano” começou a ser amplamente utilizada pela primeira vez, para descrever aqueles que pertenciam ao partido da Igreja Alta.

Esse partido dominou a igreja por mais de um século. Ele ajudou a formar a fé de John e Charles Wesley, que então ajudaram a iniciar o reavivamento evangélico no anglicanismo.

O Movimento de Oxford do século XIX reavivou a visão de Cristo se tornando presente de forma real no pão e no vinho. Este foi um movimento que começou na Universidade de Oxford como uma reação contra a interferência do Estado na vida da igreja. Por meio da publicação de livretos, chamados “*Tracts for the Times*” (Folhetos para os Tempos, na tradução livre em português), e afixando-os em vicariatos e reitorias por toda a Inglaterra, ele energizou muitas pessoas na igreja a redescobrir a própria autoridade da igreja derivada dos Apóstolos e a renovar sua vida devocional, teológica e pastoral. John Keble lançou o movimento com um sermão na Igreja da Universidade em Oxford em 1833 e o movimento foi então liderado por John Henry Newman (até que ele se retirou de Oxford em 1841 e se tornou católico romano em 1845), Richard Hurrell Froude que morreu de forma trágica em 1836, e Edward Bouverie Pusey que o liderou até sua morte em 1882. O movimento anglo-católico do final dos séculos XIX e XX tem suas raízes no Movimento de Oxford.

William Bennet, de St Paul’s, Knightsbridge, em Londres, mostra o impacto do movimento na vida paroquial. Ele entendeu que pregar os princípios teológicos a partir do púlpito não seria suficiente para sua classe trabalhadora e para os paroquianos analfabetos. Assim, ele utilizou meios visuais para comunicar a teologia do Movimento de Oxford, especialmente do lugar central dos sacramentos no discipulado. Quando ele abriu a igreja filha de São Barnabé Pimlico em 1850, para servir os pobres da paróquia, buscou no ritual da igreja católica medieval maneiras de ajudá-lo a fazer isso. Assim, colocou duas velas acesas no altar, para destacar seu significado, e se dirigiu para o leste para a oração da consagração, para mostrar que ele estava voltado para Cristo que voltaria do leste no final (em vez de ficar no lado norte da mesa, como estipulado no LOC nas rubricas no início da Ceia do Senhor). Também colocou o pão diretamente na boca dos comungantes, para mostrar reverência por ele como o corpo de Cristo, e colocou o cálice diretamente sobre seus lábios, também para mostrar reverência pelo sangue de Cristo. Usou também o sinal da cruz, como uma forma física de expressar devoção. Mas isso provocou oposição, pois onde Bennet viu o catolicismo antigo, outros viram o ‘papismo’, um tipo infeccioso de catolicismo romano leal não ao monarca, mas ao papa em Roma. Os manifestantes lotaram a igreja e seu bispo o obrigou a demitir-se.

Tarefa: Como o culto sacramental é realizado em sua igreja? O que acontece? Quais hinos e canções são cantados? Como o culto poderia se tornar mais orante?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 5

Guiadas/os pela Razão

Pergunta de abertura: Qual é o papel da razão (responder a perguntas e desafios) em sua vida como pessoa cristã e membro da igreja? Que diferença que isso faz?

A fé e a razão podem trabalhar juntas na vida cristã?

Esta sessão trata de como o anglicanismo tem reconhecido e valorizado isso dentro da vida cristã.

5.1 Richard Hooker

No mundo moderno, com muitas novas tecnologias e desafios, enfrentamos escolhas difíceis e às vezes não há respostas claras das escrituras ou dos ensinamentos da igreja. Como as/os anglicanas/os podem fazer essas escolhas e vivenciar suas vidas com fé? O teólogo mais importante a responder a esta pergunta é Richard Hooker (1554-1600). Ele nasceu em Exeter no sudoeste da Inglaterra e estudou na Universidade de Oxford. Foi nomeado Mestre do Templo dos tribunais em Londres em 1585 e pregava todos os dias, envolvendo-se em debates com os Puritanos (que eram protestantes radicais). Após seu casamento com Joan Churchman, ele se tornou pároco em vilarejos fora de Londres. Durante esse período, ele escreveu e começou a publicar sua grande obra, *As Leis da Política Eclesiástica*. Eram oito volumes e a obra só foi publicada integralmente após sua morte. Levou tempo para se tornar influente, mas agora é reconhecida como uma das obras mais importantes da teologia anglicana.

A abordagem de Hooker foi baseada na ideia (originalmente do filósofo grego Aristóteles e também usada pelo teólogo católico Tomás de Aquino) de existir uma lei natural ou padrão de comportamento característico que aponta o caminho para o ser humano e toda a criação em direção à perfeição. Hooker acreditava que isso era estabelecido por Deus. Poderia ser descoberto e definido pela razão humana. Suas leis são “investigáveis pela razão, sem a ajuda da revelação”. Elas podem ajudar a orientar a pessoa cristã na tomada de decisões sobre as escolhas difíceis que enfrentaram na vida.

Hooker coloca esse tipo de razão dentro de um conjunto de autoridades para orientar a vida cristã. Aqui está um resumo de como ele abordou esta questão:

“O respeito e a obediência devem ser concedidos antes de tudo ao que diz a Escritura, e depois ao que um homem pode concluir com sua razão; e depois disso um homem deve seguir a voz da Igreja. A Igreja também tem autoridade e o que ela diz ser bom e verdadeiro deve, de modo razoável, prevalecer sobre todas as outras opiniões”.

Portanto, quando a escritura não é clara sobre um determinado assunto ou questão, é a “razão” que assume o comando e, ao retornar aos princípios da lei natural, fornece uma resposta. Mas quando a lei natural não fornece nenhuma orientação sobre o assunto ou questão, então a tradição da igreja entra na questão e determina o que deve acontecer. Portanto, há três autoridades na vida cristã: a escritura, que é primária; depois a razão da lei natural, que é secundária; e depois a tradição e os ensinamentos da igreja, que vem em terceiro lugar. Esta tradição ainda é mais importante do que outros tipos de autoridade humana, como ele menciona acima.

Assim, por exemplo, na ordem ministerial, os Puritanos argumentaram que o Novo Testamento não diz que deveria haver uma ordenação tripla de bispos, presbíteros e diáconos. Em vez disso, citando João Calvino, o reformador de Genebra, na Suíça, eles argumentaram que as escrituras mostram que o ministério deveria ter quatro ordens - pastores, doutores (ou seja, professores), anciãos (ou presbíteros, palavra grega que significa ancião) e diáconos. Eles acreditavam que somente as coisas prescritas pelas escrituras deveriam estar na igreja: todo o resto deveria ser removido.

Hooker, por outro lado, assumiu uma linha menos radical e argumentou que somente as coisas proibidas pelas escrituras deveriam ser retiradas da vida da igreja, tais como a adoração de ídolos. Havia muito na vida atual da igreja sobre o qual as escrituras não tinham nada a dizer. Tais coisas poderiam permanecer se não fossem contra a lei natural e fizessem parte da longa tradição da igreja. As escrituras, ele então indicou, não proibem o tríplice ministério: é algo indiferente a seus autores. Além disso, esse ministério tem funcionado com eficácia ao longo dos séculos e, portanto, está de acordo com as leis naturais. Adicionalmente, ele tem sido mantido pela tradição eclesiástica, portanto, contém um chamado à nossa lealdade contínua. A ordem tripla é, portanto, “razoável e defensável”.

Tarefa: Pense em uma escolha difícil que você teve que fazer quando não tinha certeza do caminho a seguir. Use a abordagem de Hooker, de primeiro consultar a Bíblia e depois, se ela não tiver uma resposta clara sobre sua escolha, aplicar sua própria razão humana e a lei natural (na medida em que você possa dizer o que é) para elaborar uma resposta, e depois, se não encontrar nenhuma resposta volte-se para o ensino tradicional da igreja para orientação. Isso te ajuda a fazer uma escolha?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

5.2 A Era da Razão

Joseph Addison (1672-1719), jornalista e político, deu expressão viva e popular à visão de que a razão humana pode desvendar os segredos da vida. Em um grande hino de 1712, inspirado no Salmo 19, ele descreve como o universo de Deus é uma criação maravilhosamente ordenada, governada pela razão e, portanto, aberta à investigação pela inteligência humana. O primeiro e segundo versos começam o hino descrevendo a ordem e a beleza do que observamos nos céus acima de nós, de dia e depois de noite, e como eles mostram Deus (“o grande Original (Criador?)”) na obra:

O céu azul na amplidão,
Estrelas mil em multidão,
A luz do céu e seu fulgor
Proclamarão o Criador.
O Sol de luz, com seu calor,
Louvor dará ao seu Autor,
E sem falar, a resplender,
Dirá de Deus e Seu poder

Tal ordem e beleza mostram claramente a evidência da mão de um criador. Mas a terceira estrofe é a mais reveladora, pois é aqui que a ordem e a beleza são claramente identificadas com a “razão”, uma capacidade que os seres humanos também possuem:

Mas o que, em silêncio solene, tudo
se move em torno do escuro globo terrestre?
O que, embora sem voz nem som real

pode ser encontrado em meio a suas esferas radiantes?
Ao ouvido da razão, todos se alegram,
e clamam uma voz gloriosa;
para sempre cantar enquanto elas brilham,
“A Mão que nos fez é divina”.

Portanto, é a razão que pode entender os segredos do universo e d'Aquele que o criou, especialmente através da ciência. A mente humana, que aproveita e se beneficia dessa razão, deve, portanto, ser reconhecida como capaz de expressar fé à sua própria maneira, não menos importante através da ciência. Este é um bom exemplo das crenças do que tem sido chamado de a Era da Razão, um período da vida intelectual europeia do final dos anos 1600 até o final dos anos 1700 (o século XVIII), quando o esforço científico foi promovido e ampliado por muitos cientistas cristãos diferentes.

Mas que diferença essa crença na razão humana tem na vida cristã? O anglicano William Law (1686-1761) deu uma resposta e tornou-se um dos escritores espirituais mais lidos do período. Ele nasceu em Kings Cliffe, na Inglaterra, e estudou na Universidade de Cambridge. Quando o Rei George I subiu ao trono em 1714, Law se sentiu incapaz de fazer o juramento de lealdade e se tornou um “*non-juror*”, (a pessoa que se recusa a fazer um determinado juramento) tendo que se aposentar do ministério público. Tornou-se tutor particular de uma família rica e durante este período publicou seu livro mais famoso, *A Serious Call to a Devout and Holy Life* (1728), (Um sério chamado para uma vida devotada e sagrada, na tradução livre em português). Mais tarde ele retornou a Kings Cliffe, onde, junto com a Sra. Hutcheson e a Sra. Hester Gibbon, ajudou a criar escolas e casas para os pobres. Ele levou uma vida de grande simplicidade e devoção até sua morte.

Law havia ficado chocado com os estilos de vida insensatos de muitas pessoas que professam ser cristãs. Em *Um Chamado Sério*, Law se propõe a corrigir isso. Tem um estilo vigoroso combinado com uma simplicidade didática. Está repleto de exemplos divertidos de personagens fictícios que Law usa para ilustrar os pontos que levanta. Ele acredita que o cristianismo, no fundo, se resume a viver corretamente. Ele argumenta a favor de uma moderação, humildade e abnegação, e de uma vida devota que tenha o propósito geral de glorificar a Deus. Como é típico nessa época da história, ele coloca a razão no centro deste discipulado. Quase na página final do livro encontramos esta forte afirmação:

A razão é nossa lei universal, que nos obriga em todos os lugares e em todos os momentos; e nenhuma ação tem qualquer honra, mas na medida em que são exemplos de nossa obediência à razão. E é como básica e covardemente,

ser corajoso e intrépido contra o princípio da razão e da justiça, como ser corajoso e intrépido na mentira e no perjúrio. (Law 1728, capítulo XXIV)

O livro se tornou um campeão de vendas e teve um impacto maior do que qualquer outro livro devocional pós-Reforma, com exceção de *O Peregrino* de John Bunyan. Teve um grande impacto sobre John Wesley, Samuel Johnson e John Keble, dentre outros. No espírito da obra de Law, Johnson declarou de maneira memorável: “Podemos ter a Fantasia como companheira, mas devemos seguir a razão como nosso guia”. Todas essas pessoas, no entanto, mais tarde em suas vidas, olhariam além da razão para outras formas de expressar sua fé.

Tarefa: William Law nos chama para olhar a maneira como vivemos nossa vida cotidiana. Existem meios para expressarmos nossa fé com mais clareza de um jeito simples, razoável e prático? Que pequenas mudanças devemos fazer?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 6

Vivenciado no Coração

Pergunta de abertura: Como as emoções do coração afetam sua vida como pessoa cristã e membro da igreja? Que diferença elas fazem?

Esta sessão trata de como o anglicanismo tem reconhecido e valorizado as emoções dentro da vida cristã.

6.1 John Wesley e o Avivamento Evangélico

A década de 1734 a 1744 testemunhou o surgimento do movimento que se tornou o Evangelicalismo, um dos mais importantes desdobramentos do Cristianismo Protestante. Ele teve e continua a ter um papel influente no anglicanismo global, e chama a atenção para a importância da expressão pessoal e autêntica na vida de fé. Em algumas de suas formas, elevou esse tipo de expressão acima da necessidade de estudar as escrituras na vida cristã. Esta seção apresenta algumas das características do movimento, utilizando uma série de diferentes exemplos em todos os períodos e vindo de todas as partes do mundo.

O movimento evangélico começou com a conversão de uma série de indivíduos-chave, começando no País de Gales com um jovem mestre anglicano que morava perto de Brecon chamado Howel Harris, e um vigário anglicano de Carmarthenshire chamado Daniel Rowland. Ambos tiveram experiências intensas do perdão de Deus e em 1735 começaram a viajar pelo País de Gales do Sul reunindo grandes públicos e pregando a mensagem de que a salvação poderia ser conhecida agora. A Inglaterra seguiu esse caminho dois anos depois quando George Whitefield, que havia sido convertido no início de 1735, começou a pregar para grandes públicos em Bristol e Londres exortando seus ouvintes a “buscar o novo nascimento”.

Ao mesmo tempo, na Nova Inglaterra na América, o ministro presbiteriano e teólogo Jonathan Edwards ajudou a liderar um reavivamento em Northampton, Massachusetts, cidade onde ele era ministro. O anglicano Whitefield logo viajaria para a Nova Inglaterra para ajudar a impulsionar o reavivamento em algo muito maior, uma onda espiritual que ficou conhecida como “o Grande Despertar”. E então foi a vez dos irmãos Wesley, John e Charles, de Epworth em Lincolnshire, que eram da ala da Igreja Alta da Igreja da Inglaterra e que estudaram na Universidade de Oxford antes de serem ordenados. Charles foi o primeiro a experimentar o

reavivamento. Ele ajudou na mentoria de Whitefield e seus muitos hinos ajudariam a formar a compreensão doutrinária tanto dos metodistas quanto dos anglicanos. Ele teve uma forte experiência de despertar espiritual em maio de 1738 e, três dias mais tarde, seu irmão mais velho, o decidido John, teve uma experiência semelhante.

John Wesley é lembrado por seu papel na fundação da Igreja Metodista, assim como por trazer vida nova à Igreja da Inglaterra. Ele iniciou e organizou um movimento de reavivamento que, em sua morte, tinha 294 pregadores locais e 72.000 membros das sociedades metodistas na Grã-Bretanha. Havia também 198 pregadores locais e 43.000 membros na América, e mais de 5.000 membros em postos missionários. Seus ministérios, evangelístico e de ensino, tiveram um alcance extraordinário (ver Sessões 15 e 16). Seu despertar nos traz a chave para compreender as raízes desse ministério: sua experiência de salvação interior tornou-se a fonte de seu desejo de pregar e converter pessoas em todo o país. É importante ouvir o relato do próprio Wesley sobre a experiência de seu diário:

À noite, fui com muita pouca disposição a uma sociedade na Rua Aldersgate onde o *Prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos* estava sendo lido. Cerca de quinze para as nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração por meio da fé em Cristo, eu senti meu coração estranhamente aquecido, senti que confiava em Cristo, somente em Cristo para minha salvação, e me foi dada uma garantia de que ele havia tirado *meus* pecados, até mesmo os meus, e *me* salvou da lei do pecado e da morte. Comecei a rezar com todas as minhas forças de maneira mais especial por aqueles que me usaram e perseguiram, apesar de terem me usado e perseguido. Em seguida, dei testemunho, abertamente, sobre tudo isso que agora sentia pela primeira vez em meu coração.

Esta passagem mostra como o recebimento de Wesley dos méritos da morte de Cristo na cruz não apenas trouxe entendimento à sua mente, mas provocou um despertar de seu coração, de seus sentimentos e emoções. Mostra como esse despertar foi uma experiência individual baseada em uma profunda consciência de seu pecado e inadequação, e resultou em uma consciência de sua própria salvação específica. Foi mais uma experiência interior do que uma experiência coletiva com as outras pessoas. A passagem também demonstra as fontes desta consciência, pois seu despertar aconteceu enquanto ouvia as palavras de Lutero sobre a carta de Paulo aos Romanos.

A pregação de Wesley ao ar livre trouxe fortes expressões externas de diversos sentimentos nas multidões a que ele se dirigia. Um relato conta como a emoção

arrebato a multidão, alguns se confessaram pecadores; alguns gritaram que eram reis; outros começaram a entoar cânticos de ação de graças; outros foram tomados por convulsões. Enquanto eu estava pregando”, registra Wesley, “um caiu em minha frente como morto, e logo em seguida um segundo ou um terceiro. Depois de meia hora, cinco outros caíram de exaustão, a maioria em violentas agonias. Nós invocamos o Senhor e Ele nos deu uma resposta de paz”.

Wesley e o reavivamento evangélico, portanto, levaram o discipulado protestante à era moderna de um jeito novo, inclusive dentro do anglicanismo, por meio de uma nova ênfase sobre o sentimento de justificação nas emoções do coração. De forma física, o crente experimentou a salvação que a cruz de Cristo proporciona.

Quando Charles Wesley teve seu próprio despertar três dias antes, ele escreveu seu grande hino “*And can it be*” (“E pode ser”, na tradução livre para o português), em resposta a isto (ele acabaria escrevendo cerca de 6000 hinos). É provável que John tenha cantado este hino logo após seu próprio despertar para a “religião vital”. Ele expressa a natureza libertadora da experiência interior de salvação. O primeiro verso dá um breve resumo da justificação pela graça através da morte expiatória de Cristo na cruz. É significativo que o hino utilize o singular “eu” ao invés do plural “nós”, mostrando uma abordagem individualista da salvação:

E será que eu deveria ganhar
Uma participação no sangue do Salvador?
Morreu Ele por mim, quem causou Sua dor—
Por mim, que O perseguiu até a morte?
Amor surpreendente! Como pode ser,
Que Tu, meu Deus, devias morrer por mim?

O segundo e o terceiro versos debruçam-se sobre o mistério dessa graça revelada na cruz, e depois o quarto verso descreve o momento da justificação com a imagem da libertação de Pedro da prisão em Atos 12. Também lembra a maneira como Martinho Lutero recontou sua própria experiência de graça (ver 1.1) que o levou a promover a doutrina da justificação pela graça através da fé:

Enquanto o meu espírito aprisionado permaneceu,
Rapidamente preso na noite do pecado e da natureza;
Teu olho dispersou um raio acelerado—
Acordei, o calabouço flamejou de luz;
Minhas correntes caíram, meu coração estava livre,
Eu me levantei, fui em frente e Te segui.

Para nossos propósitos, o principal verso é o quinto, que muitas vezes é omitido nos livros de hinos modernos por causa de sua referência à “ira do céu hostil” (que parece contradizer a noção de um Deus amoroso). É o verso como um todo que é esclarecedor:

Ainda a pequena voz interior que ouço,
Que sussurra todos os meus pecados perdoados;
Ainda o sangue expiatório está próximo;
Que extinguiu a ira do Céu hostil.
Eu sinto a vida que Suas feridas transmitem;
Eu sinto o Salvador em meu coração.

Estas palavras enfatizam claramente não apenas o conhecimento da justificação na mente, mas o sentimento de justificação dentro do coração do crente. Em forma de verso, para um público popular, elas mostram de forma impressionante a importância da experiência emocional dentro da vida cristã.

Tarefa: Os reavivamentos evangélicos tiveram um papel na vida de sua igreja? Que diferença eles fizeram? Que diferença eles fazem para você?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

6.2 O Movimento Carismático

Esta ênfase em uma experiência de salvação carregada de emoções chegou ao presente por meio do pentecostalismo. O próprio movimento pentecostal se espalhou a partir de um reavivamento em uma congregação multirracial em Los Angeles, em 1906. É uma extensão do tipo de vida da igreja encontrada no metodismo primitivo, especialmente na tradição de santidade, pois compartilha uma ênfase na escritura, na doutrina da justificação pela fé e em uma experiência de salvação emocional. No movimento pentecostal, isto levou a uma preocupação com toda uma gama de manifestações físicas de fé, tais como falar em línguas (glossolalia, que é a capacidade de falar línguas desconhecias quando em um transe religioso) e cura física (lembrando 1 Coríntios 12:8-10 e 12:14).

Tudo isso teve um grande impacto sobre o anglicanismo através do movimento carismático, a partir de 1960. Isto foi inicialmente promovido dentro do anglicanismo mundial por Michael Harper, que foi coadjutor na principal igreja

evangélica de All Souls, Langham Place em Londres, sob o influente vigário e escritor John Stott. Stott, porém, se opôs à ideia do batismo pós-conversão no Espírito e Harper renunciou a sua curadoria, buscando seu ministério em outro lugar. Desde então existe uma divisão dentro do evangelicalismo, entre aqueles que promovem o movimento carismático e aqueles que não o fazem, simbolizados pelos diferentes estilos de culto e ministério em *All Souls* e outra importante igreja evangélica paroquial em Londres, a *Holly Trinity* em Brompton, frequentemente conhecida como HTB.

Harper formou o *Fountain Trust* que produziu a revista *Renewal* e organizou conferências ecumênicas que cresceram em tamanho nos anos 70. Seu objetivo era promover o reavivamento nas igrejas locais ao invés de criar novas igrejas ou comunhões. E enquanto as igrejas pentecostais descrevem os dons do Espírito como “batismo no Espírito Santo”, implicando que todas as pessoas cristãs genuínas os experimentarão, o movimento carismático mais recentemente lhes deu uma descrição mais geral de “estarem repletos do Espírito Santo”, o que implica que eles não são estritamente necessários para a salvação, mas melhoram a vida cristã. Um historiador descreve suas realizações nos seguintes termos:

O movimento trouxe um aprofundamento da fé para muitas pessoas e uma maior expectativa no estudo da Bíblia e na oração. Novas formas de música e uma participação mais plena no culto, incluindo gesto, dança, teatro e o dom da profecia, foram introduzidas em muitas congregações. Em especial, ajudou a derrubar barreiras denominacionais e teológicas, pois embora tenha começado nos círculos evangélicos, influenciou todos os setores da Igreja e é particularmente forte no catolicismo romano... Pode vir a ser visto como o movimento mais significativo do cristianismo britânico na segunda metade do século [XX].

Mais recentemente encontrou uma expressão mais ampla dentro do anglicanismo (e além) por meio do Curso Alfa, especialmente através de seu “fim de semana residencial do Espírito Santo”, entusiasticamente promovido pela Igreja *Holy Trinity*, de Brompton, que por sua vez se inspirou no professor carismático americano John Wimber e no movimento *Toronto Blessing* dos anos 80. Uma típica reunião Alfa começa com uma refeição e um tempo para socializar, seguida por uma palestra explicando um aspecto da crença cristã da Bíblia e, em seguida, uma discussão aberta em pequenos grupos. O conteúdo do ensinamento é estabelecido de modo que seja apresentado o essencial de uma fé evangélica, mas todas as perguntas e discussões são bem-vindas e os participantes têm espaço para refletir bastante sobre o que ouviram. O fim de semana do Espírito Santo

oferece então uma extensa oportunidade para responder aos ensinamentos de diversas maneiras, mudando a ênfase da aceitação intelectual para a expressão emocional e física. O “preenchimento pelo Espírito Santo” é aguardado e esperado e muitas vezes acontece, de maneiras poderosas e transformadoras para a vida. O fim de semana se torna um divisor de águas na vida de muitas pessoas.

O Curso Alfa tem alcançado popularidade notável não apenas na Grã-Bretanha, mas em todo o mundo. Em 2007, houve relatos de que 192.000 pessoas na Grã-Bretanha e 1,5 milhão de pessoas em todo o mundo fizeram o curso. Em 2008, líderes do curso de oitenta e três nações estiveram presentes em um encontro internacional na *Holy Trinity*. Em 2018, o site do Alpha informou que o curso como foi realizado em mais de 100 países e em mais de 100 idiomas, com uma estimativa de 24 milhões participantes até o momento. Tem havido um debate sobre se seu principal impacto será o de renovar congregações já existentes ou o de atrair novos crentes para a igreja. Entretanto, não se pode negar que o curso fortaleceu a consciência nas igrejas anglicanas e muito além da importância da expressão pessoal e genuína no recebimento e na resposta à salvação.

Tarefa: O movimento carismático ou o Curso Alfa tem desempenhado um papel na vida de sua igreja? Que diferença ele fez? Qual a diferença que isso faz para você?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 7

Inspiradas/os pela Imaginação

Pergunta de abertura: A imaginação é nossa capacidade de enxergar além do que nossos olhos veem para reconhecer realidades espirituais, como a presença de Deus ao nosso redor. Já houve momentos em que você viu a presença de Deus no mundo e através do mundo ao seu redor?

Esta sessão trata de como o anglicanismo tem reconhecido e valorizado a imaginação dentro da vida cristã.

7.1 Poetas e Canções

Como vemos o Deus em que “nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (Atos 17.28)? Isto não é simples, porque nossos sentidos humanos comuns, nosso ver, ouvir, tocar, provar e cheirar, não podem ver e sentir aquele que está além de todo o ver e saber. Esta incapacidade significa que algumas pessoas nunca encontram a fé no primeiro lugar. No entanto, o anglicanismo, como outras tradições cristãs, oferece um caminho a seguir. Isto acontece por meio do uso da imaginação, a capacidade de olhar além do que nossos sentidos podem sentir e reconhece realidades espirituais, acima de tudo a realidade da existência de Deus e de sua presença próxima a nós.

A pessoa que entendeu e escreveu sobre isso de forma crucial para o anglicanismo foi o poeta e teólogo Samuel Taylor Coleridge (1772-1834). Ele criticou a filosofia rasa de seu tempo que baseava todo o conhecimento apenas nos sentidos humanos. Sua jornada teológica foi estimulada por outro poeta, William Wordsworth, que ele conheceu em 1795 e cuja poesia lhe causou um grande impacto. O que o impressionou na poesia de Wordsworth foi o uso da imaginação para ver além do que seus olhos enxergavam, para uma realidade espiritual maior. Um trecho do poema de Wordsworth “Linhas compostas a alguns quilômetros acima da Abadia de Tintern”, escrito e publicado em 1798, ilustra muito bem o que chamou a atenção de Coleridge:

E eu senti
Uma presença que me perturba com a alegria
De pensamentos elevados; um sentimento sublime
De algo muito mais profundamente interligado
Cuja morada é a luz do pôr-do-sol,

E o oceano redondo e o ar vivo,
E o céu azul, e na mente do homem:
Um movimento e um espírito, que impulsiona
Todas as coisas pensantes, todos os objetos de todo pensamento,
E rola por todas as coisas. (linhas 93-102)

Wordsworth está descrevendo não apenas o que seus sentidos viram, mas a forma como seus sentimentos e imaginação veem um espírito que unifica todas as coisas. Wordsworth não era um cristão neste momento de sua vida, mas, no entanto, ele está sentindo a presença de Deus através de sua imaginação. Mais tarde ele se tornaria cristão e anglicano. Para Coleridge, este tipo de poesia que usa a imaginação é um portal para ver Deus. Ele escreveu sobre isso em seus últimos anos, como em seu livro *Aids to Reflection (Ajudas para a Reflexão, na tradução livre em português)*, e trouxe uma nova compreensão da importância da imaginação para o anglicanismo. Ele mostrou como isso nos permite ver quem está por trás de todas as expressões de fé, aquele que está mais próximo de nós do que nós mesmos.

O anglicanismo tem muitos exemplos de poetas, artistas, autoras/es, músicos e outras/os que criaram trabalhos que despertam a imaginação religiosa e inspiram a fé. A forma mais difundida disso nas igrejas anglicanas tem sido os hinos e cânticos de adoração, nos quais a combinação de versos e música tem levado suas congregações a ver e conhecer a Deus.

Cada anglicana/o e, de fato, cada pessoa cristã terá seus próprios hinos e cânticos favoritos que lhes tocaram e inspiraram em diferentes momentos de suas vidas. Mas na maioria das vezes são os hinos do final dos séculos XVIII e XIX que têm sido os mais populares. Alguns já foram citados acima, como a “*Amazing Grace*” de John Newton e a “*And can it be*” de Charles Wesley. Para muitos, os hinos cantados no Natal os aproximam mais de Deus do que em qualquer outra época do ano. Uma das favoritas, o cântico de Phillips Brooks “A pequena vila de Belém” é especialmente bom no apelo à imaginação. Brooks foi um sacerdote episcopal americano que visitou Belém, na Palestina, em 1865 e escreveu esse hino logo depois. Dá vida ao lugar e à época do nascimento de Jesus, que foi Belém nas horas tranquilas da noite. Ele incorpora elementos dos relatos de Mateus e Lucas sobre esse nascimento, tais como o papel de Maria, o testemunho dos anjos e a descrição de Cristo como Emanuel, mas coloca tudo isso dentro de um contexto mais amplo da presença eterna, pacífica e reconfortante de Deus com o mundo, e lembra o evangelho da descrição de Cristo por João como a luz de todas as pessoas:

Oh pequena vila de Belém,
Repousa em teu dormir!
Acima de seu sono profundo e sem sonhos
As estrelas silenciosas passam;
Mas em tuas ruas escuras brilha
A luz eterna;
As esperanças e os medos de todos os anos,
Se encontram em ti esta noite.

Pois Cristo nasceu de Maria,
E, lá no céu reunidos,
Enquanto os mortais dormem, os anjos guardam
seu olhar de amor maravilhoso.
Ó, estrelas da manhã, juntas
Proclamai o sagrado nascimento!
E louvai a Deus, o Rei,
E paz aos homens na Terra.

O terceiro e quarto versos, em especial, criam uma atmosfera de reverência e adoração, permitindo à pessoa que canta o hino imaginar fazer parte da cena e estar aberta para receber a graça perdoadora de Deus. Desta forma, o hino nos permite estar espiritualmente unidos a quem ele se refere, Deus em Cristo:

Com que silêncio, com que silêncio,
O dom maravilhoso é concedido!
Assim Deus faz conhecer aos corações humanos
As bênçãos de Seu céu
Nenhum ouvido pode ouvir a Sua vinda,
Mas nesse mundo de pecado,
Onde almas mansas ainda O receberão,
Entra o querido Cristo.

Oh Criança sagrada de Belém!
Desça até nós, nós pedimos;
Expulse nosso pecado, e entre,
Nasça em nós, hoje.
Ouvimos os anjos do Natal
As grandes boas novas dizem;
Ó, venha até nós, fica conosco,
Nosso Senhor Emanuel!

Tarefa: Durante sua vida, que hinos ou canções foram especialmente importantes para te trazer a consciência da presença de Deus? Como eles fizeram isso? Como eles mudaram sua vida?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

7.2 Canto de Hino de Avivamento da África Oriental

Um hino muito diferente em um contexto diferente é “*Tukutendereza Yesu*” (“Nós Te Louvamos, Jesus”) do Reavivamento da África Oriental de meados do século XX. O Reavivamento começou nos anos 30 em Ruanda, onde um médico inglês CMS, Joe Church, compartilhou uma experiência de profundo perdão e renovação pessoal com um enfermeiro ugandense, Simeon Nsimbambi, no hospital onde trabalhavam. Essa experiência de reavivamento se espalhou então entre os outros funcionários do hospital. Grande ênfase foi dada pelos *balokoles* (“salvos”) no perdão através do sangue salvador de Cristo, na confissão pessoal do pecado e no testemunho da salvação pessoal. O movimento se espalhou para Uganda em 1935-36 quando um diácono chamado Blasio Kigozi fez um fervoroso apelo para que as/os anglicanas/os rejeitassem a mistura dos costumes africanos com o cristianismo evangélico, parassem o domínio do clero na vida institucional da igreja e mudassem sua abordagem asfixiante para a crença correta. Ao invés disso, os anglicanos deveriam “Despertar!”

Em resposta a esta chamada para a convergência do reavivamento, começaram a surgir irmandades do movimento em Buganda e no sul de Uganda. Os membros da irmandade se intitulavam *ab'oluganda* (irmãos e irmãs), e se viam como pertencentes a um novo clã, uma nova expressão dos valores comunitários e de solidariedade africanos. Eles denunciavam o paganismo e os compromissos não cristãos (particularmente sobre a prática sexual), ensinavam uma rigorosa monogamia, recusavam-se a beber álcool e eram extremamente honestos. Foi aqui que o hino se tornou tão importante para gerar um forte senso de presença perdoadora e encorajadora de Deus para os irmãos e irmãs, especialmente após a confissão pública do pecado.

O historiador Kevin Ward escreveu que “ao pregar uma mensagem radical de igualdade, incluindo a igualdade entre brancos e negros, o movimento do Reavivamento teve um papel significativo na libertação do Evangelho de sua associação com o colonialismo”. Dividiu a igreja e o cisma tornou-se uma

possibilidade, embora nunca tenha realmente acontecido. Sua influência se estendeu então através da fronteira com o Quênia e a Tanzânia, onde cristãos de muitas denominações diferentes foram afetados.

Muitos líderes futuros da igreja foram tocados e inspirados pelo reavivamento, incluindo o bondoso e orante Janani Luwum, que foi Arcebispo de Uganda a partir de 1977. Depois de criticar o regime brutal de Idi Amin, ele foi preso e assassinado. Luwum e outros mártires, como alguns cristãos Kikuyu mortos na revolta de Mau Mau no Quênia, mostraram a profundidade cristã e a persistência de muitos daqueles que o reavivamento havia alcançado.

O Renascimento afetou fazendeiros, comerciantes e motoristas. Havia um novo alento na comunidade cristã, uma abertura dos lares para a leitura da Bíblia e irmandade, um novo espírito de autodeterminação, uma nova ênfase no papel do Espírito Santo no testemunho e no culto. A pregação em reuniões ao ar livre levaria a batismos pelo Espírito Santo. No final, o anglicanismo da África Oriental como um todo se tornaria profundamente influenciado pelos valores e padrões éticos do reavivamento, embora seu grau de influência na igreja variasse de lugar para lugar.

As palavras de “*Tukutendereza Yesu*” são simples e poderosas, fazendo uma ligação entre aqueles que cantam o hino e a morte de Cristo para que, através de sua imaginação, possam realmente ver e conhecer sua presença perdoadora com eles:

*Tukutendereza Yesu
Yesu Oli Mwana gw'endiga,
Omusayi gunazizza
Nkwebaza, omulokozi*

*Yesu omulokozi wange
Leero ndiwuwo wekka
Omusayi gw'ogunaziza
Yesu omwana gw'endiga*

*Edda nafubanga nyo nze
Okufuna emirembe;
Leero kamalirire nze
Okweyambisa Yesu...*

Nós te louvamos Jesus
Jesus o Cordeiro de Deus
Seu sangue me purifica
Agradeço ao salvador

Jesus meu salvador
Creio apenas em ti
Seu sangue me purificou
Jesus o Cordeiro de Deus

No passado, eu tentei tanto,
Buscar a liberdade
Hoje estou determinado
A aceitar Jesus meu salvador ... (Basoga 2016)

Tarefa: Você já teve a experiência de ver o perdão de Cristo descer da cruz até você? Quando foi isso? Descreva como isso aconteceu. Você já viu Cristo trabalhando em sua vida de outras maneiras e em outros momentos?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

II

A Vida na
Igreja Anglicana

Esta seção conta as histórias de alguns dos momentos e textos de definição na história da vida da igreja anglicana. Ela começa com os Artigos de Religião do século XVI, continua com o cultivo e o crescimento das igrejas na América do Norte, Australásia e África Ocidental, descreve a influência dos reavivamentos evangélicos e católicos e termina com o desenvolvimento da Comunhão Anglicana e suas instituições nos últimos dois séculos. Essas histórias destacam seis temas-chave no desdobramento do anglicanismo, identificados nos títulos das sessões a seguir.

Sessão 8

Da Tradição Católica

Pergunta de abertura: O respeito pelas antigas tradições da igreja tem sido parte de sua experiência como pessoa cristã e como anglicana/o? Se sim, descreva algumas das maneiras pelas quais você as experimentou.

Esta sessão apresenta algumas dessas tradições que continuam a moldar a vida anglicana.

8.1 Ordens do Ministério, Tempos Litúrgicos e Santos

Os Artigos de Religião, como já vimos, são um dos “formulários históricos” dentro do anglicanismo e, portanto, muito importantes para sua identidade. É importante reconhecer que os cinco primeiros Artigos de Religião estabelecem cuidadosamente as doutrinas da antiga Igreja Católica (a igreja universal antes de sua divisão entre a Católica Romana Ocidental e a Ortodoxa Oriental por volta do ano 1000 d.C.). Então, após afirmar que a escritura é a autoridade suprema no Artigo VI, e após orientação sobre como interpretar o Antigo Testamento no Artigo VII, o próximo artigo nomeia os três credos da antiga igreja - o credo de Nicéia, o credo Athanasiano e o credo dos Apóstolos - e afirma que eles “devem ser inteiramente recebidos e cridos” (Artigo VIII). A tradição apostólica da antiga e indivisa Igreja Católica, então, recebe autoridade dentro do anglicanismo. Em outras palavras, no que realmente importa, a doutrina central da igreja, as/os anglicanas/os pertencem à Igreja Católica como um todo.

Já vimos como no prefácio original de para o Livro de Oração Comum (LOC) (alterado para ser o segundo prefácio na edição de 1662 e agora intitulado “A respeito do Serviço da Igreja”), afirma que ele acreditava que a antiga tradição da igreja era “não era ordenada para um bom propósito, e para um grande avanço da

piedade”. Este respeito pela tradição antiga é encontrado em muitos pontos do BCP na prática das igrejas anglicanas no mundo. Um exemplo é a antiga divisão geográfica da Igreja em paróquias, dioceses e províncias. Isto é mantido no LOC nas instruções introdutórias para a Oração da Manhã e da Noite e nos serviços de ordenação. O reconhecimento de que as dioceses pertencem às suas respectivas províncias é visto na ordem de consagração das/os bispas/os, onde “o Arcebispo daquela província” preside o serviço. (Veja mais na sessão 8).

Ordens do Ministério

A antiga ordem ministerial tripla de diácono, presbítero e bispo também é mantida pelo anglicanismo. Veja, por exemplo, os três serviços de ordenação que foram publicados por Cranmer em 1550 e incluídos na edição 1552 e edições subsequentes do LOC.

As características distintivas do ministério do diácono são descritas como assistência com a eucaristia, ensino e pregação, e “procurar os doentes, pobres e impotentes da Paróquia” para que eles “possam ser socorridos”.

As características que definem o ministério do presbítero são resumidas nas palavras que a/o bispa/o usa quando ele ou ela apresenta uma Bíblia: “Tomai sua autoridade para pregar a Palavra de Deus e para ministrar os sagrados Sacramentos na Congregação, onde sereis legitimamente nomeados para isso”.

As características que definem o ministério da/o bispa/o também são descritas na apresentação de uma Bíblia: Sejais para o rebanho de Cristo um pastor, não um lobo; alimentai-os, não os devorai. Sustentai os fracos, curai os doentes, revigorai os aquebrantados, reconduzi os marginalizados, buscai os perdidos. Sejais misericordiosos, mas não negligentes; ministrai a disciplina, mas não esqueçais a misericórdia”

Entretanto, os Puritanos argumentaram que o Novo Testamento não diz que deveria haver uma ordem tripla de bispos, presbíteros e diáconos. Em vez disso, citando João Calvino, o reformador da Suíça, eles argumentaram que as escrituras mostram que o ministério deveria ter quatro ordens - pastores, médicos (ou seja, professores), anciãos (a palavra grega para isso é presbítero) e diáconos. Eles acreditavam que somente as coisas prescritas pelas escrituras deveriam estar na igreja: todo o resto deveria ser removido. Richard Hooker, já apresentado na Sessão 4, assumiu uma linha menos radical e argumentou que somente as coisas proibidas pelas escrituras deveriam ser retiradas da vida da igreja, tais como a adoração de ídolos. Havia muitas coisas na vida atual da

igreja às quais as escrituras eram indiferentes (este é o princípio de '*adiaphora*', adotado do luteranismo). Tais coisas poderiam permanecer se concordassem com a lei natural e fizessem parte da longa tradição da igreja. As escrituras, então ele indicou, não proíbem o tríplice ministério: é algo indiferente a seus autores. Além disso, esse ministério tem funcionado de maneira efetiva ao longo dos séculos e, portanto, concorda com as leis naturais. Adicionalmente, ele tem sido mantido pela tradição eclesiástica, assim como um clamor de nossa lealdade contínua. A ordem tripla é, portanto, "razoável e defensável". No entanto, ela pode ser alterada em épocas diferentes se as circunstâncias assim o exigirem, se houver "justa e razoável causa para alterá-las" (Laws V.lxv.2).

A tripla ordem permaneceu, portanto, como a estrutura do ministério anglicano desde então.

O Ano Litúrgico

Traços específicos da tradição litúrgica católica são vistos em várias características do livro. Uma delas é a forma como mantém as estações do ano cristão (às vezes chamadas de "o Tempo" nos textos litúrgicos católicos), associadas aos domingos e outros "Dias Santos". O Advento é colocado primeiro, seguido pelo Natal, Epifania e Domingos "depois da Epifania", depois os domingos antes da Quaresma, Quarta-feira de Cinzas e Quaresma, os dias da Semana Santa, Páscoa, Pentecostes, Trindade e Domingos depois da Trindade. Cada um recebe sua própria coleta (ou oração especial), epístola e evangelho para a Santa Comunhão, e lições e salmos para a Oração da Manhã e da Noite. O encontro da congregação com as escrituras, então, deve ser canalizado através dessa estrutura tradicional sazonal que forma e orienta as expectativas da/o adoradora/o. A tradição suíça reformada, que Cranmer seguiu em muitos outros aspectos, teve pouco tempo para este aspecto do catolicismo medieval. A adoração deveria ser guiada pelo compromisso direto com o texto da Escritura, não havendo uma estrutura intermediária sazonal entre o pregador e a Palavra, mas Cranmer se sobrepõe a isso.

O Calendário

O Calendário também é mantido (originalmente escrito '*Kalendar*'), com seu reconhecimento de dias santos específicos (às vezes chamado '*o Sanctorale*' nos textos litúrgicos católicos). No LOC de 1552 Cranmer seguiu o Protestantismo Reformado retirando do calendário muitos dos santos e suas leituras associadas. Contudo, ele manteve coletas e leituras para os santos mencionados no Novo Testamento, como os apóstolos e João Batista, e imprimiu seus nomes em vermelho no livro (isso cunhou a frase "*red letter days*" (ou, traduzindo do inglês,

dias marcados em vermelho) para esses dias festivos). E celebrou duas festas para Maria, a mãe de Jesus: sua “purificação” em 2 de fevereiro, e a anunciação (lembrando o anúncio do nascimento de Jesus para ela) em 25 de março. Uma característica chave da devoção católica medieval, rejeitada pela maioria dos reformadores suíços, portanto, surpreendentemente continuou a encontrar um lugar nos formulários históricos do anglicanismo.

Além disso, ele manteve a denominação outros quatro dias de santos no Calendário, a saber, São Jorge, Lammas, São Lourenço e São Clemente. Esses dias foram chamados de “*black letter saints' days*” (em português, dias dos santos de letras pretas), porque foram impressos em tinta preta. Assim, mesmo que um grande número de outros santos tivesse sido removido, o princípio de manter um *sanctorale* foi mantido.

Edições posteriores do LOC ampliariam o número de santos indicados no calendário, com cinquenta e sete nomes adicionados na edição de Elizabeth I de 1561, e Alban e o Venerável Bede adicionados na edição de 1662. No período que antecedeu a publicação de 1662, os Puritanos atacaram a manutenção desses dias, mas os bispos os defenderam com o argumento (dentre outros) de que essas comemorações “são úteis para a preservação de suas memórias”, mais uma vez mostrando lealdade à tradição católica. Além disso, em 1662, a comemoração da visita de Maria a Isabel foi reinserida no calendário (2 de julho), e na tabela de lições apropriadas para os dias santos, o título da Anunciação tornou-se “A Anunciação de nossa Senhora”. Este foi um título popular dentro de uma vertente da devoção anglicana no século XVII e aqui aproxima o LOC da tradição católica.

Tarefa: Os santos da igreja são lembrados na igreja que você frequenta? Quais são os santos que chamam mais sua atenção? Por quê?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

8.2 Confissão e Ornamentos

Vestígios do catolicismo medieval também são vistos na Visitação aos Enfermos do LOC. No catolicismo medieval havia outros cinco sacramentos (confirmação, confissão, casamento, últimos ritos e ordenação). Os Reformadores foram enfáticos em dizer que havia apenas dois sacramentos - Batismo e Sagrada Comunhão - porque somente estes eram mencionados nas escrituras. Os Artigos

de Religião mantiveram essa doutrina (veja Artigo XXV), mas o rito da Visitação aos Enfermos é surpreendente porque inclui as palavras do sacramento da confissão e absolvição. Na metade do serviço, as instruções dizem que *“a pessoa doente deve ser levada a fazer uma confissão especial de seus pecados, se sentir que está perturbada por algum peso na consciência. Depois dessa confissão, o Ministro a absolverá (se a pessoa humildemente e sinceramente o desejar) depois desse procedimento”*. A forma das palavras que o ministro então usa vem diretamente dos ritos católicos e é a principal forma de absolvição usada na Igreja Ocidental até o século XII. Nessas palavras, o sacerdote não está simplesmente lembrando a pessoa penitente do perdão que recebe diretamente de Deus, mas de alguma forma por seu próprio poder trazendo esse perdão para a pessoa:

Nosso Senhor Jesus Cristo, que deixou poder a sua Igreja para absolver todos os pecadores que verdadeiramente se arrependem e creem Nele, de Sua grande misericórdia te perdoa de tuas ofensas: E por Sua autoridade em mim investida, eu te absolvo de todos os seus pecados, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém. (Igreja da Inglaterra 1662, p. 317)

É surpreendente que Cranmer permitisse que um dos cinco sacramentos católicos proibidos faça esta aparição dentro do LOC. É mais uma maneira pela qual os formulários históricos do anglicanismo impediram a igreja de seguir os reformadores suíços de uma forma completa.

Ornamentos de Adoração

Há evidências de que esse retrocesso deu um passo adiante na edição de Elizabeth I do LOC de 1158 (mantida em 1662). Essa edição fez algumas mudanças que trouxeram de volta o papel tradicional da Igreja no caminho da salvação. Um conjunto de mudanças foi feito no rito da Sagrada Comunhão (ver 4.3) e outro foi para a aparência externa do culto.

O livro de 1559 continha as seguintes instruções no início da Oração da Manhã e da Noite, a segunda das quais é frequentemente chamada de “Rubrica dos Ornamentos”:

E os Chanceleres permanecerão como o fizeram em tempos passados.

E aqui deve ser observado que tais Ornamentos da Igreja, e dos seus Ministros em todos os momentos de sua Ministração, devem ser retidos, e estar em uso, como foram nesta Igreja da Inglaterra pela Autoridade do Parlamento, no Segundo Ano do Reinado do Rei Eduardo VI.

O ano aqui referido é 1549, dois anos após a adesão de Eduardo em 1547. Este, significativamente, é o mesmo ano da publicação e autorização pelo parlamento do primeiro LOC. Isto é significativo porque aconteceu antes da introdução das reformas radicais de Cranmer no LOC de 1552, quando muitos dos objetos ligados ao culto católico foram banidos. O BCP de Elizabeth, então, procura restaurar a aparência externa da Igreja da Inglaterra pré-reformada. Quais “ornamentos” poderiam ser mantidos? A resposta é Bíblia, Livro de Oração, altar, cálice e patena, linho, fonte, sino, cadeira e púlpito. Todos eles são mencionados no LOC de 1549. Provavelmente também incluiriam uma mesa de credenciais, cruzeiros, teca, mesa de conferências e litania. Os ornamentos do ministro incluiriam as vestes recomendadas pelo primeiro LOC, ou seja, alva, casula, capa, sobrepeliz, hábito habitual do bispo e provavelmente as vestes de coristas e acólitos.

Os puritanos no reinado de Elizabeth queriam que todos esses itens fossem banidos porque foram herdados do catolicismo medieval e visivelmente significavam a continuidade da Igreja pré e pós-Reforma da Inglaterra. Esta rubrica se sobrepõe a esses desejos. Ela permite o uso dos ornamentos do catolicismo medieval no culto da Igreja da Inglaterra a partir deste ponto. Isto não significava que uma interpretação católica de seu significado estivesse sendo imposta à igreja: O LOC de Elizabeth não dá este passo a mais. Mas isso significa que os adoradores que estavam acostumados a ver esses ornamentos e a interpretar seu significado das formas tradicionais não foram impedidos de fazê-lo. Nem os anglicanos católicos nem os protestantes podiam usar esta rubrica para impor seu ponto de vista sobre a outra parte, mas ela permitia a possibilidade de tal interpretação para aqueles que foram levados nessa direção.

Tarefa: Que ornamentos e vestes são usados na igreja que você frequenta? Como elas contribuem para a experiência da adoração? Qual é seu significado?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 9

Autogestão

Pergunta de abertura: Como sua igreja conduz seus assuntos? Como isso acontece nas paróquias, nas dioceses e para a igreja como um todo?

Esta sessão examina como as igrejas anglicanas obtiveram os primeiros meios para conduzir seus próprios assuntos.

Quando e como as igrejas anglicanas se tornaram igrejas autogovernadas? Isto não aconteceu na Igreja da Inglaterra por causa de seu estabelecimento com o Estado. Precisamos olhar para a América do Norte e a Australásia (tanto a Austrália como a Aotearoa-Nova Zelândia) para os principais passos nesta história. Cada um desses lugares conseguiu a auto governança de maneiras ligeiramente diferentes.

9.1 Episcopais dos Estados Unidos

A declaração de independência da coroa britânica pelo Congresso americano em 4 de julho de 1776 e a guerra de independência que se seguiu a ela de 1777-83 trouxe mudanças radicais. Foi um momento muito difícil para as igrejas anglicanas, com alguns edifícios sendo destruídos e o clero e as pessoas tendo que decidir que lado apoiariam, o Congresso ou o monarca britânico. Muitos apoiaram o Congresso, vendo-se como os não-*juradores* na Inglaterra que não jurariam fidelidade ao monarca atual. Mas alguns clérigos não acreditavam ter sido liberados de seu juramento de lealdade ao monarca. A guerra e essas divisões enfraqueceram a igreja em todos os treze estados que lutavam contra os britânicos. Quando o resultado da guerra se tornou claro e o governo britânico estava prestes a ser expulso das colônias, era hora de a liderança das igrejas estabelecer a independência da jurisdição da Igreja da Inglaterra.

O clero de Connecticut assumiu a liderança e, em 1783, antes do fim da guerra ter sido oficialmente declarado, elegeu Samuel Seabury para ser seu bispo, instruindo-o a buscar a consagração na Inglaterra ou, se isso não fosse possível, na Escócia. Então, em 1784, o clero e as lideranças leigas do que eram agora “estados” em vez de colônias se reuniram em Nova York para acordar uma constituição eclesiástica geral para colocar em prática a independência da Igreja da Inglaterra. Isso levou à primeira reunião da Convenção Geral das Igrejas na Filadélfia em 1785, estabelecida com duas casas, uma dos deputados eleitos de cada diocese e uma de todos os bispos (nos moldes do Congresso Americano com sua Câmara de

Representantes e Senado). Um dos princípios fundamentais da constituição era que a Igreja “manteria as Doutrinas do Evangelho como agora mantidas pela Igreja da Inglaterra, e aderirá à Liturgia da referida Igreja até onde for consistente com a Revolução Americana e as Constituições dos respectivos Estados”.

Enquanto isso, o bispo de Londres não pôde consagrar Seabury porque este último não quis fazer um juramento de lealdade ao monarca britânico, então Seabury viajou para a Escócia, onde não foi exigido tal juramento. Em 14 de novembro de 1784 ele foi consagrado em Aberdeen pelos bispos episcopais escoceses, o primeiro bispo anglicano a ser consagrado para servir além das Ilhas Britânicas. Este foi um momento altamente simbólico, mostrando como as/os anglicanas/os não estavam mais necessariamente subordinadas/dos à Igreja da Inglaterra e seu “Governador Supremo”, o monarca, e não dependiam mais da Igreja da Inglaterra para fazer crescer sua vida em todo o mundo.

Seabury retornou a Connecticut e conduziu a primeira ordenação do clero em 3 de agosto de 1785, as primeiras ordenações anglicanas a serem realizadas em solo americano.

A nova constituição para o que agora se chama Igreja Episcopal foi finalmente aceita pelas igrejas de todos os estados na Convenção Geral de 1789, no mesmo ano em que também foi acordada uma constituição política federal para todos os estados. O ano de 1789, famoso pela Revolução Francesa é, portanto, também o ano em que pela primeira vez uma igreja anglicana/episcopal independente foi criada fora das Ilhas Britânicas, mantendo a doutrina e a liturgia da Igreja da Inglaterra, mas dela separada em termos legais e eclesiásticos. Portanto, este pode ser descrito como o momento em que nasceu a Comunhão Anglicana, pois foi o momento em que começaram a existir igrejas anglicanas em diferentes partes do mundo, que podiam entrar em comunhão entre si (embora o termo “Comunhão Anglicana” não tenha sido usado até meados do século XIX: vide Sessão 11). Trata-se de outro momento altamente simbólico.

Tarefa: Descubra quando as igrejas anglicanas foram estabelecidas pela primeira vez em sua região e quando elas cresceram e se espalharam. Quando elas se tornaram uma província e se tornaram membros autônomos da Comunhão Anglicana?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

9.2 Anglicanas/os na Austrália

O anglicanismo na Austrália mostra um caminho diferente para a autonomia. O primeiro clérigo anglicano na Austrália foi Richard Johnson que chegou com a “Primeira Frota”, um grupo de navios com condenados que chegou em 1788 a Botany Bay para iniciar uma colônia penal. Johnson teve permissão para ser capelão para a frota e para o novo assentamento. As igrejas da Inglaterra começaram a ser estabelecidas a partir deste ponto e em 1825 um arcebispo da Austrália foi nomeado pelo bispo de Calcutá. Em seguida, houve a criação da diocese da Austrália em 1836 tendo William Broughton, do partido da Igreja Alta na Inglaterra, como seu primeiro bispo. A diocese da Tasmânia foi criada em 1842 e em 1847 o resto da Austrália foi dividido nas quatro dioceses de Sydney, Adelaide, Newcastle e Melbourne. Com enormes distâncias entre elas, era inevitável que as dioceses funcionassem de forma quase independente umas das outras, com muito pouco sentido da Austrália ser sua própria igreja nacional ao lado de igrejas nacionais em outras partes do mundo. Surpreendentemente, ela só se tornou uma igreja totalmente independente em 1962, com seu próprio primado (eleito dentre os bispos diocesanos) substituindo a primazia do Arcebispo de Cantuária. Além disso, ela ainda era conhecida como “A Igreja da Inglaterra na Austrália e na Tasmânia” até 1981, quando se tornou “A Igreja Anglicana da Austrália”.

A independência prática das dioceses significou que elas desenvolveram suas próprias formas de fazer as coisas, com a diocese de Sydney se apegando firmemente a uma versão teologicamente conservadora do Evangelicalismo e outras dioceses desenvolvendo um estilo mais central do Anglicanismo (como em Melbourne) ou mais um estilo anglo-católico em algumas áreas rurais, especialmente mais ao norte em Queensland.

A independência das dioceses em relação às estruturas nacionais tem sido demonstrada mais recentemente por sua resposta à questão da ordenação de mulheres. Quando o sínodo geral da igreja nacional aprovou a legislação para a ordenação de mulheres ao sacerdócio em 1992, algumas dioceses australianas foram adiante e ordenaram mulheres e outras não. Algumas ainda não ordenam mulheres ao ministério presbiteral, sobretudo a diocese de Sidney, que também não nomeia mulheres para serem responsáveis por suas paróquias, embora ordene mulheres para o diaconato.

A história do anglicanismo em Aotearoa Nova Zelândia é surpreendentemente diferente, com um papel fundamental desempenhado pelos indígenas dos povos Maori frente e ao lado de colonos ingleses que chegaram ao país no século XIX. Ela começou quando os povos Maori acolheram os missionários CMS (Church Mission

Society) que chegaram em 1814 e depois abraçaram a fé cristã, apesar das relações por vezes tensas com esses missionários. O número de Maoris convertidos cresceu rapidamente nos anos 1830 e início dos anos 1840 e o povo como um todo começou a incluir as ideias cristãs em sua visão de mundo. Enquanto isso, um grande número de colonos chegou da Inglaterra na década de 1840, muitas vezes expulsando os Maoris de suas terras, Um tratado foi firmado entre eles e o governo britânico, o Tratado de Waitangi em 1840, mas os colonos logo começaram a ignorá-lo. Os missionários CMS e o primeiro bispo da Nova Zelândia, George Selwyn, um clérigo inglês do partido da Igreja Alta, protestaram veementemente contra isso, mas foram ignorados pelos colonos.

A Igreja da Inglaterra na Nova Zelândia tornou-se a maior denominação religiosa e, em 1858, mais da metade da população era anglicana. Isto fez Selwyn enfrentar o desafio de como essa igreja diversificada deveria ser governada. Não era uma igreja estabelecida, como na Inglaterra, mas uma entre outras igrejas, e por isso era necessária uma nova abordagem. A consulta sobre uma constituição levou quinze anos e Selwyn trabalhou para uma diocese, inclusive de Maoris e Pakeha [brancos]. Em 1857 ele conseguiu dar à Igreja da Nova Zelândia uma constituição que lhe deu independência legal em relação à Igreja da Inglaterra Isso envolveu a realização de um Sínodo Geral Legislativo de não duas, mas três casas, de bispos, clérigos e leigos, que votaram separadamente sobre assuntos da igreja, garantindo que cada grupo tivesse uma voz igual. As dioceses também deveriam ter sínodos diocesanos, que selecionariam um novo bispo quando este fosse necessário. O Sínodo Geral não poderia mudar a versão autorizada da Bíblia, o Livro de Oração Comum ou os Artigos de Religião, mas poderia funcionar independentemente do Estado. Essa constituição, portanto, colocou em prática o que veio a ser chamado de “sinodalidade” no anglicanismo mundial. Ela serviu de modelo para outras províncias do mundo, por exemplo, na África do Sul, nas Índias Ocidentais, no Japão e no Canadá, e influenciou a Igreja da Irlanda. Portanto, durante esses anos, Selwyn deu uma importante contribuição para a criação de uma rede de províncias anglicanas interdependentes, inspirando-se no exemplo da Igreja Episcopal Americana, mas indo além dela de modo importante.

No entanto, ele não resolveu as necessidades de liderança e administrativas da igreja Maori Estas teriam de esperar até 1992 com uma remodelação radical da igreja em três *tikanga* (correntes culturais), dos povos Maori, Pakeha e Polinésia, com um primaz para cada um e um novo nome para a província, “A Igreja Anglicana em Aotearoa, Nova Zelândia e Polinésia”.

Tarefa: As igrejas anglicanas são governadas por sínodos e lideradas por bispas/os (ou seja, as/os bispas/os devem seguir as deliberações dos sínodos). Descubra como sua própria igreja paroquial é governada através de um conselho da igreja, e como sua diocese é governada através de um sínodo/concílio, e como sua província é governada através de um sínodo provincial.

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 10

Do Lugar

Pergunta de abertura: De que forma sua igreja pertence ao local onde ela está estabelecida? É através da linguagem que ela usa, seus costumes, pessoas e como ela serve a população em geral?

Esta sessão analisa os estreitos laços entre as igrejas anglicanas e os lugares onde elas estão estabelecidas em diferentes regiões.

10.1 Na Inglaterra e África Ocidental

Para uma igreja ser “do lugar” significa que ela pertence ao povo e ao cenário onde está localizada. Uma forte ligação com o lugar foi herdada pelo anglicanismo da igreja da pré-Reforma. Isto aconteceu por meio do sistema paroquial, que foi a forma como cada cidade e vila adquiriu sua própria igreja paroquial e seu ministro ordenado, que se tornaram parte integrante daquela comunidade. O sistema paroquial na Inglaterra data de Teodoro de Tarso, o sétimo Arcebispo de Cantuária (c.602-690, arcebispo 668-690), que introduziu uma estrutura paroquial em todos os municípios anglo-saxões da Inglaterra. À medida que as cidades e aldeias se multiplicavam pelo país, cada senhor local costumava construir uma igreja e estabelecer um presbítero lá. Quando o Domesday Book (Livro do Julgamento Final, em tradução livre para o português) foi compilado em 1086 (um livro que registra cada cidade e vila), havia milhares de paróquias com suas igrejas paroquiais. Duas mil são mencionadas no livro, e as evidências das construções existentes da igreja sugerem que havia muitas mais. Teodoro também estabeleceu várias dioceses em todo o país, incluindo Cantuária, Londres, Winchester, Lincoln e York. Estas foram agrupadas em duas províncias, sob a Cantuária no Sul e York no Norte, cujos bispos se tornaram arcebispos de suas respectivas províncias. A identificação do povo de uma comunidade com sua igreja e ministro ordenado tornou-se uma característica importante da história da igreja inglesa, e que continuou após a Reforma em muitos lugares. Isso tem sido descrito algumas vezes como o princípio encarnacional no anglicanismo, o que significa que a igreja não é apenas uma porção de uma organização mais ampla, mas pertence e é moldada pelo povo daquele lugar, por sua cultura, língua e política, e pela topografia e clima de onde eles vivem.

A questão para este capítulo é como isto tem sido levado adiante nos últimos séculos na Comunhão Anglicana. Em outras palavras, como o anglicanismo saiu da sociedade inglesa e se tornou uma igreja estabelecida e enraizada em diferentes contextos,

tornando-se uma igreja desses lugares? Há espaço para apenas uma história, mas esta encarna alguns princípios importantes encontrados em muitas outras partes da Comunhão.

É a história do anglicanismo na África Ocidental que começa com a agência missionária, a Sociedade para a Propagação do Evangelho (SPG, hoje USPG) trazendo três jovens africanos de Cape Coast (atual Gana) para a Inglaterra em 1754 para estudarem. Um deles, Quaque, foi batizado como Felipe e foi então ordenado em 1765 e enviado de volta como missionário, o primeiro presbítero que não era branco da Comunhão Anglicana. Ele retornou para ministrar no Castelo em Cape Coast, que era um centro para o comércio de escravos. Ele foi capelão, professor e catequista da população africana e testemunhou a brutalidade do tráfico de escravos. Ele escreveu sobre “a prática viciosa de comprar carne e sangue como os bois nos mercados”. Foi muitas vezes desdenhado pelos comerciantes, mas permaneceu no cargo por mais de 50 anos e viveu para ver o Parlamento Britânico acabar com o tráfico de escravos em 1807.

Enquanto isso, foi estabelecida uma colônia ou “província de liberdade” na África Ocidental para escravos libertados, que se tornou a nação de Serra Leoa e que, por sua vez, teve importantes consequências para a propagação do anglicanismo. Ela enfrentou dificuldades em seus primeiros anos, mas foi impulsionada pelo fluxo de escravos libertados do Canadá e do Caribe e pela chegada de escravos resgatados por navios britânicos de navios escravos de outras nações europeias. A Sociedade Missionária da Igreja (estabelecida em 1799) desempenhou um papel importante na abertura de igrejas, escolas primárias e gramaticais e faculdades na capital, Freetown, sobretudo através do envio de missionários luteranos alemães. Os iorubás da Nigéria se tornaram um grupo dominante, ganhando riqueza através do comércio. A maioria se tornou cristã, inclusive tornando-se anglicana e usando o Livro de Oração Comum. A formalidade do livro de orações, com sua abordagem ordenada do culto, foi complementada por aulas de um tipo mais caloroso e revivalista, mostrando como a forte presença metodista em Serra Leoa influenciou as/os anglicanas/os

Em sua segunda geração, essas pessoas ficaram conhecidas como crioulas e algumas começaram a voltar à Nigéria para o comércio e começaram a estabelecer igrejas lá. A atual igreja anglicana da Nigéria tem suas origens em 1842, quando CMS estabeleceu uma missão em Abeokuta, na Nigéria Ocidental, sob Henry Townsend. Esta missão se espalhou então para Lagos, que se tornou uma colônia britânica em 1861. Enquanto isso, as explorações no rio Níger entre 1830 e 1857 lançaram as bases para a evangelização do povo Igbo do leste da Nigéria, que estava baseado em uma missão da CMS em Onitsha.

Bispo Crowther

Uma das instituições da CMS em Serra Leoa foi o Instituto Fourah Bay, para treinamento vocacional, incluindo treinamento de professores, estabelecido em 1827. Samuel Ajayi Crowther frequentou essa faculdade quando foi inaugurada. Sua história é muito importante para o anglicanismo na África Ocidental e para a Comunhão Anglicana como um todo. Ele nasceu na Nigéria, em Osogun, no estado iorubá de Oyo, por volta de 1806. Foi escravizado, mas seu barco foi capturado pela marinha britânica e foi libertado em Freetown. Tornou-se cristão, foi batizado em 1825, visitou a Inglaterra e depois retornou para estudar no instituto. Casou-se com outra professora, Susan Thompson, e após se juntar a uma expedição ao longo do rio Níger voltou a Londres para ser treinado no Instituto CMS de Islington. Foi ordenado em 1843 e se uniu a uma missão para seu próprio povo iorubá na Nigéria, trabalhando ao lado de Townsend. Também se reencontrou com sua mãe, um momento maravilhoso em toda esta história. Era um linguista brilhante e desenvolveu um sistema de escrita dos tons da língua iorubá. Portanto, foi amplamente responsável pela tradução da Bíblia em iorubá.

Crowther viu a necessidade de reunir a cultura local e os valores cristãos, sempre afirmando que o Evangelho liberta os indivíduos e as sociedades. Em 1864, Henry Venn, secretário da CMS, convenceu Crowther a assumir um árduo papel de bispo em novas colônias ao longo do rio Níger. Em um evento de grande significado, ele foi consagrado Bispo da África Equatorial Ocidental na Catedral de Cantuária em 1864, o primeiro bispo negro no anglicanismo. Essa nomeação foi descrita como “uma das decisões eclesásticas mais sábias da história da igreja africana” (Bispo Bengt Sundkler).

O novo bispo liderou um grupo de clérigos africanos muito cultos que foram enviados para começar a trabalhar ao longo do rio Níger, que com conhecimento das línguas locais evangelizariam no vernáculo e começariam a divulgar a igreja. O progresso foi lento, mas seu trabalho gradualmente deixou de ser estabelecer pequenas estações missionárias, passando a estabelecer igrejas plenamente operacionais.

Os anglicanos de Serra Leoa também influenciaram a liderança da própria CMS, especialmente Henry Venn (1796-1873) que se tornou Secretário da CMS em 1841 e permaneceu no cargo até 1872. Venn foi um líder e escritor reflexivo e tornou-se o teórico missionário britânico mais influente do século XIX. Isso foi provocado pelo que ele viu acontecer em Serra Leoa, especialmente pela força da liderança da igreja. Venn acreditava que as igrejas estabelecidas pelos missionários anglicanos deveriam levantar o clero e os líderes dentre o povo que

eles converteram. Quando isto tivesse sido alcançado, a missão anglicana na área deveria fechar (sua “eutanasia”) e os missionários deveriam partir. Ele promoveu o que chamou e que ficou famoso como, “os três *selfs* (“autos”, em português) para estas igrejas locais: auto extensão, auto sustentação e autogestão. Também foi um dos primeiros a usar o termo “igreja indígena” para descrever esse tipo de igrejas. Em 1861, deixou claro que essas igrejas teriam “um episcopado indígena, independente da ajuda ou superintendência estrangeira”. Assim, os bispos seriam nomeados no final do estabelecimento da igreja, depois que ela tivesse surgido e já fosse autossuficiente. “A marca final de uma igreja totalmente autônoma seria o estabelecimento do episcopado nativo, a “coroa da igreja”.

A consagração de Samuel Ajayi Crowther como bispo em 1864 foi, então, a coroação da estratégia de Venn: aqui estava um bispo indígena para as igrejas missionárias anglicanas que já haviam sido estabelecidas ao longo do rio Níger.

Tarefa: Até que ponto sua igreja é auto extensiva, autossustentada e autogerida? Que diferença isso faz?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

10.2 Anglicanismo Nigeriano

Infelizmente a CMS retirou mais tarde seu apoio a Crowther e o próximo bispo nigeriano não seria consagrado até 1951. No entanto, como escreveu um bispo nigeriano da atualidade, “o nome de Samuel Ajayi Crowther continua a ressoar hoje, não apenas nas igrejas e lares cristãos, mas em toda a nossa sociedade”. No século 20, a estratégia dos três *selfs* de Crowther e Venn, seria recuperada e daria ricos frutos. A base disso foi o trabalho missionário de pastores e evangelistas locais, que espalharam a igreja a nível na base. Tornou-se uma igreja popular ‘folclórica’ com apelo a um grande número de agricultores e à classe trabalhadora urbana. Por exemplo, em 1916, um movimento popular foi gerado por Garrick Braide da região do delta do Níger. Após ser batizado e confirmado, ele teve uma visão durante a comunhão e embarcou em uma vida de evangelismo e cura. Ficou conhecido como Profeta Elias II, e atraiu seguidores de Bonny e de toda a região do Níger. O bispo local ficou perturbado por uma militância crescente no movimento. Braide foi preso pelas autoridades britânicas e depois libertado. Ele morreu em 1918, tendo estabelecido uma nova igreja, a Igreja Exército de

Cristo. Outras igrejas independentes foram iniciadas, como as igrejas da Aladura (orantes). Enquanto algumas pessoas deixaram as igrejas anglicanas para juntar-se a essas novas igrejas independentes, a espiritualidade dessas igrejas também influenciou o anglicanismo, especialmente em seus encontros e grupos informais, contribuindo para um fluxo de novos membros. A abertura de escolas eclesiais também atraiu novos adeptos, como em outras regiões da África. Com a multiplicação das congregações, novas dioceses foram criadas e, finalmente, um nigeriano foi nomeado bispo em 1951. A. B. Akinyele tornou-se Bispo de Ibadan, o primeiro bispo diocesano africano desde Crowther.

Mais tarde ainda, nos anos 60, um forte movimento de renovação carismática se espalhou pelas escolas e universidades da Nigéria. Era um novo evangelismo, que nos anos 80 havia se tornado fortemente influenciado pelos entendimentos pentecostais do mundo espiritual. Isso também influenciou o anglicanismo nigeriano, levando ao que tem sido chamado de "Pentecostalização" - a incorporação de elementos pentecostais no culto anglicano, que tem sido provavelmente o fator mais importante para atrair novas pessoas, especialmente jovens, para a igreja nas últimas décadas. Ligado a isso está a abertura aos dons espirituais, tais como falar em línguas, profecia e cura. O resultado foi que muitas igrejas têm agora bandas de adoração com instrumentos eletrônicos modernos e canções contemporâneas de origem ocidental e local (ao lado de coros de igrejas mais tradicionais). Palmas, tambores e danças, orações audíveis simultâneas, vigílias de oração noturnas e cultos de louvor e adoração comunitária são agora comuns em muitas igrejas.

Mas, em alguns aspectos, suas igrejas têm permanecido notavelmente conservadoras, sobretudo em sua adesão ao LOC e a uma perspectiva evangélica. A igreja tem demonstrado pouco interesse em discussões sobre sua unidade, ou ordenar mulheres, e se opõe ao reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo ou da comunidade gay em geral dentro da igreja. Muitos de seus bispos apoiam a GAFCON (Conferência Global do Futuro Anglicano), que mantém uma posição conservadora sobre essas questões.

Nos últimos anos, a igreja se dividiu primeiro em oito províncias e depois em catorze províncias para evangelismo e expansão. Isso contribuiu para o desenvolvimento dos líderes indígenas e proporcionou oportunidades para que os clérigos mais jovens fossem nomeados para o episcopado. Desde então, muitas dioceses foram divididas, e novamente divididas, em 2011, resultando em 164 dioceses (de 16 em 1979), um processo que foi descrito pelo historiador da igreja J.A. Omoyajowo como a "diocesanização" da igreja.

Hoje em dia, a igreja tem um estilo animado e confiante, é fortemente evangelística e comprometida com sua identidade anglicana, e tem uma longa tradição de auto sustentação financeira. Em termos de frequência aos domingos, é agora uma das maiores igrejas anglicanas do mundo, crescendo de 35.000 adeptos em 1900 para uma estimativa de 18 milhões em 2005, mais do que outras igrejas protestantes ou a igreja católica na Nigéria, embora esse número tenha sido revisto recentemente para menos de 8 milhões, menor do que a igreja anglicana em Uganda, com 10-11 milhões de anglicanos, mas mais do que as outras grandes igrejas anglicanas na África (isto é, Quênia com 4-5 milhões, Tanzânia com 2,6 milhões, e África do Sul com 2,8 milhões). A fórmula dos três *selfs* continuou a ser seguida e citada em toda a igreja, à medida que foi crescendo ao longo dos anos.

Tarefa: De que forma sua igreja combina a cultura local com os valores cristãos? Como isso ajuda a igreja a fazer conexões com a comunidade em geral? Seria possível fazer mais?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 11

Incluindo as/os Excluídas/os

Pergunta de abertura: De que forma sua comunidade eclesial dedica um interesse especial ao acolhimento e inclusão daqueles que a comunidade mais ampla exclui e empurra para as margens? Há muitos exemplos na história anglicana de igrejas e dioceses que fazem isso.

Esta sessão analisa dois exemplos notáveis, um da Inglaterra do século XIX e outro da Índia do século XX.

11.1 Os Tractarianos nas Favelas

Como a revolução industrial na Inglaterra no final do século XVIII e início do XIX deslocou cada vez mais pessoas, atraindo-as para fora das áreas rurais e para as cidades e vilas onde havia trabalho nas novas fábricas, elas perderam contato com as comunidades e as igrejas paroquiais onde haviam nascido e crescido. Na Inglaterra medieval, cada membro da população era considerado como pertencente à sua igreja paroquial, mas desde a Reforma, isso acontecia cada vez menos e agora a maioria da nova população urbana não tinha nenhuma conexão com ela. Além disso, a maioria dos pobres não tinha vínculo com nenhuma igreja, seja anglicana, metodista, presbiteriana, congregacional, católica romana ou batista. Foi no século XIX que os párocos anglicanos e suas comunidades eclesiásticas fizeram novas tentativas para alcançar aqueles que haviam se separado da vida religiosa e para trazê-los de volta a ela.

Dentro do movimento da Alta Igreja, uma das figuras mais influentes foi John Keble, o ministro da paróquia de Hursley em Hampshire, na Inglaterra. Ele se tornou um exemplo de presbítero fiel para os seguidores do Movimento de Oxford, um movimento de renovação teológica, espiritual e pastoral entre o clero e outros que ele ajudou a lançar em 1833 (vide Sessão 3). Os seguidores deste movimento eram conhecidos como Tractarianos, porque seguiam o ensino de panfletos chamados '*tracts*' (folhetos) publicados pelos líderes do movimento.

Ao visitar seus paroquianos, Keble conheceu os problemas da pobreza, as dificuldades de viver com baixos salários e a devastação da doença. Em seus escritos, comentou sobre os trabalhadores agrícolas que quebram máquinas agrícolas em protesto contra o aumento do desemprego (provocado por essas máquinas que reduzem o número de trabalhadores nesse setor). Ele mencionou

as condições terríveis dos locais de trabalho para onde os pobres eram enviados se não pudessem pagar suas dívidas. Criticou as cervejarias e seus efeitos sobre a população, e condenou o preço do milho e a distribuição dos lotes (parcelas de terra onde os pobres poderiam cultivar legumes). Ele adoecia com frequência devido a suas visitas aos doentes da paróquia, mostrando sua dedicação pastoral ao sofrimento deles. Mas não estava apenas colocando um curativo nas feridas. Também foi proativo de maneira prática e progressista: em Hursley ele patrocinou a criação de novos loteamentos para os sem terra; fundou um banco de poupança paroquial na esperança de encorajar os paroquianos pobres a economizar durante estações, como na colheita, quando os salários eram mais altos que o normal; e, se tudo mais falhava, ele os apoiava na emigração para outras partes do mundo.

Tal atenção à vida dos pobres da paróquia ao lado dos ricos tornou-se uma preocupação crescente do movimento de Oxford (também conhecido como o movimento Tractariano por causa dos folhetos publicados e distribuídos entre 1833 e 1841). Diversos escritores tractarianos desenvolveram um conceito de igualdade cristã sob o qual os ricos podiam ser ordenados a deixar sua superioridade à porta da igreja e os pobres podiam receber poder como membros iguais da igreja de Deus. Isso é visto na forma como os tractarianos fizeram campanha para a remoção de bancos de caixa e aluguéis de bancos nas igrejas paroquiais, uma instituição ainda muito difundida, o que significava que aqueles que podiam pagar os aluguéis tinham seus próprios assentos reservados nas igrejas enquanto os pobres tinham que sentar ou ficar de pé ao redor das bordas do edifício. William Bennet, vigário tractariano de St Paul, em Knightsbridge, Londres, escreveu apaixonadamente em 1845 que

O mundo entrou em nossas igrejas para marcar com muita distinção o RICO e o POBRE, onde a RELIGIÃO só em tempos anteriores distinguia o santo do profano. Agora as naves de nossas igrejas estão muito secularizadas e deformadas por bancos protegidos por portinholas, marcando os ricos e os grandes; e as bancadas abertas marcando os pobres ... *Não, isto não pode estar certo.*

As novas igrejas tractarianas, portanto, não teriam bancos especiais com portinholas para gente exclusiva: qualquer pessoa poderia sentar-se em qualquer lugar. Deveriam ser comunidades de tolerância e generosidade. Bennet também sabia que pregar os princípios teológicos do púlpito não seria suficiente: para seus paroquianos analfabetos ele usava meios visuais de comunicar a teologia do Movimento de Oxford, especialmente do lugar central dos sacramentos no discipulado, como vimos (Sessão 3).

O tipo de teologia subjacente a essa agenda de nivelamento é ilustrado por Robert Wilberforce (1802-57) que foi Arcebispo de East Riding of Yorkshire, um filho do evangélico William Wilberforce e um dos líderes do movimento de Oxford (antes de sua recepção na Igreja Católica Romana em 1854). Ele primeiro descreveu como a igreja “deve pregar a humildade no palácio e o autorrespeito nos casebres humilde dos pobres”. Ele apelou aos ricos para que negassem a si mesmos os luxos da riqueza e para apoiarem aqueles que tinham pouco ou nada. Dirigindo-se ao clero de East Yorkshire em 1846, ele forneceu então a seguinte justificação teológica para essa agenda, uma justificação com suas raízes na própria encarnação: se ao menos as/os anglicanas/os pudessem perceber “o maravilhoso fato de sua encarnação, aquele mistério coroador, pelo qual DEUS e a Humanidade, pelo qual matéria e espírito são indissolavelmente combinados”, então eles poderiam realmente entender seu “direito de nascimento” como “membros da família cristã”.

Tal nivelamento social para a solidariedade na comunidade foi ilustrado em uma das igrejas mais famosas do Movimento de Oxford, a St Alban's em Holborn, Londres. Foi aberta em 1862 em uma área de grande pobreza ao norte da cidade de Londres. As condições nos bairros pobres de Londres eram desesperadoras, sendo comum a miséria, a doença e muitas vezes a fome: um sacerdote escreveu sobre a “atmosfera sombria de neblina e poeira” nos quarteirões e vielas estreitas, com crianças seminuas brincando na sarjeta, muitas delas atrofiadas, semidestruídas e deformadas, e todas com aspecto doentio. O reverendo escocês Alexander Mackonochie foi vigário de St Alban de 1862 a 1882, e deixou bem claro que a igreja era para todas as pessoas e especialmente para as pobres. Lentamente, mas de forma segura, ele as encorajou a entrar na igreja e torná-la sua. Aqueles sem chapéus e sem sapatos vieram em grande número, porque não tinham que pagar o aluguel de banco (onde sentar) e sentiram que tinham tanto direito de estar lá quanto qualquer outra pessoa.

Para incentivar todas as faixas etárias a pertencerem à igreja, Mackonochie desenvolveu clubes para homens e meninos, e clubes para mulheres e meninas, e vários outros esquemas, incluindo um fundo de empréstimo geral e um clube de críquete. Os resultados foram incríveis: desde a época de sua consagração em 1862 até 1867 houve um progresso constante, com grandes e crescentes congregações. O número total anual de comungantes aumentou de cerca de 3.000 para mais de 18.000.

Tarefa: Que medidas práticas sua comunidade eclesial pode tomar para alcançar e acolher aquelas pessoas que estão à margem da sociedade comum? Como elas poderiam ser mais bem apoiadas?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

11.2 Castas Inferiores na Índia

Outros exemplos de igrejas anglicanas que incluem de forma positiva as/os as excluídas/os podem ser encontrados em muitas outras partes da Comunhão Anglicana. A história do anglicanismo na Índia fornece alguns bons exemplos. As sociedades missionárias vinham enviando missionários para o subcontinente desde 1728, começando pela SPCK (Society for Promoting Christian Knowledge

- Sociedade para Promover o Conhecimento Cristão), depois pela SPG (Society for Propagation of the Gospel – Sociedade para a Propagação do Evangelho) e depois pela CMS (Church Mission Society – Sociedade Missionária Eclesial) a partir de 1799. As igrejas foram estabelecidas entre a comunidade anglo-indiana, mas nunca aconteceram conversões em larga escala das castas superiores. A irmandade das igrejas anglicanas, juntamente com igrejas de outras denominações, continuou a representar uma pequena minoria da população.

Então, a partir de meados do século XIX, quando ficou claro que as castas superiores da sociedade indiana não se converteriam ao cristianismo, os missionários se concentraram cada vez mais no evangelismo entre as comunidades inferiores e não pertencentes a castas, e aqui começou a haver uma resposta entusiasmada entre alguns grupos. No Punjab, os Chuhras (varredores) e os Charmars (trabalhadores do setor de couro), de origem agrícola, responderam aos missionários presbiterianos, CMS e SPG. Em um censo de 1911 foram encontrados agora 90.000 presbiterianos e 30.000 anglicanos, e esses números continuaram a crescer. Foram formadas aldeias cristãs no Punjab.

Na verdade, grande parte do entusiasmo pela conversão veio das próprias comunidades, e tinha pouca conexão direta com a atividade missionária organizada, ou mesmo com o trabalho dos catequistas indianos. Eles desenvolveram uma espiritualidade fortemente local, com reuniões formais e informais para cantar hinos e salmos usando músicas locais, incluindo os cantos sagrados de Moody e Sankey. Houve uma memorização generalizada de versículos

das escrituras, visitas festivas de dignitários e observância do Natal. Muito disso nem sempre era o que os missionários ocidentais desejavam.

Outro exemplo de conversões em massa veio através do ministério do primeiro bispo indiano, Vedanayagam Samuel Azariah de Dornakal em Andhra Pradesh. Educado em uma escola da CMS, ele primeiro trabalhou para a ACM que estava encorajando a liderança local e depois foi enviado para ser missionário entre o povo de língua Telugu em Andra Pradesh. Em 1912, ele retornou como bispo deles quando tinha apenas 38 anos. Dornakal era uma diocese em uma área dominada pelos hindus, onde havia grupos de castas reprimidas cujo status estava se deteriorando devido à fome que havia afetado a área no século anterior. O Malas era um grupo cuja renda tinha sido comprometida pelas importações baratas de algodão de Lancashire, na Inglaterra. O primeiro missionário anglicano indiano, Samuel Pakianathan, tinha apoiado ativamente a luta para ajudá-los a obter acesso justo aos recursos hídricos. Azariah não era um telugu, então teve que trabalhar duro para ganhar a confiança deles, e conseguiu. Suas igrejas eram frequentemente na periferia das aldeias, perto de águas paradas ou de lixões.

Estes grupos de castas inferiores responderam entusiasticamente a seu ministério. O historiador Kevin Ward descreve como Azariah enfatizou a pompa de suas visitas episcopais. Suas “vestes radiantes” foram concebidas para significar para as pessoas algo da glória de Deus. Durante toda sua vida Azariah foi um entusiasta do evangelismo positivo, compreendendo as dificuldades que as pessoas tinham em abandonar completamente o “culto aos ídolos e a superstição”. Mas ele podia ser rigoroso e não aprovava casamentos mistos ou o uso da astrologia na decisão de parceiros matrimoniais

Azariah foi criticado algumas vezes por ser autoritário e por não encorajar o clero a se educar. Mas continua sendo uma das grandes figuras da cultura popular Andhra, lembrado em canções de louvor até os dias de hoje. Seu ministério mostra o anglicanismo se enraizando na Índia, preparando-se para a independência da nação em 1947. Ele também desempenhou um papel importante na criação da primeira das igrejas unidas do subcontinente indiano, a Igreja do Sul da Índia, também em 1947.

É importante reconhecer a importância desse evento. A Igreja do Sul da Índia foi uma união de igrejas presbiterianas, metodistas, congregacionais e holandesas reformadas com quatro dioceses anglicanas (incluindo Dornakal) no Sul da Índia. As negociações para criar a igreja foram lentas, e levaram cerca de 30 anos. Eles tiveram sucesso porque cada igreja aceitou os quatro artigos do Quadrilátero de Lambeth como base de sua vida compartilhada (vide abaixo, Sessão 12.1). Eles

concordaram que membros das diferentes tradições da igreja não seriam forçados a aceitar ministérios das outras tradições, portanto, as diferentes tradições tiveram continuidade dentro da igreja. Mas também concordaram que novos ministros seriam ordenados por um bispo, assim como seriam licenciados de outras formas, de modo que após 30 anos haveria um ministério unido. A criação da Igreja do Sul da Índia foi uma resposta ousada e profética ao “Apelo a Todo o Povo Cristão” da Conferência de Lambeth para a unidade da igreja em 1920. Ela mostrou como os anglicanos no Sul do globo estavam agora assumindo a liderança na Comunhão Anglicana como um todo.

Tarefa: O culto e a vida comunitária de sua igreja precisam mudar para incentivar as pessoas excluídas e marginalizadas a se tornarem membros ativos de fato? Se sim, de que maneiras? Você pode trabalhar com outras igrejas para alcançar aquelas pessoas que estão excluídas?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 12

Um Movimento Mundial

Até onde chegamos?

As sessões anteriores deste curso mostraram como as raízes do anglicanismo se fundamentam na Reforma Inglesa do século XVI e que ele cresceu e se fortaleceu desde então através dos reavivamentos católicos e evangélicos em todo o mundo. Eles demonstraram ser uma perspectiva de fé baseada na graça de Deus em Cristo, formada pela escritura, tradição e razão, e expressa através das mentes, corações e imaginações de seus seguidores. É uma perspectiva com baseada na vida comunitária, de palavra e sacramento e agora organizada em igrejas autônomas que, com autoridade apostólica, estão enraizadas nos lugares onde são plantadas, igrejas que incluem os excluídos e proclamam a vinda do Reino de Deus de várias maneiras evangélicas e práticas (descritas nas sessões 13-18).

Que tipo de organismo, então, é o anglicanismo? É uma única igreja, como a Igreja Católica Romana, a ser chamada "A Igreja Anglicana"? Este não pode ser o caso porque as igrejas membros da Comunhão Anglicana são autogeridas e não há uma sede geral. No outro extremo, então, é apenas um conjunto herdado de meios, pelos quais as diferentes igrejas vivem sua fé, um tipo de movimento cultural que vem de uma ancestralidade compartilhada, mas não tem vida corporativa compartilhada no presente, como movimentos como o Protestantismo ou o Fundamentalismo? As sessões a seguir mostram porque não é este o caso, revelando um meio-termo entre estes dois extremos. Elas exploram como o anglicanismo é um movimento ativo e organizado de diversas comunidades eclesiais em todo o mundo. Elas revelam um conjunto central de práticas, relações estruturadas e um objetivo comum.

Pergunta de abertura: O que você acha que as/os anglicanas/nos têm em comum? Pense em crenças compartilhadas, práticas de culto e objetivos comuns.

Esta sessão trata de um núcleo comum destas coisas e dos diferentes tipos de vínculos que ligam as igrejas da Comunhão Anglicana.

12.1 O Quadrilátero

Um sacerdote episcopal americano de Massachusetts, William Reed Huntington (1838-1909), mostrou que no coração da Comunhão está um núcleo de textos

e práticas compartilhadas e acordadas, como uma marca d'água que percorre cada igreja membro. Ele foi reitor em Worcester e depois, a partir de 1883, na *Grace Church* (Igreja da Graça, na tradução livre em português) em Nova York. Foi um incansável homem de igreja e militante que não só ajudou a liderar a Igreja Episcopal em direção à reunião de origem após as divisões da Guerra Civil Americana (1861-5), mas também foi uma das influências que mais ajudaram a formar a identidade anglicana moderna.

Suas ideias foram reunidas em um livro de 1870, *The Church Idea: An Essay Toward Unity* (A Ideia da Igreja: Um Ensaio Para a Unidade) que desenvolveu a ideia de F. D. Maurice de que havia sinais comuns entre as denominações históricas, embora Huntington abordasse todo o assunto mais como um historiador do que como um teólogo. Ele propôs quatro elementos comuns às igrejas anglicana, católica romana e ortodoxa. Foram elas as "Sagradas Escrituras, como a Palavra de Deus... os Credos Primitivos como a Regra de Fé... os dois Sacramentos ordenados pelo próprio Cristo... e o Episcopado como a pedra angular da unidade governamental". Em 1886, a Câmara Episcopal da Convenção Geral da Igreja Episcopal gostou e adotou os quatro pontos de Huntington em sua reunião em Chicago. Após os traumas da Guerra Civil, seu objetivo era promover a unidade nacional e a reconciliação. A esperança era restaurar as igrejas americanas à unidade da igreja católica primitiva, para alcançar uma "unidade orgânica".

Outros bispos em torno da Comunhão Anglicana ficaram impressionados com tudo isso e quando se reuniram para a terceira Conferência de Lambeth em 1888 resolveram adotar esse 'quadrilátero' em nome da Comunhão Anglicana como um todo. Ele apresentava de maneira clara uma ferramenta muito útil para reunir as igrejas.

O Quadrilátero é encontrado na Resolução 11, na qual os bispos deliberaram que

na opinião desta Conferência, os seguintes artigos fornecem uma base sobre a qual a abordagem pode ser feita pela bênção de Deus para a Reunificação da Casa:

(a) As Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento, como "contendo todas as coisas necessárias à salvação" [Artigo VI], e como sendo a regra e o padrão final da fé.

(b) O Credo dos Apóstolos, como Símbolo do Batismo; e o Credo Niceno, como a afirmação suficiente da fé cristã.

(c) Os dois Sacramentos ordenados pelo próprio Cristo - o Batismo e a Ceia do Senhor - ministrados com uso infalível das palavras de Instituição de Cristo, e dos elementos ordenados por Ele.

(d) O Episcopado Histórico, adaptado localmente nos métodos de sua administração às diferentes necessidades das nações e povos chamados por Deus para a Unidade de Sua Igreja. (Comunhão Anglicana de 1888)

Assim, estava sendo lançada uma base para que diferentes igrejas reconhecessem e afirmassem os quatro elementos dentro da vida uma da outra, estabelecendo assim um terreno comum como base para avançar em direção à unidade. Em conversas ecumênicas com luteranos e metodistas e católicos romanos, por exemplo, isso permitiria a conscientização das coisas que as/os anglicanas/os compartilham com eles, permitindo assim o crescimento da compreensão mútua e a apreciação de outras diferenças. Isto seria retomado e promovido pela Conferência de Lambeth de 1920 em um grande “Apelo a Todo o Povo Cristão” pela unidade.

Este Quadrilátero Chicago-Lambeth é significativo de várias maneiras. Como Adrian Chatfield salientou, esta foi a primeira vez que as/os anglicanas/os tentaram uma auto definição que não era de origem inglesa, que reconhecia uma identidade anglicana comum, que dava alguma definição a essa identidade, e não mencionava a identidade nacional inglesa como uma característica definidora. Poderíamos acrescentar que não há sequer uma menção ao Livro de Oração Comum ou aos Artigos de Religião. Ele mostrou claramente como o anglicanismo agora transcendeu a crença e a prática da sua igreja fundadora. Ele mostrou como existe uma espécie de marca d’água de textos e práticas centrais que percorre todas as igrejas anglicanas, por mais diferentes que sejam em outros aspectos.

Tarefa: Como esses quatro “artigos” são expressos na vida de sua própria igreja? O que eles lhe dizem sobre a natureza de sua igreja?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

12.2 Networks and Links across the World

E as relações ativas entre toda a Comunhão Anglicana? A resposta é que as igrejas anglicanas e os indivíduos têm uma vasta gama de relacionamentos desse tipo. Por exemplo, existe uma série de redes que conectam as/os anglicanas/os da

Comunhão com interesse em certas questões específicas, criando uma sinergia em torno dessas questões, geralmente com ênfase na renovação do engajamento prático. Há atualmente uma ampla gama delas, algumas trabalhando dentro das estruturas do Conselho Consultivo Anglicano (CCA), como por exemplo pela Aliança Anglicana para agências de assistência anglicana e departamentos de ajuda e desenvolvimento da igreja (ver Aliança Anglicana 2020), outra para províncias e dioceses promovendo discipulado intencional (vide CCA 2020), e outra dirigida pelo departamento de Educação Teológica para conectar cerca de 150 faculdades teológicas, seminários e cursos em toda a Comunhão e para compartilhar, comissionar e publicar recursos de ensino online (vide CCA 2020c).

Outras redes são oficialmente reconhecidas pelo Conselho Consultivo Anglicano e incluem as de saúde e comunidades, questões de paz e justiça, povos indígenas, faculdades e universidades de ensino superior da Comunhão (CUAC), meio ambiente (ACEN), igrejas seguras, refugiados e migrantes, questões inter-religiosas, uma rede internacional da família, uma rede internacional de mulheres e jovens, liturgia, anglicanismo nos países de língua portuguesa e francesa. (Comunhão Anglicana 2018)

Outras são independentes, como os vínculos de companheirismo, diocese a diocese. Originalmente elas eram entre as dioceses do Norte e do Sul, mas agora existem também vínculos de Sul para Sul e de Norte para Norte. Às vezes, três ou mais dioceses estão ligadas entre si e podem experimentar uma grande variedade de culturas e entendimentos entre elas. Os vínculos incluíram visitas e intercâmbios, projetos de desenvolvimento conjunto, oração regular uns pelos outros, treinamento, conferências, campos de trabalho, assistência médica, apoio educacional, renovação da missão e projetos de construção.

Hoje existem centenas desses vínculos em todo o mundo, alguns muito ativos e importantes para o crescimento da igreja em alguns lugares (por exemplo, o vínculo entre o Sudão, o Sul do Sudão e a diocese de Salisbury na Inglaterra). São um fenômeno popular, alimentado pelo entusiasmo e a recompensa de fazer amizade com pessoas de outras partes do mundo. Alguns dos vínculos experimentaram o paternalismo, quando um dos parceiros, geralmente no Norte do globo, tinha uma riqueza financeira muito maior do que o outro. Mas à medida que as igrejas no Norte se tornaram cada vez mais conscientes de seu próprio status de minoria e fragilidade dentro de seus próprios contextos, elas se tornaram mais receptivas a receber os dons que seus parceiros podem trazer.

Existem também redes para grupos de interesse especial, como a União das Mães, fundado em 1876 que é hoje, com folga, a maior das redes com 4 milhões de

membros em 84 países do mundo. Tem o objetivo “de mostrar a fé cristã através da transformação das comunidades no mundo inteiro”. Faz isso através do apoio a relações fortes dentro da família e da promoção da reconciliação em todos os níveis”. (União das Mães, 2020)

Outra rede é a Conferência Global do Futuro Anglicano (GAFCON), que começou com uma conferência em Jerusalém em 2008, que contou com a participação de cerca de 1100 leigos e clero, incluindo pouco menos de 300 bispos ativos e aposentados. Ela emitiu “A Afirmação de Jerusalém”, que estabeleceu suas metas e objetivos e dentro dela incluiu uma declaração doutrinária chamada “A Declaração de Jerusalém” que, dentre outras afirmações, declarou lealdade ao LOC de 1662, aos Artigos de Religião e “o clássico Ordinal Anglicano”. Uma segunda conferência foi realizada em Nairobi em 2013 e uma terceira em Jerusalém em 2018 com pouco menos de 2000 participantes de 50 países, que também criaram um conjunto de nove redes globais estratégicas para levar adiante seu trabalho. A declaração de Jerusalém descreve claramente o objetivo do GAFCON e da FCA (Associação de Anglicanos Confessantes): “Acreditamos que a Comunhão Anglicana deve e será reformada em torno do mandato bíblico do evangelho para ir a todo o mundo e apresentar Cristo às nações.”

Finalmente, é importante incluir o trabalho contínuo das agências missionárias anglicanas, tais como *Church Mission Society (CMS)*, *United Society Partners in the Gospel (USPG)* e Tearfund. Elas conectam doadores e voluntários com projetos missionários em todo o mundo, desde o evangelismo até a assistência médica e o desenvolvimento comunitário. Como vimos, CMS e USPG (através de seus ancestrais SPG e UMCA) deram contribuições significativas para o crescimento das igrejas anglicanas em todo o mundo e continuam a desafiar e estimular essas igrejas em sua compreensão e prática de missão.

Esta gama de vínculos voluntários atravessa a Comunhão. Eles foram descritos de modo memorável por um bispo como algo como uma tigela de espaguete derramada, um pouco caótica com relações cruzadas em todas as direções... há uma força real na soldadura e nas relações cruzadas do tipo espaguete... Essa é a verdadeira força da Comunhão Anglicana, como um movimento internacional que consiste em relações pouco estruturadas e não é, como outras organizações internacionais, sempre estruturada pelo dinheiro e pelo poder.

Tarefa: Como sua igreja está ligada a outras partes da Comunhão Anglicana? Sua diocese tem um vínculo de companheirismo? Você pertence a alguma rede em especial? Por que esses tipos de ligação são importantes?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 13

Em uma Estrutura Mundial

Pergunta de abertura: Que diferença faz para você e para a sua igreja pertencer a um corpo mundial de igrejas? Que benefícios e responsabilidades derivam disso?

Nesta sessão, analisamos as estruturas corporativas formais que ligam as igrejas membros da Comunhão Anglicana.

O anglicanismo tem uma estrutura formal que chega a todo o mundo, chamada de Comunhão Anglicana e servida por uma série de “instrumentos de comunhão”. A definição padrão da Comunhão Anglicana, produzida pela Conferência de Lambeth de 1930, na Resolução 49, descreve-a como

uma irmandade, dentro da igreja una, santa, católica e apostólica, daquelas dioceses, províncias ou igrejas regionais devidamente constituídas em comunhão com a Sé de Cantuária (Comunhão Anglicana de 1930)

Isso mostra que a Comunhão é apenas uma parte da Igreja de Deus e, portanto, nunca completa em si mesma, o que mostra a necessidade do ecumenismo. A definição também mostra que para uma igreja pertencer à Comunhão deve estar em comunhão com a Sé de Cantuária, ou seja, ser capaz de compartilhar a Sagrada Comunhão com o Arcebispo de Cantuária e o povo de sua diocese, o que indica seus limites (ou seja, que aqueles que não podem fazer isso não fazem parte da Comunhão Anglicana). Existem atualmente 41 igrejas membros da Comunhão Anglicana (ver Apêndice). Há também uma ou duas igrejas anglicanas, como a Igreja Anglicana da América do Norte, que não estão em comunhão com o Arcebispo de Cantuária e, portanto, não fazem parte da Comunhão Anglicana.

O que significa “irmandade” na prática? É aqui que os quatro “instrumentos” entram em jogo. Analisamos cada um.

13.1 Arcebispos de Cantuária e a Conferência de Lambeth

Sem dúvida, o “instrumento” mais antigo é o ofício de ser Arcebispo de Cantuária. Suas origens são do Papa Gregório I (“O Grande”, Papa 590- 604) que enviou o monge Agostinho em uma missão à Inglaterra em 596 DC para converter os anglo-saxões. Agostinho foi consagrado como bispo durante sua viagem e chegou em 597. O historiador Bede, escrevendo em Jarrow, no nordeste da Inglaterra, em 731, em sua História Eclesiástica da Nação Inglesa, relata que “Movido pela

inspiração divina ... [Gregório] enviou o servo de Deus, Agostinho, e com ele vários outros monges, que temiam o Senhor, para pregar a palavra de Deus à nação inglesa” (Bede 33, cap. xxiii). Embora o cristianismo já tivesse chegado às Ilhas Britânicas com os romanos e depois com missionários celtas da Irlanda, como Columba e Aiden, recentes invasões de anglos e saxões pagãos do norte da Europa o haviam empurrado para fora das regiões sul e leste da Inglaterra. Após chegar em Kent e se estabelecer perto da corte do rei em Cantuária, Agostinho conquistou o rei Aethelberht, que foi batizado junto com muitos de sua corte, provavelmente em 601. Mais tarde, o Papa Gregório fez de Agostinho o Arcebispo de Cantuária, o primeiro de uma linhagem de 105 arcebispos que agora é representado por Justin Welby.

Agostinho fez de uma igreja romana em Cantuária sua catedral. A catedral atual foi construída 500 anos depois e consagrada em 1130. A cadeira de Santo Agostinho, na qual os novos arcebispos são entronizados, provavelmente data do século XIII. A Catedral de Cantuária ainda é a “sede” do arcebispado e por isso tem um significado especial para as/os anglicanas/os em todo o mundo. Uma rosa dos ventos, emblema da Comunhão Anglicana, está assentada no chão da catedral indicando o alcance mundial da Comunhão (foi usada pela primeira vez como emblema da Comunhão Anglicana em um Congresso Anglicano Mundial em Minneapolis, em 1954).

Tudo isso significa que o arcebispo tem um papel especial ao representar a missão e a unidade anglicana, especialmente quando convoca bispos de toda a Comunhão e preside o seu culto. Isso acontece especialmente quando ele convoca e hospeda a Conferência de Lambeth, convidando todas/os as/os bispas/os ativas/os a participar. Ele conduz as reuniões dos primazes e é presidente (mas não o líder) do Conselho Consultivo Anglicano (vide abaixo). Ele é amplamente considerado como o *primus inter pares* (primeiro entre iguais) entre e episcopado e mais do que qualquer outro pode representar o anglicanismo para outras igrejas e para o mundo em geral. Mas o fato de cada igreja membro ser independente significa que ele é mais como um líder do que um presidente, embora com uma autoridade moral derivada da natureza histórica do cargo. Ele só pode visitar igrejas membros se for convidado a fazê-lo, e quando convida bispas/os para reuniões não há nada que as/os obrigue a comparecer.

O segundo ‘Instrumento de Comunhão’ é a Conferência de Lambeth, convocada a cada dez anos ou mais. O Arcebispo Charles Longley convocou a primeira Conferência de Lambeth, em 1867, para reunir os bispos para apoio mútuo na missão e para deliberarem sobre algumas das questões do dia. Ela se reuniu na

residência principal do arcebispo, o Palácio de Lambeth em Londres, que lhe deu seu nome, com a presença de 76 bispos. Em alguns aspectos foi uma resposta à divisão dentro da Comunhão, em particular à discordância sobre o surgimento de críticas bíblicas. Alguns bispos não compareceram, inclusive o arcebispo de York, apoiado pelos bispos de Durham, Carlisle e Ripon, porque temiam que a conferência enfraquecesse o vínculo entre a Igreja e o Estado na Grã-Bretanha. Mas a carta de convite de Longley indica um propósito muito mais positivo, com sua declaração de que a conferência deveria objetivar “a manutenção de uma maior união em nosso trabalho missionário e aumentar a intercomunhão entre nós”. A construção de relacionamentos para a missão, então, deveria ser seu objetivo principal. Assim começou a vida como uma reunião consultiva e fraterna em vez de emitir diretrizes e regulamentos, para apoiar os bispos e suas dioceses na extensão da missão cristã, de acordo com as origens do gabinete do Arcebispo de Cantuária, como visto acima.

Longley insistiu que as deliberações seriam “puramente declaratórias” e teriam apenas a influência de recomendações: “Nunca se contempla que devemos assumir as funções de um sínodo geral de todas as igrejas em plena comunhão com a Igreja da Inglaterra, e nos encarregarmos de promulgar cânones que devem ser vinculativos”...

O Arcebispo Tait convocou uma segunda conferência em 1878, que foi muito mais longa, com maior participação. Uma terceira foi realizada em 1888, e o padrão geral havia sido estabelecido.

A conferência de 1888 foi significativa para a adoção do Quadrilátero de Chicago, como já vimos. A conferência de 1908 foi importante para exigir a reforma das condições sociais na sociedade em geral. A conferência de 1920 lançou um grande apelo para a unidade de todas as pessoas cristãs. A conferência de 1930 foi importante para sua definição da Comunhão Anglicana, citada acima, e para o reconhecimento de que a contracepção artificial às vezes poderia ser correta, sendo esta ampliada em 1958 para ver o planejamento familiar como “uma escolha positiva diante de Deus”. A conferência de 1968 recomendou a criação de um diaconato permanente aberto tanto para mulheres quanto para homens, permitindo que as mulheres pregassem, batizassem e liderassem o culto. A conferência de 1978 reconheceu o direito legal de cada Igreja de tomar sua própria decisão sobre a admissão de mulheres às Ordens Sagradas. A conferência de 1988 lançou uma “Década de Evangelismo” para a Comunhão na década de 1990. Também reconheceu que os polígamos que chegam à fé deveriam ter o direito de ser batizados, mostrando um crescente reconhecimento da importância da cultura indígena na vida

dos anglicanos. A conferência de 1998 encorajou fortemente a formação de vínculos de companheirismo entre as dioceses da Comunhão. Foi também famosa por ter aprovado a Resolução 1.10, que rejeitou a prática homossexual “como incompatível com as Escrituras” e aconselhou contra “a legitimação ou bênção de uniões do mesmo sexo nem a ordenação de pessoas envolvidas em uniões do mesmo sexo”. Isso foi aprovado diante da forte oposição de uma minoria de bispos e foi diferente de outras resoluções das conferências de Lambeth na medida em que não se pretendeu buscar consenso e unidade entre os bispos.

Como já vimos, as resoluções das Conferências de Lambeth só têm efeito se forem promulgadas pelos sínodos em cada igreja membro da Comunhão. Mas tem considerável autoridade espiritual, moral e pastoral.

Tarefa: Descubra tudo o que você puder sobre a próxima Conferência de Lambeth. Quando e onde ela irá acontecer, qual é seu tema, que livro da Bíblia as/os bispas/os vão estudar? Que diferença isso poderia fazer para a missão das igrejas anglicanas?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

13.2 O Conselho Consultivo Anglicano e a Reunião dos Primazes

O próximo e indiscutivelmente o mais representativo dos Instrumentos é o Conselho Consultivo Anglicano (CCA, CCA em sua sigla em inglês), que é um órgão que representa tanto as/os leigas/os quanto o clero. Foi criado pela Conferência de Lambeth de 1968 e recebeu a tarefa de coordenar a missão internacional e o trabalho ecumênico. Dois terços das igrejas membros tiveram que dar seu consentimento para a criação do conselho, aprovando sua constituição e enviando representantes a suas reuniões. Isto lhe dá uma autoridade democrática que a Conferência de Lambeth e as reuniões dos Primazes não têm (para a qual o consentimento não foi formalmente solicitado quando foram criadas).

Os delegados devem incluir alguns primazes, bispas/os, presbíteras/os e diáconas/os e, significativamente, pessoas leigas, o que o torna o mais representativo dos Instrumentos. Como os outros Instrumentos, tem um papel consultivo e não executivo ou jurídico.

Ele se reuniu pela primeira vez em 1971 e já foi realizado em 17 ocasiões, a cada três anos ou mais, mais recentemente em Hong Kong, em 2019 (CCA 1971-2019). Outra razão de sua importância, já mencionada, é que é o único instrumento com uma constituição legal e com uma secretaria administrativa permanente, o Escritório da Comunhão Anglicana, sediado em Londres, que promulga suas resoluções e serve à vida e à obra da Comunhão Anglicana dentro da missão de Deus. As Cinco Marcas da Missão (vide Parte III) servem agora como um amplo guia para este trabalho.

O CCA é liderado pelo Secretário Geral da Comunhão Anglicana, que liga as igrejas membros ao Escritório da Comunhão Anglicana entre as reuniões do CCA. Da mesma forma que os outros Instrumentos, a eficácia de seu trabalho depende de boas relações e o Secretário Geral é fundamental para isso, visitando igrejas membros como embaixador do CCA e para a Comunhão como um todo. Como o CCA não tem poderes legais ou executivos sobre as igrejas membros (exceto o poder de reconhecê-las formalmente como membros da Comunhão Anglicana), seu trabalho depende do respeito mútuo e da confiança, que só podem ser construídos ao longo do tempo.

Como existem longos intervalos entre as reuniões, o CCA tem um comitê permanente que também contém representantes da Reunião dos Primazes, daí seu título de Comitê Permanente Conjunto (vide CCA 2019). Normalmente ele se reúne duas vezes por ano para rever e dirigir o trabalho do Escritório da Comunhão Anglicana. O Escritório implementa as deliberações saídas das reuniões do CCA. Esse trabalho atualmente inclui a promoção da justiça de gênero em toda a igreja e na sociedade em geral, apoiando e incentivando a educação teológica nas faculdades, seminários e cursos da Comunhão Anglicana, representando a Comunhão Anglicana nas Nações Unidas em Genebra e Nova Iorque, organizando e apoiando diálogos ecumênicos, coordenando e construindo comunicações através da Comunhão, incluindo a prestação de um serviço de notícias, bem como fornece gestão administrativa e financeira para as reuniões do CCA e dos Primazes.

O CCA também desempenhou um papel fundamental na identificação e promoção da visão emergente de missão da Comunhão Anglicana, vista em seu desenvolvimento das Cinco Marcas da Missão (vide abaixo). Mais recentemente, a reunião do CCA em 2016 em Lusaka, Zâmbia, ajudou a levar isso adiante quando lançou uma “Tempo de Discipulado Intencional”, para durar uma década. Isso exigiu que cada província, diocese e paróquia da Comunhão Anglicana “adote um foco claro no discipulado intencional e produza recursos para

capacitar e permitir que toda a igreja seja eficaz em fazer novas/os discípulas/os de Jesus Cristo”(Deliberação 16.01) *Para mostrar o que isso significava, foi publicado um relatório, Discipulado Intencional e Formação de Discípulos* (CCA 2016) para estudo em toda a Comunhão. Ele descreve inúmeras maneiras pelas quais a promoção deliberada do discipulado está sendo expressa em diferentes partes do mundo e em diferentes tradições teológicas dentro da Comunhão, através de uma ampla seleção de estudos de caso. Descreve como existe um consenso crescente dentro da igreja mundial de que o discipulado é uma das questões-chave de nosso tempo

A Reunião dos Primazes é o mais recente dos Instrumentos. Para entender o que é, devemos saber o que é um primaz. Aqui está uma definição oficial:

Um primaz anglicano é a/o bispa/o “chefe” ou arcebispa/o de uma das províncias da Comunhão Anglicana. Algumas dessas províncias são províncias eclesiásticas isoladas (como a Igreja da Província da África Ocidental), enquanto outras são Igrejas nacionais que compreendem mais de uma província eclesiástica (como a Igreja da Inglaterra). Desde 1978, os primazes têm se encontrado regularmente a convite do Arcebispo de Cantuária, que é considerado como o *primus inter pares* dos primazes. Embora a reunião não tenha jurisdição legal, ela atua como um dos Instrumentos de Comunhão entre as províncias autônomas da Comunhão. (IASCUFO 2015, 4.1.1) – IASCUFO (Inter Anglican Steering Committee for Unity, Faith and Order - Comitê Inter Anglicano para a Unidade, Fé e Ordem)

Também participam das Reuniões dos Primazes os Moderadores das Igrejas Unidas do Norte e do Sul da Índia, que estão unidos a outras Igrejas originalmente não anglicanas, e que fazem parte da Comunhão Anglicana, embora não sejam primazes. (4.1.3)

A Reunião dos Primazes começou em 1979 com o Arcebispo de Cantuária pedindo-lhes que se unissem a ele em reuniões regulares de consulta, oração e reflexão sobre assuntos teológicos, sociais e internacionais. Essas reuniões ocorrem a cada dois ou três anos e podem acontecer em qualquer lugar do mundo. Como a Conferência de Lambeth, elas têm uma função consultiva e não executiva. Nunca tiveram uma constituição oficial. A Conferência de Lambeth de 1998 convocou para que as reuniões fossem realizadas com mais frequência.

Seu crescente significado foi visto quando eles se reuniram rapidamente após a consagração em 2003 de Gene Robinson, o primeiro bispo publicamente gay. Eles ofereceram algumas diretrizes claras e encomendaram o trabalho que

resultou no Relatório Windsor, que propôs um Pacto Anglicano a ser adotado por cada igreja membro (mas que mais tarde não conseguiu obter apoio suficiente em toda a Comunhão e foi abandonado). A reunião de 2007 em Dar es Salaam, Tanzânia, elaborou outras propostas para limitar os primazes de uma província de ministrar em dioceses de outras províncias, mas estas não foram adotadas pelas províncias relevantes.

A Reunião dos Primazes de 2011 em Dublin produziu uma declaração limitada, mas positiva, do objetivo de suas reuniões, que era que cada primaz “traga as realidades, expectativas e esperanças do contexto do qual [eles] vêm, representando assim o local para o global, [e eles] tomam conhecimento das realidades, expectativas e esperanças de outros contextos, e levam para casa e interpretam o global para o local”. (IASCUFO 2015, 4.4.2)

Os Instrumentos como um Todo

Essas pessoas e órgãos podem ser comparados aos instrumentos musicais de uma banda ou orquestra. Cada um tem sua própria voz distinta, mas seu papel é trabalhar em conjunto para contribuir para a harmonia do todo:

Nos últimos anos, as/os anglicanas/os têm interpretado esse movimento externo em termos das Cinco Marcas da Missão. Os Instrumentos de Comunhão destinam-se a servir a essas Marcas. As Marcas da Missão são o horizonte adequado para o qual os Instrumentos são dirigidos. (IASCUFO 2015, 6.3.3)

Tarefa: Descubra quem são seus representantes no Conselho Consultivo Anglicano. Seu Escritório Provincial terá estas informações. Quem é o primaz de sua província (ou seja, a/o bispa/o sênior)? Há quanto tempo ele ou ela está neste posto? Descubra quando a próxima Reunião de Primazes deverá acontecer.

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Ser Anglicana/o

III

Missão
Anglicana

O anglicanismo, portanto, pode ser entendido como um movimento de comunidades religiosas de todo o mundo, que compartilham um núcleo em comum, têm relacionamentos ativos e estruturados entre si e trabalham em prol do mesmo objetivo. A sessão 11 trouxe detalhes a esse quadro, mostrando que existe um núcleo comum de textos e práticas, definido pelo Quadrilátero, e também que existe uma ampla gama de relacionamentos voluntários que atravessam o mundo anglicano. A sessão 12 mostrou que existe também uma série de conexões corporativas entre as igrejas membros, conhecida coletivamente desde o século dezenove como Comunhão Anglicana e servida pelos “Instrumentos da Comunhão”. Agora, na terceira parte do curso exploramos como as anglicanas/os compartilham um objetivo em comum e as várias maneiras para alcançá-lo. Qual é esse objetivo e quais são essas maneiras?

Sessão 14

Cinco Marcas da Missão

Pergunta de abertura: Como você descreveria a missão cristã? Como você participou dela até agora?

Esta sessão analisa como anglicanas/os desenvolveram um entendimento compartilhado da missão e como ela se tornou cada vez mais amplamente usada.

14.1 Development of a Definition

Um indicador para a meta comum das/os anglicanas/os é encontrado nas origens do conceito da própria Comunhão Anglicana. Ela começou a ser usada na metade do século XIX no contexto missionário e especificamente quando a sociedade missionária SPG (hoje USPG) celebrou seu jubileu. Observadores da disseminação das igrejas anglicanas em todo o mundo notaram que havia agora “uma comunhão de igrejas anglicanas... exatamente como é a expressão encarnada do impulso missionário das/os anglicanas/os para plantar o Evangelho em todos os lugares”. O conceito começou a ser cada vez mais usado, especialmente a partir da Conferência de Lambeth, em 1867. Essa conferência, como já vimos, foi convocada pelo Arcebispo Longley para “a manutenção da união maior em nosso trabalho missionário”. Assim, a Comunhão Anglicana e seus primeiros instrumentos foram o fruto da missão.

A Comunhão Anglicana tem um propósito missionário que foi reforçado nos últimos anos. Isso foi observado quando foi criado o Conselho Consultivo

Anglicano (CCA), um terceiro Instrumento de Comunhão, em 1971, destinado à coordenação do trabalho missionário, e também ao ecumenismo. Foi visto na Conferência de Lambeth de 1988, que promoveu uma “Década de Evangelismo” para os anos 90, que foi recebida com entusiasmo em diferentes partes do mundo.

O que ficou mais marcante foi o crescimento da influência da definição de missão, contendo cinco “marcas”. Isso teve suas origens nas reuniões do CCA entre 1984 e 2012. No CCA em 1984, a missão foi descrita como “proclamar as boas novas do reinado de Deus”, “ensinar, batizar e nutrir os novos crentes”, “responder às necessidades humanas com amor” e “transformar as estruturas injustas da sociedade”. No CCA de 1990, foi incluída uma quinta afirmação: “Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra”.

Surpreendentemente, essa definição nunca foi formalmente adotada pelo CCA ou pela Conferência de Lambeth, mas seu uso e popularidade cresceram em relatórios e discussão nessas reuniões. Isso mostrou que a missão não é uniforme, mas é expressa de várias maneiras, dependendo das necessidades do respectivo contexto: ela integra o contexto no qual acontece. Porém, vista como um todo, em todos os contextos, a missão é holística, afetando a vida por completo.

Por volta de meados dos anos 1990, o título de “Marcas da Missão” começou a ser vinculado à definição. O termo “marcas” foi adaptado da frase “as marcas da igreja”, fazendo referência às descrições da igreja do Credo Niceno, como “una, santa, católica e apostólica”. Isso criou um nome marcante para esta definição. Em 1999, um relatório de uma comissão internacional sobre a missão, chamado MISSIO, sugeriu que deveria ser acrescentada uma frase de introdução, que seria “A missão da igreja é a missão de Cristo” (MISSIO 2000, p.20). Foi uma sugestão inspirada, pois mostrou que a definição não se referia a cinco diferentes missões, mas sim descrevia uma única missão, aquela que Cristo deu aos discípulos em sua ressurreição (João 2:21). As “marcas” eram os tipos de impactos que ocorrem quando a igreja é a serva fiel da missão de Cristo, sendo como as marcas das mãos de Cristo no mundo através das ações da igreja. Isso mostrou que a missão pertencia a Deus e a igreja era uma participante dessa realidade maior. E implicou que as Marcas eram indicativas e não definitivas, isto é, não são uma descrição final ou completa sobre Cristo, podendo conduzir sua igreja para diferentes direções no futuro. Dessa forma, elas não devem ser vistas como agendas rígidas, e sim como formas atuais de participação para os propósitos de Deus de salvação no mundo, liberando a igreja para participar de formas diferentes e criativas no futuro.

Usando uma linguagem diferente, o Arcebispo Rowan Williams também apresentou as marcas dessa forma: elas “não são programas que podemos ou

não querer assumir, mas explorando a natureza da grande corrente do amor divino transformador, na qual somos arrebatadas/os e que nos sustenta quando falhamos ou tropeçamos”.

O relatório MISSIO também esclareceu para onde a jornada estava conduzindo, ou seja, o propósito geral e o objetivo das Marcas. Isso foi possível quando se deixou a escritura explicar o significado da primeira marca:

A primeira marca da missão, identificada no CCA-6 com evangelismo pessoal, na verdade é um resumo de *toda* a missão, porque ela se baseia no resumo do próprio Jesus sobre sua missão (Mateus 4:17, Marcos 1:14-15, Lucas 4:18, Lucas 7:22; cf. João 3:14-17). Em vez de ser apenas uma (embora a primeira) das cinco atividades distintas, essa deve ser a principal afirmativa a respeito de *tudo* o que fazemos na missão. (MISSIO 2000, p.19)

A mudança na forma como a primeira Marca é compreendida explica as Cinco Marcas como um todo. Elas não devem mais ser vistas como um fim em si mesmas, e sim, para descrever meios pelos quais a igreja participa da vinda do Reino. Seu fundamento na missão de Cristo, que fica bastante claro na sentença introdutória, é agora acompanhado por uma indicação de seu objetivo, que é vinda do Reino de Deus.

Essa nova interpretação abre caminho para a inclusão do culto na missão, porque o culto programa o evangelho de várias maneiras. “Um aspecto importante do anglicanismo é nossa crença de que o culto está no centro de nossa vida em comum. Porém, o culto não é apenas algo que fazemos junto com nosso testemunho das boas novas: o culto é em si um testemunho para o mundo”. (MISSIO 2000, p.19). Portanto, a proclamação do Reino de Deus, que resume todas as Marcas, acontece tanto por meio do culto, como nas outras atividades:

... Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha (1 Coríntios 11:26). Nossa vida litúrgica é uma dimensão vital do chamado de nossa missão; e, embora não esteja (explicitamente) incluída nas Cinco Marcas, ela fortalece as formas do testemunho público aqui listadas. (MISSIO 2000, p.19)

Tarefa: Como esse pensamento na Comunhão Anglicana muda sua forma de pensar sobre a missão? Isso abre novos caminhos pelos quais você pode servir a missão de Cristo?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

14.2 Uso Abrangente

Nesse novo formato, a definição passou a ser amplamente usada pela Comunhão Anglicana e, subitamente, começou a ser usada por toda parte. Por exemplo, foram usadas pela Igreja Episcopal Americana, que as adotou como prioridades da missão. Posteriormente, na reunião do CCA em 2012, em Aotearoa Nova Zelândia (CCA-15), foi feita outra adição à sua redação. Em resposta à sugestão da igreja canadense, que estava trabalhando na reconciliação com os povos indígenas, e com forte apoio dos representantes de Burundi, um país extremamente envolvido na reconciliação pós-conflito, o CCA concordou, por unanimidade, em acrescentar uma cláusula adicional à quarta Marca da Missão: “desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação”.

Desde então, esta provou ser uma estrutura sólida e popular para a missão, e passou a ser amplamente usada por toda a Comunhão. Janice Price, Consultora de Política da Missão no Mundo para a Igreja da Inglaterra, declarou que elas eram usadas em muitas dioceses, vicariatos e paróquias na Inglaterra, bem como em toda a Comunhão. ‘Elas proporcionaram às igrejas uma linguagem prática e a imagem da missão, que pode ser aplicada em termos locais e globais... elas têm sido instrumentais em moldar a imaginação da missão da Igreja da Inglaterra’.

Para a Comunhão como um todo, elas estão agora publicadas no site da Comunhão Anglicana na Internet, com alguns comentários introdutórios importantes, que validam oficialmente as visões do relatório MISSIO:

As Cinco Marcas da Missão são uma declaração importante sobre a missão. Elas expressam o compromisso em comum com a missão holística e integral de Deus da Comunhão Anglicana, bem como seu entendimento. A missão da Igreja é a missão de Cristo.

A primeira marca da missão, identificada com evangelismo pessoal no Conselho Consultivo Anglicano em 1984 (CCA-6) é um resumo de toda a missão, porque ela se baseia no resumo do próprio Jesus sobre sua missão. Essa deve ser a principal afirmativa a respeito de tudo o que fazemos na missão.

O site as apresenta em francês, espanhol, português e Kiswahil, além do inglês, com algumas versões em PDF que podem ser impressas como referências interessantes:

A missão da Igreja é a missão de Cristo

1. Proclamar as boas novas do reinado de Deus
2. Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
3. Responder às necessidades humanas com amor
4. Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
5. Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

(Comunhão Anglicana 2016)

As próximas sessões analisam os diferentes meios com que as/os anglicanas/os participaram da missão nos últimos séculos, a fim de dar exemplos de cada marca da missão. Eles foram selecionados a partir de uma ampla gama de meios pelos quais as/os anglicanas/os fizeram isso, portanto, não podem descrever tudo o que foi feito.

Tarefa: As Cinco Marcas da Missão têm sido usadas em sua igreja como um meio de refletir sobre a missão da igreja? Até que ponto elas ajudam como definição? De seu ponto de vista, como elas precisam ser complementadas?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 15

Evangelismo nas Margens

Pergunta de abertura: Quem são as pessoas que estão às margens da comunidade onde você mora? As boas novas de Jesus Cristo já foram alguma vez oferecidas a elas?

Estes são alguns exemplos de evangelistas que pregaram entre as pessoas que estão às margens.

15.1 John Wesley e Bernard Mizeki

Como as/os anglicanas/os proclamaram as boas novas do reinado de Deus? Isso foi feito frequentemente por meio do ministério pastoral da igreja, à medida que cuidava de suas congregações. Porém, e quanto a proclamar o evangelho para todas as seções da população que, diante das pressões sociais e econômicas, perderam ou jamais tiveram contato com a igreja? As histórias de algumas pessoas notáveis e corajosas que usaram a pregação clara e sincera juntamente com o culto para colocar as pessoas diante da graça do Reino de Deus nos ajudarão a entender a questão em mais detalhes.

John Wesley abriu o caminho com suas viagens de pregação. Wesley fez questão de tentar alcançar os pobres que haviam se mudado para as cidades que cresceram em função da revolução industrial. Já falamos sobre ele (vide Sessão 5). Depois de seu despertar (vide 3.2), ele se comprometeu a viajar pelo país “para promover, até onde eu puder, a religião prática vital e, pela graça de Deus, gerar, preservar e aumentar a vida de Deus nas almas das pessoas”. Ele fez isso primeiro usando a pregação nas igrejas e depois, quando, os vigários cada vez mais lhe recusavam o acesso às suas igrejas, falando nos campos e praças de mercado, por todo o país. A partir de 1739, estima-se que ele percorreu mais de 200.000 milhas no lombo de um cavalo ou em carruagem durante sua vida, passando pela Escócia e a Irlanda pelo caminho. Ele costumava se levantar às quatro horas da manhã, pregava às cinco, e passava seus dias em uma rotina completa de pregação, aconselhamento, exortação, correção, organização e encorajamento. Ele cruzou a Inglaterra anualmente, fez vinte visitas à Escócia, e o mesmo número à Irlanda. Às vezes, era atacado por multidões hostis, mas nunca foi demovido de seu propósito. Ele acreditava que todas as pessoas do planeta poderiam ser justificadas e, assim, precisavam ter a oportunidade de ouvir o evangelho e responder com fé. Wesley desconsiderou as fronteiras das paróquias da Igreja da Inglaterra, movimentando-

se de forma ampla e livre, fazendo sua famosa declaração de que “eu vejo o mundo todo como minha paróquia (Diário, 3 de julho de 1759). Sua conexão com os pobres operários é exemplificada por uma menção em seu Diário, em 2 de abril de 1739. “Às quatro da tarde, ... eu proclamei nas estradas as boas novas da salvação, falando de uma pequena elevação em um terreno próximo à cidade, para cerca de três mil pessoas”.

As pessoas que responderam então se integraram à sociedade metodista local, para que pudessem experimentar a adoração inspiradora, não menos importante através do canto de hinos, e também participaram de uma “aula” para aprender sobre a fé cristã (ver sessão 15). Na Cornualha, Inglaterra, por exemplo, a pregação de Wesley levou à formação de um grupo conhecido como Cristãos da Bíblia, composto por mineiros de estanho convertidos, o qual incluiu mulheres pregadoras. Posteriormente, Billy Bray, que havia sido um bêbado notório e foi convertido, se juntou a esse grupo. Ele se tornou um pregador cujos sermões incluíam cantos e danças espontâneas. Tornou-se um dos heróis do metodismo da Cornualha. Infelizmente, naquela época, o movimento metodista havia se cindido da Igreja da Inglaterra.

Muitas outras pessoas seguiram os passos de Wesley, levando o evangelho às margens. Chegando ao século dezenove, a história de Bernard Mizeki se destaca. Esse foi um período colonial, quando a população local de Mashonaland (no Zimbábue) vinha sendo expulsa das melhores terras e obrigada a viver nas “áreas comunais” onde tinham também que pagar impostos. Foram também excluídos do poder político pelos colonizadores britânicos.

Mizeki era uma figura internacional, nascido em Moçambique, formado e orientado em seus primeiros anos na África do Sul por missionários da Inglaterra, e que então estabeleceu e plantou o anglicanismo no Zimbábue. Sua história também mostra a importância da educação e do ensino da fé para essa tradição, pois ele chegou à igreja através de uma escola noturna dirigida por uma comunidade religiosa e depois ingressou em uma faculdade para a formação de catequistas, tornando-se catequista para o povo de Mashonaland. Ela também mostra o impacto dos reavivamentos religiosos, neste caso, o Movimento de Oxford, trazido à África do Sul pelos Padres Cowley. Seu trabalho e testemunho ajudaram o anglicanismo a fazer a transição, deixando de ser uma igreja do norte global (nesse caso, a Igreja da Inglaterra), para se tornar uma igreja do sul global, do povo Xona do Zimbábue, onde ela se firmou como uma parte estabelecida da comunidade. É uma história que mostra a igreja forjando a unidade entre povos divididos.

Ele nasceu no ano de 1861, onde era então a África Oriental portuguesa, e é hoje Moçambique. Seu nome de batismo era Mamiyeli Mítseki Gwambe. Por volta dos 12 anos de idade ele se mudou para a Cidade do Cabo e, providencialmente, foi acolhido e educado pelos Padres Cowley (a Sociedade de São João Evangelista) que haviam estabelecido uma casa e uma escola noturna na cidade. Teve excelente desempenho escolar, especialmente como linguista, dominando o inglês, francês, holandês e oito línguas africanas. Posteriormente, traduziria textos sagrados, um trabalho que foi pioneiro e extremamente valioso para a igreja. Foi batizado em 1886 e assumiu o nome de Bernard. Foi então trabalhar no Hostel de São Columba na Cidade do Cabo, África do Sul, um abrigo dirigido pelos Padres Cowley para acolher homens africanos vítimas do alcoolismo. A partir daí, Bernard obteve patrocínio para cursar a Faculdade Zonnebloem, para se formar como catequista. Em 1891, ele acompanhou o bispo missionário George Knight-Bruce para estabelecer uma nova diocese em Mashonaland, na área que na época seria a Rodésia do Sul e é agora o Zimbábue.

Mizeki se tornou catequista para o povo Xona. Ele estabeleceu seu posto da missão em Nhowe, Zimbábue, onde viveu pelos cinco anos restantes de sua vida. Aprendeu o idioma local, construiu uma capela, onde conduzia Ofícios diários e ensinou e pregou para as pessoas. O culto era parte integrante de seu evangelismo, assim como seu modo de vida: “Sua pregação foi um exemplo de sua vida. Ele buscava entender as crenças monoteístas existentes e as sensibilidades espirituais do povo Xona, ao mesmo tempo proclamando Cristo com toda a confiança”. (FSJE 2020)

Mizeki casou-se com a filha de um chefe local, com quem depois teve uma filha. Ele se integrou à comunidade local, ao mesmo tempo continuando a ensinar e prosseguindo com o trabalho da missão. Porém, em 1896, durante um período de seca, pragas de gafanhotos e fome, houve uma série de revoltas dos grupos Ndebele e Xona contra o governo colonial, que vinha cobrando impostos da população e ordenando que matassem e queimassem seu gado infectado. Os missionários africanos se tornaram alvos, por serem agentes do governo. Mizeki foi alertado para fugir, mas afirmou que era o servo apenas de Cristo. A perseguição se tornou mais organizada, mas ele ainda permaneceu em Nhowe. Na noite de 18 de junho de 1896, ele foi levado de sua cabana e morto, provavelmente por ordem de um feiticeiro local.

O que aconteceu em seguida também foi marcante. Logo após seu martírio, o povo Xona começou a se converter para o cristianismo e em números cada vez maiores, muitas/os batizadas/os como anglicanas/os, trazendo paz e unidade à

sua comunidade. Desde então, Mizeki se tornou uma figura de veneração para o povo Xona e para anglicanas/os em toda a África do Sul. O lugar de sua morte passou a ser um centro de peregrinação, onde é realizado um festival anual muito concorrido, o maior encontro das/os anglicanas/os do continente. Foi criada uma Guilda (Associação) de Homens de Mizeki na África do Sul para homens leigos anglicanos, especialmente para promover sua liderança na vida da Igreja. Composta principalmente por trabalhadores migrantes de idioma Xhosa, as filiais da guilda se espalharam pelo país e fora dele, cujos membros vestem um colete roxo, com uma insígnia especial. Eles se identificam com Mizeki, como colega migrante que se sacrificou por Cristo. Como disse Tertuliano, um padre da igreja dos tempos primitivos, “o sangue dos mártires é a semente da igreja”.

A missionária Dana L. Robert resumiu a relevância desta história inspiradora da seguinte maneira:

A celebração de Bernard Mizeki como “santo”, cujo dia festivo é marcado no calendário anglicano, se destaca como símbolo da crescente autoconfiança e da identidade local do cristianismo africano na África Meridional e Central durante o século vinte... Junto com outros peregrinos populares do continente, isso mostra que o cristianismo está totalmente enraizado como uma religião africana.

Tarefa: Quais são as lições da vida de Bernard Mizeki para a missão cristã? Como sua abordagem precisa ser adaptada para o seu próprio contexto?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

15.2 Kon Ajith do Sudão do Sul

Outra história de anglicanas/os alcançando as pessoas excluídas vem do Sudão, no final do século XX e é especialmente dramática. Durante a segunda guerra civil, entre o sul, base do Exército Popular de Libertação do Sudão (EPLS) e o regime militar do norte, entre 1983 e 2005, a ruptura e a violência se tornaram cada vez mais intensas. Muitas comunidades foram forçadas a fugir e se tornaram refugiadas em outras partes do país ou em estados vizinhos. As crenças tradicionais ganharam terreno, principalmente a crença *jak* entre o povo Dinca. *Jak* eram deidades locais da religião tradicional que exigiam ofertas para se manterem presentes. À medida que a guerra se intensificou, as pessoas cristãs acreditaram que os *jak* estavam agora atacando o bem estar dos dincas e deixando de protegê-

los da guerra. Contudo, a destruição de seus santuários não significou que eles deixaram de existir. Pelo contrário, acreditava-se que a destruição dos santuários enfurecia os *jak* e os fazia atacar ainda mais. A única proteção era dar a conhecer o poder do Espírito Santo, através do batismo. Porém, para ser cristão, os dincas tinham que repudiar sua crença no poder dos *jak* sobre suas vidas.

A pessoa que levou essa mensagem àquelas pessoas traumatizadas e refugiadas do povo Dinca e que fez isso com total convicção e autoridade não foi um clérigo da igreja, não possuía educação formal, não sabia ler ou escrever, mas era um pastor tradicional. Seu nome era Kon Ajith que, em 1986, teve uma série de sonhos perturbadores e relatos de atividade milagrosa, e então pediu para ser batizado. Foi batizado pelo Bispo Nathaniel Garang que, desde 1984, vivia nas áreas rurais e sem contato com o mundo exterior. Garang foi um bispo da Igreja Episcopal do Sudão, que é parte da Comunhão Anglicana.

Kon Ajith se tornou ministro andarilho e pregador, que percorreu todo o território Dinca. Suas mensagens eram firmes. “O povo Dinca desobedeceu a Deus cultuando os *jak*. Eles precisavam destruir seus *jak* e se batizarem; caso contrário, Deus os puniria. Ele construiu uma grande igreja nova em uma área para o gado chamada Pakeo, e chamou de Sião, uma referência a uma passagem em Isaías 18, que descreve as pessoas fazendo suas ofertas e cultuando a Deus em Sião. Muita gente do povo Dinca acreditava que essa passagem se referia a elas e que ela teria profetizado a guerra civil. A igreja tinha o formato de uma cruz com uma entrada em cada uma das quatro pontas. Kon disse que era preciso ter várias entradas, porque isso traria pessoas de todos os grupos étnicos e de todos os pontos cardeais. “Era uma mensagem de harmonia étnica em um momento em que a guerra estava criando tensões e violência significativas entre as pessoas do sul do Sudão” (Jesse Zink). A construção da igreja mostrou como a experiência do culto era parte integrante de sua proclamação, como havia sido para Bernard Mizeki.

De início, muita gente desconfiou de sua mensagem e da forma como ele pregava, incluindo o clérigo da igreja (como John Wesley descobriu). Ele marchava batendo um tambor, carregando uma bandeira, e enrolado apenas em um cobertor, e às vezes nem mesmo isso. Aproximou-se do EPLS e inicialmente foi recusado. Porém, em 1991, uma facção separatista do EPLS se voltou contra o povo Dinca e massacrou brutalmente um grande número de pessoas em Bor. Isso foi visto por outros povos Dinca como o cumprimento das profecias de Kon, e um número crescente de pessoas se aproximou da igreja para o batismo. O EPLS também mudou de ideia e seus soldados ajudaram a recolher símbolos *jak* para que pudessem ser destruídos. Enquanto isso, notícia desses eventos chegou à

guarnição do exército do governo em Bor, e eles enviaram uma tropa para capturar e matar Kon. Ele foi morto em 26 de dezembro de 1992, com isso se tornando um mártir. Porém, sua influência e suas instruções de destruir os *jak* nunca foram esquecidas. Um reverendo episcopal, John Kelei, presidiu uma queima em massa de quase 3000 símbolos em fevereiro de 1993. Kelei disse à multidão “Vamos por fogo nestes símbolos aqui. Mas o *jak* real, Deus, enviará o fogo para eles e os queimará.” As pessoas acreditavam que os *jak* eram reais, mas não eram mais confiáveis. Elas depositaram sua fé em Deus, da forma revelada em Jesus Cristo. Esses eventos dramáticos foram seguidos por um rápido crescimento da igreja, especialmente, a Igreja Episcopal do Sudão de Kon.

Tarefa: Quais são as lições da vida de Kon Ajith para a missão cristã? De que formas essa abordagem firme dele pode ser expressa em seu contexto?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 16

Nutrindo o Discipulado

Pergunta de abertura: Você já pertenceu a um pequeno grupo como parte de seu discipulado cristão? Como a associação a um pequeno grupo pode ajudar as pessoas a ampliar seu conhecimento da fé cristã e crescer em confiança nela?

Esta sessão analisa o nascimento e crescimento de pequenos grupos de discipulados dentro do anglicanismo.

A segunda Marca da Missão, “ensinar, batizar e nutrir os novos crentes”, tem sido frequentemente colocada em prática no anglicanismo por meio de pequenos grupos, nos quais os crentes aprendem sobre a fé cristã e são apoiados e estimulados dentro deles. Isso tem raízes históricas, desde o ministério de John Wesley nos anos 1700, e continua no presente através do Alfa e de outros cursos e no que é chamado de Tempo de Discipulado Intencional

16.1 Reuniões em Classes e Rodas de Conversa

O aprendizado e ensino estruturados têm sido uma característica da vida anglicana desde a Reforma, mas principalmente por meio da pregação expositiva em sermões para as pessoas que já estavam na igreja, e através do ensino aos jovens para memorizar o catecismo antes de sua confirmação. Assumia-se que todos pertenciam à Igreja da Inglaterra, porque todos os bebês eram trazidos à sua igreja da paróquia para o batismo e, portanto, assumia-se que toda a população da Inglaterra e País de Gales era cristã. Pouco reconhecimento foi dado à necessidade de ensinar a fé para as pessoas que não frequentavam a igreja. Porém, isso mudou com John Wesley. Depois de seu despertar, como vimos nas Sessões 5 e 10, ele se comprometeu a viajar pelo país “para promover, até onde eu puder, a religião prática vital e, pela graça de Deus, gerar, preservar e aumentar a vida de Deus nas almas das pessoas”. Ele fez isso primeiro usando a pregação nas igrejas e depois, quando teve seu acesso negado por vigários que não gostavam de sua abordagem, falando nos campos e praças de mercado, por todo o país.

Mas, de maneira crucial, Wesley não via o evangelismo acontecendo apenas através de conversas com multidões: sua genialidade foi reconhecer que o aprendizado e o ensino precisam continuar depois que as pessoas são despertadas para a fé e que é necessário que elas participem de aulas para que isso aconteça. Assim, ele estabeleceu um sistema de “reuniões em classes” para o ensino e apoio

das pessoas convertidas, tanto homens como mulheres, que hoje é chamado de nutrir o evangelismo. Cada pessoa convertida era colocada em uma classe de cerca de doze membros, que se reuniam sob a orientação de um líder, normalmente outra pessoa leiga, para ajuda mútua, companheirismo e instrução. Esses pequenos grupos eram estruturados de forma muito rígida, mas foram importantes por permitir que seus membros aprendessem a fé fazendo perguntas e ouvindo as respostas, pois, ao contrário de uma grande reunião, tinham a oportunidade de uma conversa envolvendo todos os membros do grupo. O ensino, então, era apresentado e ouvido na língua daquele local: era o aprendizado acontecendo no vernáculo.

Wesley organizou o que se tornou o movimento metodista, de forma que essa maneira interativa de ensinar faria parte de suas estruturas. Essas “reuniões em classes” foram o meio usado por Wesley para garantir que houvesse um crescimento genuíno no discipulado e nos discípulos, que poderia ser bastante rigoroso. Elas foram uma forma de evangelismo. Por volta de 1783 em Bristol, por exemplo, havia 57 classes com nove a dezoito membros em cada uma. No Nordeste da Inglaterra, por outro lado, as classes eram muito maiores.

A abordagem de Wesley inspirou Charles Simeon (1759-1836) que foi Vigário da Igreja *Holy Trinity*, em Cambridge, de 1783 até sua morte, um período impressionante de 53 anos ao todo. Ele estudou no King's College, em Cambridge, e então se tornou um “associado” da faculdade e responsável pela *Holy Trinity*. Inicialmente, os eclesiásticos tentaram afastá-lo, porque queriam que o reverendo da paróquia se tornasse o vigário. Mas Simeon não foi dissuadido e seu estilo dramático de pregação atraiu um grande número de estudantes de graduação da universidade. Até o final de sua vida, ele inspirou gerações inteiras de estudantes. Eles saíram então para difundir a fé evangélica em paróquias por todo o país e como missionários no exterior (incluindo Henry Martyn na Índia e na Pérsia). O historiador Thomas Macaulay falou sobre Simeon: “se você soubesse a dimensão de sua autoridade e influência... você permitiria que sua verdadeira influência sobre a Igreja fosse muito maior do que a de qualquer outro primaz”. Por volta de 1815, ele era a figura evangélica mais proeminente na Igreja da Inglaterra.

Porém, os sermões de Simeon não foram o aspecto de maior influência de seu ministério. Aprendendo com os metodistas sobre a importância do aprendizado interativo, mas reconhecendo que os estudantes universitários precisavam de uma abordagem diferente da adotada para os trabalhadores da agricultura e da indústria, ele começou a realizar aulas de sermões nas noites de domingo e “Rodas de Conversa” nas sextas-feiras à noite em sua casa. Esses novos tipos de encontros

atrairiam cerca de quarenta estudantes de uma só vez. Ele os descreveu em uma carta a outro clérigo:

Meu hábito é este: Tenho um dia aberto, quando todas as pessoas que quiserem podem vir tomar seu chá comigo. Todas têm a liberdade de fazer as perguntas que desejarem, e eu dou a elas a melhor resposta que puder. Assim, uma grande variedade de assuntos é analisada - assuntos que não poderíamos discutir no púlpito - e os jovens acham que esse é um momento muito edificante. Não temos nenhuma exposição, portanto, nenhum pregador, mas eu tenho a oportunidade de dizer tudo aquilo que meu coração desejar...

As escrituras contribuíram para a conversa, mas não como em um sermão:

Você não expõe; mas se houver alguma passagem da Escritura que você considere ter uma importância peculiar para consideração, pode facilmente, sem lançar mão de truques, procurar atrair a atenção deles para ela; e pode recomendar aos jovens que rezem sobre isso em segredo.

Essas “rodadas” são precursoras dos grupos que se reúnem nas casas na igreja moderna, onde o aprendizado e o ensino acontecem por meio de conversas, lado a lado com a oração e o companheirismo. Mas, como uma forma de missão, para atrair e conquistar novos crentes, elas antecipam especialmente o Curso Alfa, que foi criado para permitir que pessoas de fora das igrejas ouçam, questionem e discutam a fé cristã em um pequeno grupo, frequentemente com uma refeição. O Curso Alfa, como já vimos, tem sido altamente eficaz em muitas partes do mundo (Sessão 5).

Tarefa: Como o sistema de aulas de John Wesley poderia ser reproduzido em sua igreja? Como precisaria ser adaptado?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

16.2 Aprendizagem em casa na Tanzânia

Desde a época de Simeon, o aprendizado em pequenos grupos para o cultivo da fé tem acontecido em inúmeros ambientes e de diversas maneiras. Um exemplo pode citado de um contexto muito diferente, na África Oriental atual. A região de Mara, na Tanzânia, mostrou um enorme crescimento nos últimos trinta anos. Um padre tanzaniano descreveu sua experiência desse crescimento entre os

produtores de agricultura de subsistência. Sua descrição claramente releva o modo como o aprendizado por meio de conversa pode trazer as pessoas para a fé:

“O plano é ter o evangelismo de casa em casa, feito aos pares. Começamos com visitas às casas da congregação e então nos dirigimos aos não crentes. Quando somos bem-vindos a uma casa, primeiro eu me apresento como um pastor da igreja anglicana e digo que vim para ter uma conversa sobre Deus, Jesus e a bíblia. Se eles dizem que concordam, podemos cantar um cântico de adoração, então nos sentamos e oramos e eu conto a eles como Deus criou o mundo e que as pessoas cristãs acreditam nesse grande Deus e não nos pequenos deuses dos pagãos. Falo sobre o nascimento de Jesus, que Deus veio a nós e dos milagres de Jesus e a diferença que ele faz em nossas vidas”.

Este é um testemunho revelador. Ele mostra que a comunicação entre os evangelistas e os anfitriões se baseia no convite e no interesse do anfitrião: os evangelistas têm que entrar na casa daqueles com quem vão falar e dependem do acolhimento e da hospitalidade daquela casa. A dinâmica de poder da sala de aula, onde o professor tem poder sobre os alunos para passar ou reprovar seu trabalho, está ausente. Os evangelistas se oferecem para ensinar somente se o anfitrião estiver disposto a ouvir: o poder está com a/o estudante, não com o professor, como era antes.

O testemunho mostra como o conteúdo do ensino é apresentado dentro do mundo cultural dos anfitriões, que é influenciado pela religião pagã tradicional. O ensino é sensível a esse mundo cultural, mas também o desafia, a partir da bíblia.

A natureza conversacional do relacionamento entre aprendizes e professores novamente é enfatizada, de um modo simples, mas belo.

Eu sempre lhes dou a oportunidade de decidir se querem se tornar pessoas cristãs. Proponho-me a voltar e continuar a conversa. As pessoas escolhem o dia que for mais conveniente para elas. Se disserem que estão em dúvida, deixo a elas um versículo da bíblia para leitura e discussão posterior. Um versículo que sempre uso é o Salmo 95:1. “Vinde, cantemos ao Senhor; jubilemos à rocha da nossa salvação”. Eu escrevo em um pedaço de papel, para que possam meditar sobre ele. Se forem idosas ou não puderem ler, entrego a um membro mais jovem da família para ler em voz alta.

O Tempo de Discipulado Intencional

O papel fundamental da conversa na educação dos discípulos foi afirmado e promovido pela “Tempo de Discipulado Intencional da Comunhão Anglicana”. Como vimos (Sessão 12.2), a reunião do Conselho Consultivo Anglicano em Lusaka,

em Zâmbia em 2016 lançou esse Tempo Litúrgico, previsto para durar por uma década. Seu relatório, *Intentional Discipleship and Disciple-Making* (Discipulado Intencional e Formação de Discípulos, em português) (CCA 2016) descreveu uma ampla gama de maneiras com as quais a promoção deliberada de discipulado vinha sendo expressa por meio do aprendizado em pequenos grupos em diferentes partes do mundo e em diferentes tradições teológicas dentro da Comunhão. Ele descreveu como existe “Existe um consenso crescente dentro da Igreja mundial de que o discipulado é uma das questões-chave dos nossos tempos”. (ibid. p.81)

Nos anos desde que foi publicado, esse movimento continuou a crescer e a se fortalecer em diferentes províncias da Comunhão Anglicana (ver CCA 2020). O tempo de discipulado intencional é, essencialmente, sobre recuperar uma forma holística de seguir Jesus através da capacitação de pequenos grupos. Isso é “melhor entendido como uma forma de aprendizagem realizada em uma comunidade intencional: é prática e corporativa e envolve toda a vida. ... não se trata do que nós sabemos, mas de quem nos tornamos”. (CCA 2016, p.81). Além disso, esse tempo é um movimento porque é contagioso, passando de pessoa para pessoa de uma forma espontânea. O Arcebispo Emérito Moon Hing, da Malásia, o descreveu como “não se trata de um curso, não tem um certificado, não é uma coisa para se aprender apenas por um ano ou dois... mas é uma linha de vida, é uma vida inteira de aprendizado” (CCA 2016b, p.6). Trata-se de pessoas sendo tocadas e formadas em todos os aspectos de sua vida, “pessoas crescendo em seu sentido de serem amadas por Deus e amando a Deus na pessoa de Jesus Cristo, e respondendo oferecendo-se a Deus e ao mundo de Deus através do conhecimento mais profundo de Jesus, e ordenando suas vidas em torno desse relacionamento, em comunidade com todos os discípulos de Jesus”. (CCA 2016, p.3) Trata-se de viver “vidas moldadas por Jesus” e ilustra a descrição contundente da Igreja do Papa Francisco em sua encíclica *Evangelii Gaudium* como “uma comunidade de discípulas/os missionárias/os”.

Assignment: How could discipleship best be nurtured in new believers and longstanding members of your own church? Would special classes or groups work best, or informal conversations and hospitality?

Describe what you have learnt from this section. Make a note of this.

Over the following week put into practice something of what you have learnt today. Decide what this will be and make a note of it.

Sessão 17

Empoderando as Mulheres

Pergunta de abertura: Como sua igreja responde aos dons e necessidades das mulheres em sua comunidade eclesial e na sociedade em geral?

Esta sessão analisa uma maneira muito difundida e influente de fazer isto.

17.1 Origens da União das Mães

Um exemplo de como as igrejas responderam às necessidades humanas através do serviço amoroso (a terceira Marca da Missão) é a União de Mães (UM – Mothers Union) e como ela tem ajudado a empoderar as mulheres através da autoajuda coletiva. Hoje ela tem mais de quatro milhões de membros, em 84 países e é, com folga, a maior rede voluntária da Comunhão Anglicana em termos de membresia. Tem o objetivo “de mostrar a fé cristã através da transformação das comunidades no mundo inteiro. Faz isso através do apoio a relações fortes dentro da família e da promoção da reconciliação em todos os níveis”. (União das Mães, 2020)

Em muitos aspectos, o crescimento da MU reflete o crescimento da Comunhão Anglicana, com pequenos começos que levam a uma presença global. Foi fundada na Inglaterra em 1876 por Mary Sumner, como um grupo paroquial voluntário na vila de Old Alresford, perto de Winchester, onde seu marido era o reitor. Em 1885, Sumner discursou em um congresso diocesano e o bispo decidiu torná-la uma organização diocesana com ela como presidente. Cresceu para 88 porções até 1888, com 28 porções em outras dioceses. A iniciativa de Sumner estava claramente atendendo a uma necessidade. O rápido crescimento continuou e, em 1896, foi estabelecido um Conselho Central nacional, com uma constituição e Sumner novamente como a primeira presidente. Seus objetivos eram

Manter a santidade do casamento;

Despertar em todas as Mães o senso de sua grande responsabilidade na educação de seus meninos e meninas (os Pais e Mães do futuro);

Organizar em cada lugar um grupo de Mães que se unirão em oração e buscarão por seu próprio exemplo conduzir suas famílias na pureza e na santidade de vida.

Foram criadas porções em outras partes da Comunhão Anglicana, em parte através de esposas de militares britânicos, em parte através da migração de famílias inglesas e, cada vez mais, pelas mulheres das igrejas recém estabelecidas na Comunhão,

abraçando o movimento para si mesmas. Em 1912, foi formado um comitê no exterior para coordenar tudo isso, trabalhando com as sociedades missionárias. Em 1930, foi realizada uma conferência mundial que foi conduzida em paralelo à Conferência de Lambeth. Desde então, como as províncias se tornaram autônomas, as organizações da União de Mães se tornaram autônomas. A África tem visto o crescimento mais rápido, muitas vezes com a esposa do bispo como presidente de ofício e com a formação de políticas e o uso de recursos relacionados estreitamente com todas as outras características da política diocesana.

Em um estudo recente da União de Mães e outros grupos denominacionais de mulheres na África Oriental, seu papel no fortalecimento das mulheres foi destacado por Esther Mombo. Ao descrever as origens de muitos grupos como grupos de oração que ela escreve,

Com as mulheres africanas assumindo o controle das organizações de mulheres, elas aprenderam desde cedo que através da oração poderiam visitar e lidar com questões que as afetavam na sociedade. As reuniões de oração tornaram-se um espaço onde a domesticidade devota prosperava. As mulheres assumiram as responsabilidades familiares e comunitárias especialmente durante o período colonial, quando os homens se mudaram das casas rurais para os centros urbanos ou agrícolas em busca de emprego. As pesadas responsabilidades rurais e a ausência dos homens levaram as mulheres a se unirem e até mesmo a rezarem mais.

Esses grupos de oração então assumiram outros papéis na vida das mulheres, ajudando-as a atender muitas necessidades e empoderando-as para suas vidas de forma geral. É um exemplo de educação evangelística para novos crentes, bem como de aprendizagem e crescimento contínuo para membros mais antigos:

Através da reunião de oração, as mulheres puderam encontrar apoio e incentivo mútuo e enfrentar os conflitos entre seus deveres domésticos e a igreja. Além de dar apoio às mulheres, as reuniões de oração foram muito ativas para evangelizar e trazer à igreja mais mulheres da comunidade. Os grupos de oração também foram espaços de aprendizagem para as mulheres sobre temas como a Bíblia, evangelismo, canto, cuidado infantil, nutrição, vida familiar e agricultura de subsistência. As lições eram precedidas e justificadas por textos bíblicos. Foi através desses grupos de oração que surgiu a liderança das mulheres.

Uma conferência da União das Mães no Quênia em 1967 é um bom exemplo disso. Incluiu orações e discussões sobre questões que impactavam a família, tais

como trabalhar fora de casa, poligamia, dote (a prática de um noivo pagar grandes somas ao pai da noiva a fim de obter permissão para casar com ela), o lar e a vida familiar, os desafios das mães trabalhadoras, a educação e disciplina dos filhos e os casamentos sem filhos (um enorme estigma para a esposa na cultura tradicional africana). Estas questões ainda hoje são enfrentadas. Aspectos do casamento e da vida familiar continuam sem solução e grupos de mulheres da igreja oram e buscam formas de agir. Os contextos diferem e as questões são vivenciadas de forma diferente, mas as orações são importantes e são encorajadas quando as mulheres leem as narrativas das mulheres na Bíblia.

Tarefa: A União de Mães está presente em sua igreja e/ou diocese? Como começou? Como ela tem respondido ao longo dos anos às necessidades das pessoas?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

17.2 Projetos da MU no Quênia e no Mundo

A MU em nível diocesano e provincial também executa projetos para grupos desfavorecidos da sociedade, mostrando a terceira Marca da Missão nesse nível. Então, por exemplo, a União de Mães queniana dirige um orfanato, o Lar Mãe Misericórdia na Diocese de Mount Kenya South. Este é um lar para crianças carentes, ajudando crianças e jovens a escapar da má saúde, negligência, delinquência ou qualquer outro problema que interfira com seu desenvolvimento. O objetivo do lar é fornecer alimento, abrigo, amor e educação para as crianças vulneráveis. Foi fundado por mulheres de fé forte em resposta ao clamor urgente por um lar para o número crescente de órfãos e crianças pobres com AIDS, cujas circunstâncias familiares lhes negavam as necessidades básicas e uma educação cristã. O lar, localizado perto de Limuru, a cerca de 16km a oeste de Nairóbi, foi inaugurado em maio de 2001. Desde então, outras crianças passaram a viver no lar e atualmente há 155 crianças de 4 anos ou mais que vivem lá. As crianças pequenas frequentam escolas na comunidade vizinha e crianças mais velhas estão matriculadas em internatos secundários. O site do lar relata que

Pela graça de Deus temos sido capazes de alimentar, educar e vestir essas crianças enquanto elas continuam a gozar de boa saúde. Agradecemos a Deus que continuou a zelar por elas. Nos últimos dois anos, houve um grande

crescimento na Casa da Misericórdia das Mães... Todo primeiro sábado de maio, a Casa da Misericórdia das Mães realiza aniversários/arrecadações de fundos. O dinheiro arrecadado alimentava as crianças e também cobria suas taxas escolares, incluindo salários de funcionários, manutenção de veículos, serviços de segurança, entre muitos outros. (<https://mothersmercy.weebly.com>)

Hoje, cada membro da MU no mundo inteiro subscreve os mesmos valores de estar “firmemente enraizada em uma ética voluntária centrada no respeito mútuo e na colaboração”. Sua “governança, liderança e programas são conduzidos e empreendidos através de membros dentro de suas próprias comunidades em todo o mundo”. É uma rede inclusiva e trabalha com pessoas “de todos os credos e aqueles que não têm credo” O objetivo é “encorajar os pais em seu papel de desenvolver a fé de seus filhos, manter uma comunhão mundial das pessoas cristãs unidas em oração, culto e serviço, promover condições na sociedade favoráveis à vida familiar estável e à proteção das crianças, ajudar aqueles cuja vida familiar tenha enfrentado adversidades e promover e apoiar a vida conjugal”. (União das Mães 2020). Desde 1973, nem todos os membros são mães, ou mesmo somente mulheres. Podem ser solteiras, casadas, pais, avós ou jovens adultas.

Um de seus apoiadores mais entusiasmados é o atual Arcebispo da Cantuária, Justin Welby. Em um culto em 2019 para comissionar um nova Presidente Mundial, Sheran Harper da Guiana, a primeira a vir de fora da Igreja da Inglaterra, ele falou sobre como “Existe apenas uma União de Mães, ela é única. É o movimento de mulheres mais antigo e maior do mundo. É um presente de Deus para as/os anglicanas/os e é um dos maiores presentes da Comunhão Anglicana para a igreja mundial”. Ele descreveu seus quatro milhões de membros como “uma poderosa força de esperança em todos os aspectos da vida da Igreja mundial e mesmo da sociedade” e elogiou seu papel em trazer esperança e reconciliação. “Vocês são uma das grandes obras de Deus durante toda a Comunhão Anglicana”, disse ele. “Nós nos deleitamos e nos alegramos com o que vocês fazem”. Vocês compartilham amor e esperança; vocês dão apoio e força”. (Anglican News Service 2019)

Ao olhar para o futuro, a MU enfrenta grandes desafios em seu trabalho de apoio às comunidades nas quais os membros vivem e servem. Como Welby disse,

em muitos lugares, você terá que carregar a cruz do sofrimento de outras pessoas. Seja no Burundi, na RDC [Congo], Guiana, Sudão do Sul, Nigéria ou em cidades e favelas, seja violência doméstica, seja solidão, seja vazio espiritual, a União de Mães está lá trazendo esperança e um futuro.

Tarefa: O que você acha que a União de Mães será chamada a fazer no futuro, em sua própria comunidade e em sua região? Como você pode apoiar seu trabalho?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 18

Educação Transformadora

Pergunta de abertura: De que forma sua igreja e diocese estão envolvidas na educação, seja na pré-escola, na escola ou em níveis superiores?

Esta sessão analisa a forma como as/os anglicanas/os começaram o trabalho educacional e como ele se espalhou.

O envolvimento na educação de crianças e adultos na sociedade em geral tem sido e continua sendo uma parte muito influente da missão anglicana. Nos últimos dois séculos, esta tem sido uma das formas mais difundidas de divulgação pelas/os anglicanas/os em todo o mundo e continua sendo muito importante até hoje. As escolas e faculdades são, como o teólogo do século XIX Frederick Denison Maurice viu, um local de transformação social. Embora a missão cristã precise incluir o evangelismo e o cuidado com as pessoas necessitadas, a educação tem sido e continua sendo fundamental para transformar as estruturas do mundo para melhor, uma expressão da quarta Marca da Missão. Como diz o provérbio: “Dê um peixe a um homem e você o alimenta por um dia; ensine um homem a pescar e você o alimenta para toda a vida”.

18.1 Como Começaram as Escolas Dominicais

Como tudo isso começou e para onde levou? O primeiro passo na provisão educacional anglicana para a população em geral foi a abertura de escolas dominicais na Inglaterra. Isso foi antes da provisão estatal de educação. Essas escolas eram destinadas a crianças e adultos de origem pobre que trabalhavam em fábricas durante a semana e só poderiam assistir às aulas em um domingo. Uma das primeiras escolas dominicais abriu em 1751 na Igreja de St Mary's, em Nottingham. Outra foi em High Wycombe em Buckinghamshire em 1769, fundada por Hannah Ball, que tinha sido inspirada por John Wesley e cuja escola continuou a funcionar durante grande parte do século XIX.

O fundador do que se tornou o movimento da Escola Dominical foi um leigo anglicano, Robert Raikes, um editor de revistas em Gloucester que viu a necessidade de escolas para as crianças das favelas dessa cidade, especialmente para mantê-las longe do crime. Ele abriu uma escola na casa de uma Sra. Meredith. Usando a Bíblia como livro didático, as crianças aprenderam a ler e escrever. Raikes financiou a escola e usou seu trabalho para divulgá-la. Ele descreveu como as crianças

deveriam vir depois das dez da manhã, e ficar até as doze; deveriam então ir para casa e voltar à uma; e depois de ler uma lição, deveriam ser conduzidas à Igreja. Depois da Igreja, elas deveriam repetir o catecismo até depois das cinco, e depois dispensadas, com uma permissão para ir para casa sem fazer barulho. (Moses 1907, p.103)

Apesar da controvérsia sobre se era certo ter escolas funcionando no *Sabbath*, a ideia toda “pegou”. Logo as escolas dominicais eram conduzidas em todos os principais centros urbanos e em muitas áreas rurais, não apenas pelos anglicanos, mas por todas as igrejas. Em 1785, cerca de 250.000 crianças frequentavam as escolas dominicais em toda a Inglaterra. Estima-se que em 1831 cerca de 1,25 milhão de crianças as frequentavam, representando um quarto da população.

Outro desenvolvimento foi a abertura de escolas diurnas ao lado das escolas dominicais. Hannah More (1745-1833) é um exemplo disso. Ela nasceu em Stapleton, Avon, e quando era uma jovem adulta teve contato com David Garrick, diretor de teatro, e Samuel Johnson, autor do dicionário de inglês, que a incentivou a publicar peças e poemas. Ela caminhou para o Evangelismo e em 1788 publicou *Thoughts on the Importance of the Manners of the Great to General Society* (Pensamentos sobre a Importância das Maneiras para o Bem da Sociedade em Geral, na tradução livre em português), que foi amplamente lido. Ela se juntou ao círculo de William Wilberforce e John Newton, os militantes anti-escravidão, e Newton (que também escreveu o hino “Amazing grace”) tornou-se seu conselheiro espiritual. Wilberforce visitou-a e suas irmãs em 1789 nas Colinas de Mendip e comentou que, embora achasse o cenário encantador, ele achava a degradação espiritual dos habitantes terrível. A determinada Senhorita More não precisava de encorajamento adicional para embarcar no serviço ao povo através do estabelecimento de escolas para as pessoas entre as quais ela veio a viver. Muitas outras seguiram seu exemplo.

Na virada do século, ela e suas irmãs haviam criado mais de uma dúzia de escolas diurnas e dominicais para adultos e crianças em uma área onde não havia nenhuma provisão educacional para os pobres. As escolas Mendip se tornaram um modelo para o desenvolvimento de escolas voluntárias em todo o país. Outras senhoras evangélicas rapidamente seguiram o exemplo das irmãs More. Em poucos anos, uma Sra. Trimmer havia estabelecido escolas em Brentford e uma Sra. Spencer havia criado escolas dominicais e aulas para adultos em St Albans. Mais senhoras também escreveram textos para contrariar a influência política da Revolução Francesa e, a partir de 1802, isso fez parte da Seita Clapham com John Venn e Wilberforce, líderes do reavivamento evangélico.

Tarefa: De que forma as Escolas Dominicais funcionam em sua igreja e diocese? Como elas educam e encorajam as crianças que as frequentam? Como podem crescer e se desenvolver?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

18.2 Educação para todos em todo o mundo

As igrejas começaram a perceber a necessidade de uma abordagem planejada e abrangente. Metodistas, presbiterianos e congregacionistas foram os pioneiros em 1807 com a fundação da Sociedade das Escolas Britânicas e Estrangeiras. Joshua Watson (1771-1855), comerciante de vinhos na cidade de Londres e membro proeminente do Partido da Alta Igreja na Igreja da Inglaterra, foi uma figura-chave na organização de uma resposta anglicana. Ele era o líder do Hackney Phalanx (o grupo que se reuniu na reitoria de seu irmão em Hackney) e eles decidiram que a Igreja da Inglaterra deveria fazer o mesmo. Watson era um forte articulador de redes e financiador, que se tornou um dos principais apoiadores da SPCK e da SPG, dentre outras organizações, e ajudou a organizar o apoio governamental após as guerras napoleônicas para a construção de igrejas nas novas cidades industriais da Grã-Bretanha, a única vez na história inglesa em que o Estado financiou a construção de igrejas. Também foi amigo e apoiador de muitos bispos coloniais da Igreja Alta, incluindo o Bispo Thomas Middleton de Calcutá, o Bispo William Broughton da Austrália e o Bispo George Selwyn da Nova Zelândia (vide acima). Portanto, Watson também foi uma figura fundamental na expansão do anglicanismo ao redor do mundo.

Um pequeno grupo se reuniu na casa de Watson em Clapton, ao norte da cidade de Londres, em 1811, e decidiu formar “A Sociedade Nacional”, tendo Watson como tesoureiro. Ele se destinaria “para a Educação dos Pobres nos Princípios da Igreja Estabelecida” (ou seja, da Igreja da Inglaterra). Isso seria feito através da provisão de educação fundamental na Inglaterra e no País de Gales antes de qualquer sistema de educação estatal ter sido criado. O objetivo da nova organização era que “a Religião Nacional deveria ser a base da Educação Nacional, e deveria ser a primeira e principal coisa ensinada aos pobres, de acordo com a excelente Liturgia e Catecismo fornecidos por nossa Igreja”. O objetivo era abrir uma escola em cada paróquia para levar adiante este tipo de missão. Foi lançada uma grande campanha de arrecadação de fundos e as paróquias e o clero foram encorajados a solicitar um subsídio para

construir uma escola em sua paróquia. Em 1813, após dois anos, 30 escolas haviam sido construídas e, através desse exemplo e dos contatos de Watson, o Parlamento promulgou um direito universal à educação para todas as crianças. Mais tarde, a partir de 1833, o Estado começou a enviar subsídios para as escolas através das sociedades eclesiais. Em 1861, havia 12.000 escolas em toda a Inglaterra e País de Gales ligadas à Sociedade Nacional, construídas através de doações: “As escolas deveriam oferecer educação baseada nos ensinamentos da Igreja da Inglaterra, com a crença de que a educação moral e espiritual era tão importante quanto aprender habilidades ou uma profissão”. (Sociedade Nacional, 2020). Hoje existem 4.644 escolas da Igreja da Inglaterra, financiadas principalmente pelo Estado (desde 1944), mas com governadores nomeados pela Igreja e uma ética cristã. Elas são populares entre os pais e contribuem de forma contínua para a educação da nação.

A Igreja da Inglaterra, entretanto, é apenas uma dentre muitas igrejas anglicanas que criaram e administraram escolas eclesiais, tanto no nível fundamental quanto no médio. A Igreja Anglicana da Austrália, por exemplo, administra 145 escolas que educam cerca de 105.000 crianças. As escolas variam desde aquelas com mensalidades baixas, regionais e escolas para pessoas com necessidades especiais que pagam mensalidades altas e escolas independentes, tais como a Geelong Grammar e a King’s School

Muitas outras igrejas anglicanas ao redor do mundo construíram e administram escolas do ensino fundamental e médio como parte de sua missão. É importante lembrar que, em muitas partes da África, quando os missionários chegaram, eles geralmente começaram seu trabalho abrindo uma escola primária e as igrejas cresceram entre aqueles que frequentavam suas aulas. Juntamente com os serviços de saúde, as escolas anglicanas são uma expressão histórica e contínua de serviço à sociedade mais ampla em muitos países, educando os mais pobres e às vezes também a elite.

Um bom exemplo disso é a forma como a educação tem desempenhado um papel central no recente e rápido crescimento da igreja no Sudão e no Sudão do Sul. Ao mesmo tempo que a ligação entre a educação e o cristianismo que datam do período missionário, a ruptura e violência da guerra com o regime do norte em Cartum nos anos 90 levou a um trabalho importante. Durante a guerra, a igreja cresceu especialmente entre os dincas, mas não havia pastores suficientes. Para resolver isso, o Bispo Rubin Maciir criou o Dhiakuei, uma vila dinca que se tornou um centro educacional. Jesse Zink relata que “estava longe do sistema viário e, portanto, a salvo de um ataque potencial das forças do norte. As/os cristãs/os dincas se reuniram para cursos de treinamento durante a estação seca de janeiro a março e receberiam

alfabetização básica, assim como Bíblia, evangelismo e outras habilidades. A destruição da guerra significou que muitas/os dincas de todas as idades agora viam a educação como uma ferramenta poderosa e avidamente procuravam adquirir o conhecimento que podiam”. Isto aconteceu apesar da falta de recursos.

Esse padrão se repetiu em muitos campos de refugiados, como os da Etiópia, onde a ferramenta principal de educação era a Bíblia. A educação estava ligada à conversão, e agora as/os jovens dincas estavam ansiosas/os pela educação, ao invés de desconfiar dela, como nos anos anteriores à guerra. A educação tornou-se praticamente inseparável dos membros na Igreja por causa do legado do movimento missionário.

Educação para Adultos

Frederick Denison Maurice (1805-72), já mencionado acima, ajudou a educação pioneira de adultos, através da fundação do Worker’s Education College, em Londres, em 1854. Ela oferecia aulas noturnas para os trabalhadores. Ele recrutou uma gama talentosa de pessoas para ministrar o ensino, incluindo John Ruskin, o historiador de arte, e Octavia Hill, uma reformadora do sistema habitacional. Ele já havia ajudado a estabelecer a Queen’s College, em Harley Street, uma escola de formação de professoras, uma das primeiras faculdades a serem criadas para mulheres, mostrando seu compromisso com a educação, tanto para mulheres quanto para homens. Maurice era apaixonado pela educação em geral e esse compromisso foi assumido por muitos outros, incluindo Frederick Temple, futuro Arcebispo de Cantuária, que foi o primeiro diretor do Kneller Hall para o treinamento de professores para casas pobres. Ele passou a ser inspetor de educação e depois diretor da Rugby School, uma das principais escolas independentes. Também foi pai de outro Arcebispo de Cantuária, William Temple, que antes de se tornar Arcebispo foi professor, diretor e presidente da Associação Educacional de Trabalhadores (WEA), que deu continuidade ao trabalho pioneiro do Worker’s Education College

A Sociedade Nacional e algumas das dioceses ampliaram esse trabalho, estabelecendo faculdades de formação de professores em todo o país. Onze delas ainda existem hoje, expandidas para se tornarem universidades em uma “Rede de Catedrais”.

Em toda a Comunhão Anglicana há também um grande número de faculdades e universidades de ensino superior com bases anglicanas. Muitas delas estão ligadas em uma rede especial, a *Colleges and Universities Network of the Anglican Communion – CUAC* (Rede de Faculdades e Universidades da Comunhão Anglicana), que tem nove membros colegiados na África, vinte na América do Norte, Europa e Ásia (excluindo a Índia), quinze membros na Austrália e Nova Zelândia e 54 na Índia. Ela existe “para

o florescimento mútuo de seus membros através do envolvimento mútuo, de sua sociedade e de suas igrejas, enquanto procuram capacitar seus estudantes e faculdades a se tornarem cidadãos ativos e responsivos no mundo de Deus”. (CUAC, 2020)

Tarefa: Quais são as necessidades educacionais das pessoas de sua região? Como a sua igreja pode oferecer ajuda e incentivo?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 19

Protegendo a Criação

Pergunta de abertura: De que maneiras as pessoas de sua comunidade e a comunidade em geral estão trabalhando para deter a poluição e a destruição do ambiente natural em que você vive?

A sessão analisa os diferentes projetos que fazem isso em várias partes da Comunhão Anglicana.

19.1 Igrejas ecológicas e em defesa do Meio Ambiente (Eco Churches)

A quinta Marca da Missão, “lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra”, tornou-se bastante reconhecida por toda a Comunhão Anglicana nos últimos anos. Porém, é fácil esquecer que ela representa uma mudança abrangente na forma como a igreja tem refletido sobre a missão. A missão deixou de ser vista apenas como a salvação das pessoas, individualmente ou em grupos, passando a abordar o mundo natural como um todo. Essa é uma visão muito mais ampla e abrangente: a terra não é vista apenas como o cenário e o pano de fundo da vida humana, mas como o objeto da missão de Cristo e do serviço da igreja a essa missão.

A quinta Marca foi estabelecida pela influência do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) que, no final dos anos 1980, começou a enfatizar a responsabilidade das igrejas para com a terra como parte crucial da missão da igreja. Em março de 1990, o CMI organizou uma Convocação Mundial pela Justiça, Paz e a Integridade da Criação, em Seul, na Coreia do Sul. Esse encontro estabeleceu diversas afirmações, uma delas declarando que a criação era amada por Deus, e estabeleceu diversas obrigações, que incluíram o compromisso das igrejas em preservar a criação. Esta foi uma nova ênfase nas declarações oficiais da igreja sobre a missão e influenciou o Conselho Consultivo Anglicano quando este se reuniu em julho do mesmo ano. O relatório desse encontro afirmou que:

“Agora sentimos que nossa compreensão da crise ecológica e, de fato, das ameaças à unidade de toda a criação, significa que precisamos acrescentar uma quinta afirmação [à definição da missão anterior, com quatro marcas]: (e) lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

(*Mission in a Broken World*, ou *Missão em um Mundo Fragmentado*, em tradução livre para o português, p. 101)

Solicitou-se então às igrejas anglicanas a aceitação dos compromissos de Seul e “tomar medidas a respeito dos pontos relacionados com suas próprias preocupações locais urgentes”.

Desde 1990, as igrejas responderam de várias maneiras, algumas simples e práticas e outras simbólicas e visionárias. No Reino Unido, por exemplo, o movimento de Igrejas Ecológicas apresentou um firme crescimento. Organizado por A Rocha, uma organização beneficente ecológica cristã, ele ajudou cerca de 1500 igrejas por todo o RU a se cadastrar como uma “Igreja Ecológica”, um sistema que leva as igrejas a revisar o que fazem juntas e como cuidam de seus edifícios e terrenos para que possam fazer essas coisas de uma maneira mais ambientalmente sustentável. O sistema ajuda as igrejas a celebrar o que já fazem para cuidar da terra de Deus e a tomar decisões fundamentadas sobre o que fazer em seguida. Mais de 400 já obtiveram uma premiação. Esses números representam mudanças reais que as igrejas fizeram em seu culto e testemunho. (A Rocha 2020)

Um exemplo é a igreja paroquial em Baildon, em West Yorkshire. O site da igreja ecológica informa que

A combinação do filme de Al Gore, “Uma Verdade Inconveniente” e os livros do fundador da A Rocha, Peter Harris, alertou as três igrejas da Paróquia de Baildon (São João, São Tiago e Santo Hugo) para a necessidade de as pessoas cristãs serem administradoras responsáveis da terra de Deus. A pesquisa online da Igreja Ecológica os ajudou a entender seus pontos fortes e fracos com relação ao cuidado com a terra de Deus e a estabelecer prioridades para a ação. Com o objetivo de trabalhar para o Prêmio Bronze, as igrejas realizaram Eco Days (Dias pela Justiça Ambiental), para os quais convidaram outros grupos ambientais em sua área. Juntos, eles montaram várias barracas e ofereceram atividades para crianças, junto com lanches. Eles apoiaram o programa “Adote uma Colmeia” da Associação Britânica de Apicultores, ajudaram o Swan Rescue e apoiaram uma iniciativa de Fairtrade (Comércio Justo) para ajudar os agricultores na África. Com três edifícios na paróquia, a implementação de melhorias ambientais representou um grande desafio em termos financeiros. Entretanto, com esforço sustentado, gradualmente eles foram capazes de instalar vidros duplos, lâmpadas LED e caldeiras mais eficientes. O trabalho em conjunto para obter o Prêmio de Igreja Ecológica conscientizou a paróquia sobre a beleza da criação, e sobre como seus edifícios e jardins podem ser

um sinal da importância de cuidar do meio-ambiente para a comunidade do entorno. (A Rocha 2020)

Tarefa: Quais são as maiores necessidades do ambiente natural em que você vive? Como a comunidade de sua igreja e a comunidade em geral podem começar a atendê-las?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

19.2 Discipulado pela Justiça Ambiental no Sul da Índia

Algumas províncias da Comunhão Anglicana adotaram medidas de uma forma mais estruturada e abrangente. A Igreja do Sul da Índia, que reúne pessoas anglicanas, presbiterianas, metodistas, congregacionistas e batistas, e é a maior igreja católica não romana no subcontinente indiano, foi a pioneira. Através da iniciativa de Mathew Koshy, em Kerala, a igreja adotou um Protocolo pela Justiça Ambiental em 2018. Ele consiste de uma mistura de ações solidamente práticas e imaginativamente simbólicas, demonstrando um profundo compromisso com o cuidado da criação. É importante mencioná-lo na íntegra, porque inclui muitas iniciativas encontradas em outras partes da Comunhão Anglicana e na igreja mundial em geral. Ele mostra um compromisso profundamente encarnacional e visionário com a Quinta Marca da Missão, oferecendo liderança na missão para a Comunhão Anglicana como um todo:

O protocolo pode ser acessado no site da Igreja do Sul da Índia, desde março de 2018 (Igreja do Sul da Índia 2018):

#GPGD 12 Pontos: Protocolo pela Justiça Ambiental para o “Discipulado pela Justiça Ambiental”

A Igreja do Sul da Índia (doravante designada como CSI), a única igreja na Índia que mencionou Ecologia como uma missão em sua Constituição e na declaração de Missão, enfatiza a mensagem de que as pessoas cristãs têm o dever de proteger a criação de Deus. Na vida e no ministério da igreja, a CSI gostaria de promover práticas de desenvolvimento sustentável e construir o poder para mudar... Esperamos e oramos para que todas as paróquias na CSI respeitem este Protocolo pela Justiça Ambiental e participem efetivamente no “Discipulado pela Justiça Ambiental” de nossa igreja.

Como a CSI está comprometida em proteger a integridade da criação, acreditamos firmemente que o Protocolo pela Justiça Ambiental deve se refletir na vida e no ministério da igreja. cremos que a igreja deve responder profeticamente ou lamentar como Jeremias quando as pessoas exploram os recursos naturais e, conseqüentemente, crucifixam a criação de Deus, a flora e a fauna. A CSI expressa sua solidariedade com nossa lamuriosa criação, esperando ansiosamente pela redenção. Deus, o Criador designou o universo como interdependente e como um organismo vivo e, portanto, sua redenção somente é possível pela preservação (em alguns casos, recuperação) de seu equilíbrio dinâmico e harmonioso.

GPGD 1: Desenvolvimento ecologicamente sustentável de acordo com a Igreja do Sul da Índia

A CSI apoia qualquer desenvolvimento que atenda à exigência do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações atenderem suas próprias necessidades. A CSI crê que o atual paradigma de desenvolvimento promovido pelos países “desenvolvidos” é responsável pela crise ecológica global e, conseqüentemente, pela “Injustiça Climática”. Exigimos que os países “desenvolvidos” mudem seu paradigma atual de desenvolvimento, que explora combustíveis fósseis, que resultam na mudança climática.

GPGD 2: Conservação de Energia

1. Reduzir o uso de lâmpadas elétricas nas igrejas durante o dia quando houver luz solar suficiente.
2. Usar um sistema de iluminação com LED na igreja e em seus edifícios.
3. Usar energia solar nas igrejas e em todas as instituições pertencentes à Igreja.
4. Usar biogás sempre que possível.
5. Incentivar as pessoas a apoiar-se em métodos de conservação de energia, como o sistema solar e usina a biogás.

GPGD 3: Conservação da Água

1. Coletar a água das chuvas no telhado de todas as igrejas e edifícios da CSI.
2. Estimular as pessoas a coletar a água das chuvas no telhado de suas casas e criar reservatórios de água das chuvas na terra, para recarga.
3. Evitar vazamentos dos canos de água.
4. Propagar e plantar Vetiver, que proporcionará uma melhoria na recarga dos lençóis freáticos e evitará a erosão do solo.

GPGD 4: Não jogar plástico fora.

1. Eliminar o uso de plástico em nossas igrejas. Evitar jogar fora sacos de polietileno e outros materiais plásticos completamente durante as atividades do dia-a-dia da igreja.
2. Usar copos e pratos de aço para as funções da igreja. Servir alimentos em folhas de banana ou papéis absorventes sobre os pratos de aço, o que reduzirá o uso de água e sabão para lavagem. Estimular os participantes a limpar seus pratos após o uso.
3. Promover discussões em nível local sobre como reduzir o uso de plástico em sua localidade.
4. Sempre carregar um saco de papel ou tecido ao sair para fazer compras em uma loja ou supermercado.

GPGD 5: Plantio de Mudas

1. Plantar uma muda na área da Igreja durante eventos importantes. Também plantar uma muda para comemorar a visita de personalidades importantes.
2. Após cultos de casamento, os recém-casados devem ser estimulados a plantar uma muda juntos. As mudas podem também ser plantadas em memória de um membro falecido.
3. Incentivar o plantio de árvores frutíferas em locais públicos, que serão usadas por outras criaturas dessas áreas. A CSI promove a biodiversidade. Nosso slogan é: “Plante árvores frutíferas fora de suas fronteiras e zeie por elas”, destacando nossa espiritualidade de cuidar de todos.
4. Garantir que as mudas plantadas sejam regadas e bem cuidadas.

GPGD 6: Construções ecologicamente sustentáveis

1. Usar materiais fabricados de modo sustentável. Usar artigos fabricados localmente sempre que possível. Também considerar os custos da vida útil dos materiais ao consertar, alterar ou reformar instalações.
2. Usar oportunidades para conservar e melhorar o ambiente natural e construído, promover e estimular construções ecologicamente sustentáveis.
3. Construir igrejas para a adoração de Deus e não para mostrar nossa glória. O tamanho da igreja deve ser proporcional ao número médio de fiéis que comparecem aos domingos. A manutenção será um grande problema no futuro, por exemplo, as igrejas no Ocidente estão vendendo suas igrejas por não poder manter a grande estrutura. Temos que evitar o máximo possível o esgotamento dos recursos naturais. A CSI é contra a construção de grandes

edifícios luxuosos de igrejas. Construir igrejas simples, ecologicamente sustentáveis para acomodar o número máximo esperado de pessoas. Usar a quantidade mínima de recursos não renováveis.

4. Compartilhar os edifícios da Igreja com outras denominações é um bom exemplo não apenas para estimular o ecumenismo, mas também pela ecologia, pois promove uma utilização eficaz e eficiente dos recursos.
5. Realizar as discussões necessárias antes de iniciar qualquer projeto de construção. Certificar-se de que a construção seja feita de um modo ecologicamente sustentável.

GPGD 7: Almoço, Jantar e Chá de Irmandade ecologicamente sustentáveis

1. Tentar organizar almoços, jantares e chás reunindo os recursos dos membros em vez de comprar fora. Isso irá promover o valor cristão do compartilhamento e é uma pequena iniciativa para combater as tendências de globalização.

GPGD 8: Gestão de Resíduos

1. Nosso slogan é: “Reduzir, Reutilizar, Reciclar, Recusar”. Portanto: Reduzir resíduos o máximo possível. Reutilizar resíduos com compostagem. Recusar resíduos proveniente de lobby corporativo. Não receber equipamentos de segunda mão provenientes de países desenvolvidos ou lobbies corporativos.
2. Lixo eletrônico é um problema sério porque contém ingredientes fatais; portanto, se o jogarmos no solo e na água, futuramente irá atingir o corpo humano. Existem unidades de reciclagem e processamento em algumas áreas, cujas instalações podem ser usadas, com a ajuda de agências do governo.
3. Não queimar materiais plásticos que produzam um material carcinogênico chamada dioxina, que pode causar câncer e outros graves problemas para a saúde. Além disso, não jogar esses materiais no solo, água e florestas, pois podem causar problemas ambientais. Reduzir o uso. Não misturar com outros resíduos.

GPGD 9: Funções Ecologicamente sustentáveis

1. Serviços de Funerais
Estimular as pessoas a plantar mudas durante serviços de funerais. Reduzir o máximo possível o número de coroas de flores. Uma coroa, representando todas as organizações é o suficiente.

2. Casamentos

Em vez de servir garrafas de plástico com água para as pessoas, organizar-se para servir água em copos. Estimular os recém-casados a plantar uma muda juntos/em vez de acender a lâmpada. Tomas as providências necessárias para colocá-la em um local adequado e cuidar dela.

3. Convenções e Reuniões

Usar amplificadores do tipo caixa de som para evitar a poluição sonora. Nunca usar banners e minimizar decorações. Receber os convidados não com um buquê ou xales, e sim com uma muda.

GPGD 10: Agricultura afirmativa de vida

1. Não usar qualquer tipo de pesticidas químicos na área da igreja.
2. Usar as políticas do governo que incentivam a agricultura. Por exemplo, seguros de disponibilidade cobrindo safras agrícolas. Incentivar as/os agricultoras/es a economizar sementes de suas próprias terras para o ano seguinte.
3. Estimular as igrejas a dedicar um domingo para homenagear as/os agricultoras/es locais; serviços valorizando a importância da agricultura. Estender ajuda financeira a agricultoras/es pobres durante o período de Natal.
4. Estimular as pessoas a plantar hortas e conscientizar sobre os métodos de plantio usando sacos para crescimento e também no solo.
5. Observar compassivamente que nossas práticas agrícolas são responsáveis por muitas doenças, desnutrição, pobreza, etc. A CSI promove o cultivo orgânico e é contrária ao cultivo de Culturas Geneticamente Modificadas
6. Promover a apicultura nas fazendas para facilitar uma melhor polinização e também como fonte de renda.

GPGD 11: Transporte ecologicamente sustentável

1. Estimular as pessoas a usar transporte público para ir à igreja, pelo menos uma vez por mês. Sempre que possível, incentivar as pessoas a acomodar outra família em seus veículos particulares, de forma a reduzir o uso de veículos próprios.
2. Em viagens, temos que fazer o máximo esforço para reduzir a poluição do ar e o consumo de energia.
3. Apoiar a expansão do transporte público de boa qualidade, a implementação de melhores condições para ciclistas e pedestres.

GPGD 12: Pegada “Verde”

1. Publicar o folheto litúrgico da igreja/boletim uma vez a cada dois meses, em vez de todos os meses.
2. Reutilizar o verso em branco de avisos impressos e outros papéis.
3. Estimular o uso de envelopes reutilizáveis.
4. Usar banners de pano.
5. [Usar] mídia digital [em vez de] mídia impressa para compartilhar notícias.

Tarefa: Quais desses doze protocolos são os mais urgentes para você e o lugar onde vive? Como sua comunidade da igreja pode começar a fazer o que eles pregam?

Descreva o que você aprendeu com esta seção. Tome nota disto.

Durante a próxima semana, coloque em prática algo do que você aprendeu hoje. Decida o que será e tome nota disto.

Sessão 20

Em Direção ao Futuro

Esta sessão de encerramento reúne seu aprendizado com o curso completo e explora como você pode seguir em frente a partir deste ponto.

No início deste curso você foi convidada/o a ler e refletir sobre todas as histórias e ideias mencionadas e ver como elas enriquecem, desafiam e mudam a maneira como você entende o modo Anglicano de ser Cristão. Agora chegou o momento de analisar novamente as anotações que você fez sobre o que aprendeu em cada sessão e decidir sobre as lições mais importantes para dar prosseguimento à sua jornada cristã. Compare o que você aprendeu com o que esperava aprender no início do curso (veja suas anotações na primeira sessão). O que se destaca?

Dedique algum tempo para fazer isso antes desta sessão. Isso permitirá que as lições aprendidas realmente se aprofundem. Venha para esta sessão pronto para compartilhar suas reflexões.

Permitam que cada um/a tenha tempo para dizer o que quer dizer. Este é um momento de escutar atentamente e de apoio mútuo.

Em segundo lugar, olhe novamente as diferentes medidas práticas que você implementou com base em cada sessão. Quais dessas medidas você conseguiu continuar a praticar? Quais não conseguiu? Por que?

Agora, pense em quais medidas você deve continuar a seguir. Por que você as escolheu? Novamente, venha para a sessão pronto para compartilhar suas respostas a estas perguntas. Então, na sessão, permitam que cada um/a tenha tempo para dizer o que quer dizer.

À medida que ouvirem o que as outras pessoas têm a dizer, busquem meios para que possam apoiar-se mutuamente nesses próximos passos. Discuta como vocês podem fazer isso e concordem com a melhor maneira para prosseguir.

Termine fazendo uma oração conjunta e para que o Espírito Santo os guie e inspire ao prosseguirem em sua jornada cristã a partir de agora.

Da Parte 1 a Parte 2

A parte 2 destes materiais de estudo oferece uma oportunidade para saber mais sobre como ser anglicana/o nos dias de hoje nas diferentes partes do planeta. Ela oferece uma série de vídeos com depoimentos de uma parte abrangente de pessoas anglicanas leigas e clérigos do mundo. Cobre tópicos como o discipulado anglicano, culto, missão, relacionamentos ecumênicos e inter-religiosos e a Comunhão Anglicana. Conta também com vídeos curtos contendo comentários de vários acadêmicos sobre os testemunhos, que ajudam a explicar o que eles revelam e levantam questões para reflexão e discussão. Tudo isso ajudará a ampliar e enriquecer sua compreensão do que significa ser anglicana/o e como isso pode ajudá-la/o a crescer dentro de uma consciência global e também como pessoa cristã anglicana com raízes locais.

Apêndice

Igrejas da Comunhão Anglicana

Existem atualmente 42 igrejas-membros da Comunhão Anglicana (em uma ou várias províncias):

A Província Episcopal Anglicana de Alexandria [no Egito, África Setentrional e Etiópia]

A Igreja Anglicana em Aotearoa, Nova Zelândia e Polinésia

A Igreja Anglicana da Austrália

A Igreja de Bangladesh

Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

A Igreja Anglicana do Burundi

A Igreja Anglicana do Canadá

A Igreja da Província da África Central

Igreja Anglicana da América Central

Província da Igreja Anglicana do Congo

Igreja Anglicana do Chile

A Igreja da Inglaterra

Hong Kong Sheng Kung Hui

A Igreja da Província do Oceano Índico

A Igreja da Irlanda

O Nippon Sei Ko Kai (A Comunhão Anglicana no Japão)

A Igreja Episcopal em Jerusalém e no Oriente Médio

A Igreja Anglicana do Quênia

A Igreja Anglicana da Coreia

A Igreja Anglicana da Melanésia

A Igreja Anglicana do México

A Igreja da Província de Mianmar (Birmânia)

A Igreja da Nigéria (Comunhão Anglicana)

A Igreja do Norte da Índia (Unida)
A Igreja do Paquistão (Unida)
A Igreja Anglicana de Papua Nova Guiné
A Igreja Episcopal nas Filipinas
Igreja Anglicana de Ruanda
A Igreja Episcopal Escocesa
Igreja da Província da Ásia do Sudeste
A Igreja do Sul da Índia (Unida)
A Igreja Anglicana da África Austral
A Igreja Anglicana da América do Sul
Província da Igreja Episcopal do Sul do Sudão
Província da Igreja Episcopal do Sudão
A Igreja Anglicana da Tanzânia
A Igreja da Província de Uganda
A Igreja Episcopal (EUA)
A Igreja no País de Gales
A Igreja da Província da África Ocidental
A Igreja na Província das Índias Ocidentais
A Igreja Anglicana de Moçambique e Angola

Além disso, existem cinco igrejas extra-provinciais dentro da Comunhão Anglicana, sob a supervisão do Arcebispo da Cantuária:

A Igreja do Ceilão (atualmente discutindo se irá se tornar uma igreja provincial)
Bermudas
A Igreja Lusitana
A Igreja Episcopal Reformada da Espanha
Ilhas Malvinas

Recursos Online

Anglican Alliance (2020), website, <https://anglicanalliance.org/about/>

Anglican Communion

- (1888), 'Chicago-Lambeth Quadrilateral' at http://www.anglicancommunion.org/resources/acis/docs/chicago_lambeth_quadrilateral.cfm
- (1908), Lambeth Conference Resolutions of 1908 <https://www.anglicancommunion.org/media/127728/1908.pdf>
- (1920), 'An Appeal to All Christian People', Resolution 9 of the Lambeth Conference of 1920, <https://www.anglicancommunion.org/media/127731/1920.pdf>
- (1930), Lambeth Conference resolution 49 <https://www.anglicancommunion.org/media/127734/1930.pdf?year=1930>
- (1948), Report IV, 'The Anglican Communion', *The Lambeth Conference 1948: The Encyclical Letter from the Bishops; together with Resolutions and Reports*, London.
- (1998) Lambeth Conference 1998 Resolutions <https://www.anglicancommunion.org/media/76650/1998.pdf>
- (2004), The Windsor Report at <http://www.anglicancommunion.org/windsor2004.cfm>
- (2008), *Equipping Bishops as Leaders in God's Mission*, the 14th Lambeth Conference, London: Anglican Consultative Council
- (2009), 'An Anglican Communion Covenant', final text, at www.anglicancommunion.org/commission/covenant/final/text.cfm
- (2015), *Equipping Bishops as Leaders in God's Mission: Reports and Reflections on the fourteenth Lambeth Conference [of 2008]*, London: Anglican Consultative Council
- (2016), 'Five Marks of Mission', <https://www.anglicancommunion.org/mission/marks-of-mission.aspx>
- (2017), *Walking Together on the Way: Learning to be the Church – Local, Regional and Universal*, London: SPCK, <http://www.anglicancommunion.org/media/344839/walking-together-on-the-way-spck-2018.pdf>
- (2018) 'Guidelines for the Networks of the Anglican Communion', <https://www.anglicancommunion.org/media/335434/guidelines-for-the-networks-of-the-anglican-communion.pdf> See also <https://www.anglicancommunion.org/community/networks.aspx>
- (2019), 'Ecumenical Dialogues', <http://www.anglicancommunion.org/ecumenism/ecumenical-dialogues.aspx>

Anglican Consultative Council (ACC)

- (1971-2017), Reports and resolutions of ACC meetings, from Limuru 1971 to Hong Kong 2017, <https://www.anglicancommunion.org/structures/instruments-of-communion/acc.aspx>
 - (1984), *Bonds of Affection: The Report of ACC-6*, London: Anglican Consultative Council
 - (1990), *Report of ACC-8*, <https://www.anglicancommunion.org/structures/instruments-of-communion/acc/acc-8.aspx>
 - (2008), *The Principles of Canon Law Common to the Churches of the Anglican Communion*, London: Anglican Communion Office.
 - (2010), *One Love: Report of ACC-14*, London: Anglican Consultative Council
 - (2016), *Intentional Discipleship and Disciple-Making* at <https://www.anglicancommunion.org/media/220191/intentional-discipleship-and-disciple-making.pdf>
 - (2016b), *Intentional Discipleship in a World of Difference*, London: Anglican Consultative Council
 - (2016c), Resolutions at ACC 16, Lusaka, Zambia, <https://www.anglicancommunion.org/structures/instruments-of-communion/acc/acc-16/resolutions.aspx>
 - (2018), Anglican Consultative Council Annual Report 2018, [http://apps.charitycommission.gov.uk/Accounts/Ends73/0001137273 AC 20181231 E C.PDF](http://apps.charitycommission.gov.uk/Accounts/Ends73/0001137273_AC_20181231_E_C.PDF)
 - (2019), 'What is the Standing Committee?', <http://www.anglicancommunion.org/structures/instruments-of-communion/acc/standing-committee/what-is-the-standing-committee.aspx>
 - (2020), The Season of Intentional Discipleship, <https://www.anglicancommunion.org/mission/intentional-discipleship.aspx>
 - (2020b), the department for Gender Justice at the Anglican Communion Office, <https://www.anglicancommunion.org/mission/gender-justice.aspx>
 - (2020c), the department for Theological Education in the Anglican Communion (TEAC), <https://www.anglicancommunion.org/theology/theological-education.aspx>
 - (2020d), the Anglican Communion at the United Nations, <https://www.anglicancommunion.org/mission/at-the-un.aspx>
 - (2020e), Anglican Communion News Service, <https://www.anglicannews.org/>
- Anglican Communion Environmental Network / ACEN (2020), <https://acen.anglicancommunion.org>

Anglican News Service

– (2019), 'Mothers' Union: One of Anglican Communion's greatest gifts to worldwide Church – Abp Welby', <https://www.anglicannews.org/news/2019/02/mothers-union-one-of-anglican-communions-greatest-gifts-to-worldwide-church-abp-welby.aspx>

A Rocha (2021) <https://ecochurch.arocha.org.uk/beacons-of-hope>

Basoga, David (2016), Translation of Tukutendereza Yesu., https://www.researchgate.net/figure/Tukutendereza-Yesu-in-Luganda-English-and-Runyankore_tbl1_307444853

Church of England, The (1662), *The Book of Common Prayer*, standard edition of 2004, Cambridge: Cambridge University Press.

Church of South India (2018), Green Protocol for Green Discipleship, https://www.csisynod.com/deptnews_view.php?id=5605&cat=EC

Church Mission Society (CMS) (2021), <https://churchmissionsociety.org/>

Colleges and Universities of the Anglican Communion / CUAC (2020), <https://cuac.anglicancommunion.org>

Global Anglican Futures Conference / GAFCON (2020), <https://www.gafcon.org/about/jerusalem-statement>

IARCCUM (International Anglican Roman Catholic Commission for Unity and Mission)

– (1982), Common Declaration of Pope John Paul II and the Archbishop of Canterbury Dr Robert Runcie, https://iarccum.org/archive/1982_common_declaration.pdf

IASCUFO (Inter-Anglican Standing Commission on Unity, Faith and Order)

– (2015), *Towards a Symphony of Instruments: A Historical and Theological Consideration of the Instruments of Communion of the Anglican Communion*, London: Anglican Consultative Council, <https://www.anglicancommunion.org/media/209979/Towards-a-Symphony-of-Instruments-Web-Version.pdf>

– (2018), *Communion in Ministry and Mission*, London: Anglican Consultative Council, <https://www.anglicancommunion.org/media/345572/Communion-in-Ministry-and-Mission-pdf>

Lambeth Conference Company (2020), website, <https://www.lambethconference.org/>

Law, William (1728), *A Serious Call to a Devout and Holy Life*, at http://www.ccel.org/ccel/law/serious_call.toc.html

MISSIO (Mission Commission of the Anglican Communion)

– (2000), *Anglicans in Mission: A Transforming Journey: Report to the Anglican Consultative Council meeting in Edinburgh 1999*, London: SPCK. Also available at <https://www.anglicancommunion.org/media/108016/MISSIO-The-Standing-Commission-for-Mission-of-the-Anglican-Communion.pdf>

Mothers' Union (2020), 'Our Vision', <https://www.mothersunion.org/our-vision>

National Archives (2020), <https://www.nationalarchives.gov.uk/domesday/world-of-domesday/church.htm>

National Society of the Church of England (2020), <https://www.churchofengland.org/more/education-and-schools/church-schools-and-academies#na>

Taylor, Jeremy (late 1620s), 'On the Reverence due to the Altar' at <http://anglicanhistory.org/taylor/reverence.html>

– (1650), *Holy Living*, http://www.ccel.org/ccel/taylor/holy_living.html

Tearfund (2020), <https://www.tearfund.org/>

Theological Education in the Anglican Communion (TEAC),

– (2007), 'The Anglican Way: Signposts on a Common Journey', consultation text, Singapore, <https://www.anglicancommunion.org/theology/theological-education/the-anglican-way.aspx>

– (2020), TEAC Home Page, <https://www.anglicancommunion.org/theology/theological-education.aspx>

Toronto Anglican Congress (1963), <http://anglicanhistory.org/canada/toronto-mutual1963.html>

United Society Partners in the Gospel (USPG) (2020), <https://www.uspg.org.uk/>

World Council of Churches (WCC)

– (1982) *Baptism – Eucharist – Ministry*, Faith and Order Paper 111, https://www.anglicancommunion.org/media/102580/lima_document.pdf

– (1991), *Confessing the One Faith: An Ecumenical Explication of the Apostolic Faith as it is Confessed in the Nicene-Constantinopolitan Creed (381)*, Faith and Order Paper 153, Geneva: WCC, <https://archive.org/details/wccfops2.160/mode/2up>

- (2013), *The Church: Towards a Common Vision*, Faith and Order Paper 214, Geneva: WCC, https://www.oikoumene.org/en/resources/documents/commissions/faith-and-order/i-unity-the-church-and-its-mission/the-church-towards-a-common-vision/@@download/file/The_Church_Towards_a_common_vision.pdf

